

**MARIANA APOLINÁRIO DE MORAIS**

**ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: AS CRÔNICAS DE  
ALPHONSUS DE GUIMARAENS NO JORNAL *CONCEIÇÃO DO SERRO***

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis

**VIÇOSA – MINAS GERAIS**

**2019**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

M827e  
2019

Morais, Mariana Apolinário de, 1993-  
Entre a tradição e a modernidade : as crônicas de Alphonsus  
de Guimaraens no Jornal *Conceição do Serro* / Mariana  
Apolinário de Moraes. – Viçosa, MG, 2019.  
153 f. ; 29 cm.

Inclui anexo.

Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.77-79.

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura - História. 3. Crônicas.  
4. Jornais. 5. Guimaraens, Alphonsus de, 1870-1921.

I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.

Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 22 ed. B869.8

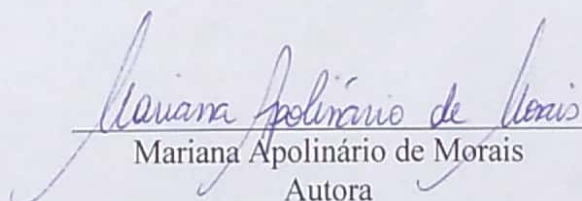
MARIANA APOLINÁRIO DE MORAIS

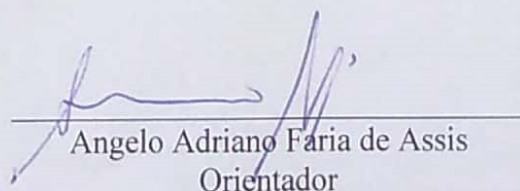
**ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: AS CRÔNICAS DE  
ALPHONSUS DE GUIMARAENS NO JORNAL *CONCEIÇÃO DO SERRO***

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação em  
Letras, para obtenção do título de  
*Magister Scientiae*.

APROVADA: 02 de dezembro de 2019.

Assentimento:

  
Mariana Apolinário de Moraes  
Autora

  
Angelo Adriano Faria de Assis  
Orientador

*Aos meus pais, Zélia e Roberto, e aos meus  
irmãos Guilherme, Douglas e Daniela*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Zélia e Roberto, pelo incondicional amor e pelo incentivo e suporte durante toda minha trajetória acadêmica. Aos meus irmãos Guilherme, Douglas e Daniela, por terem sido o primeiro motivo do meu interesse pela formação acadêmica, por serem pacientes durante minha formação, quando, por vezes, faltava a eles para que fosse possível que meus pais me ajudassem financeiramente.

Aos meus amigos do peito, Homero e Douglas, pela amizade, apoio e tantos consolos ao telefone. Aos meus amigos de Franca- SP, que desde o Ensino Médio acompanham minha trajetória, Thalita, Marina, Gustavo e Lucas, que foram ombros amigos e grandes incentivadores, pacientes nas minhas ausências, revigorantes nas minhas parcas presenças.

Às muitas mulheres que me rodeiam, amigas de luta que me doaram muito cuidado, e que participaram diretamente no processo de realização deste trabalho, Viviane, Marcella, Thalita Rody, Thayane, Lilian, Camila, Juliana, Bárbara, Núbya e todas as demais, que foram tranquilidade, atenção e cuidado nesse período.

Devo um agradecimento especial à Priscila, minha companheira e amiga de todas as horas, pela infindável paciência, constante parceria e cuidados investidos. A ela agradeço também a generosidade da leitura atenciosa deste trabalho e de todas as ideias compartilhadas, desde a concepção do projeto.

À professora Cilza Bignotto, por ser inspiração, por ter me introduzido na pesquisa dos estudos literários, pelas contribuições a este trabalho e pela amizade, a quem agradeço a parceria indelével nas minhas pesquisas, desde a graduação, apesar dos percalços.

Aos amigos do Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Viçosa, por terem compartilhado as dores e as delícias da pós-graduação e por me receberem tão bem nessa universidade.

Ao meu orientador, Angelo Adriano Faria de Assis, pelo conhecimento compartilhado e pela paciência, mas, principalmente, por ter me olhado com humanidade quando foi preciso. Em um ambiente tão árido como o da academia, a humanidade é tão necessária quanto o saber científico.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, a quem agradeço no nome da professora Joelma Santana Siqueira, e aos funcionários do departamento de Letras da UFV, pelo conhecimento compartilhado e pela acolhida amiga.

Aos funcionários do Museu Casa de Alphonsus, em Mariana- MG, que me receberam com muita atenção e me ajudaram com o que foi preciso.

Em um momento no qual a pesquisa científica no país vem sendo cada vez mais ameaçada, agradeço à CAPES por ter tido o privilégio do financiamento deste trabalho.

*O mineiro é velhíssimo, é um ser reflexivo, com segundos propósitos e enrolada natureza. É uma gente imaginosa, pois que muito resistente à monotonia. (...) Tem a memória longa. Não tem audácias visíveis. Ele escorrega para cima. Só quer o essencial, não as cascas. Sempre frequentado pelo enigma, pica o enigma em pedacinhos, como quando pica seu fumo de rolo, e faz contabilidade da metafísica; gente muito apta ao reino-do-céu. (...) Até sem saber que o faz, o mineiro está sempre pegando com Deus. Principalmente, isto: o mineiro não usurpa.*

*Aí está Minas: a mineiridade.*

*João Guimarães Rosa*

## RESUMO

MORAIS, Mariana Apolinário de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2019. **Entre a tradição e a modernidade: as crônicas de Alphonsus de Guimaraens no jornal *Conceição do Serro***. Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis.

O escritor mineiro Alphonsus de Guimaraens (1870-1921) é comumente lembrado pela história e crítica literária devido à qualidade de seus poemas simbolistas, responsáveis por ter elevado o autor ao patamar de cânone das letras brasileiras. Além de poeta, Alphonsus de Guimaraens desempenhou por aproximadamente 30 anos, de 1890 a 1921, a função de cronista, contribuindo com a publicação de jornais. De 1904 a 1905, especificamente, Guimaraens dirigiu e produziu o jornal *Conceição do Serro*, além de ter publicado crônicas de sua autoria em praticamente todas as 45 edições do periódico. As crônicas de Alphonsus de Guimaraens, sobretudo as publicadas em jornais, correspondem a parte considerável da produção literária desse autor que se encontra em esquecimento. Dessa forma, ao voltar-se para o cânone sobre a perspectiva do esquecimento, com vistas a resgatar parte da história e da memória literária que não foi institucionalizada, este trabalho pretende investigar as crônicas de Alphonsus de Guimaraens publicadas no jornal mineiro *Conceição do Serro*. Para tanto, após levantamento e transcrição das crônicas, serão discutidas, primeiramente, a profícua relação da literatura com o jornal, assim como a relação do escritor mineiro com os jornais. Posteriormente, este trabalho discute aproximações e distanciamentos entre a poesia de Guimaraens e as crônicas do *Conceição do Serro*, com ênfase nas temáticas lua / luar e religião / religiosidade. Apesar do diálogo das crônicas com temas fortemente desenvolvidos na poesia do autor, os textos em prosa não se restringem aos parâmetros da estética simbolista. Por fim, este trabalho discute como as crônicas de Alphonsus de Guimaraens, partindo do pressuposto de que Minas Gerais é o lugar da tradição, parecem evidenciar um projeto de manutenção dessa, condenando, desse modo, as transformações sociais provocadas pela modernidade. Esse projeto será evidenciado, principalmente, nas crônicas que abordam o papel social da mulher e o seu direito ao voto. Os cronistas de Alphonsus reafirmam o papel da mulher enquanto mãe, esposa e dona do lar, restrita ao espaço privado, rechaçando, conseqüentemente, a luta pelo direito ao voto feminino e ao espaço público. Por conseguinte, as crônicas evidenciam Alphonsus de Guimaraens cronista um observador atento às transformações de seu tempo.



Palavras-chave: Literatura brasileira. História Literária. Alphonsus de Guimaraens. Crônicas.  
Jornal. Tradição.

## ABSTRACT

MORAIS, Mariana Apolinário de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2019. **Between tradition and modernity: the chronicles of Alphonsus de Guimaraens in the newspaper *Conceição do Serro***. Advisor: Angelo Adriano Faria de Assis.

The Minas Gerais writer Alphonsus de Guimaraens (1870-1921) is commonly remembered by history and literary criticism because of the quality of his symbolist poems, responsible for raising the author to the level of canon of Brazilian letters. Beyond that, Alphonsus de Guimaraens performed the role of chronicler for approximately 30 years, from 1890 to 1921, contributing to newspapers from the cities where he lived. Specifically, from 1904 to 1905, Guimaraens directed and produced the newspaper *Conceição do Serro*, and published chronicles of his own in virtually all 45 editions of the periodical. Alphonsus de Guimaraens's chronicles, especially those published in newspapers, correspond to a considerable part of his literary production which is in oblivion. Thus, by turning to the canon on the perspective of forgetfulness, aiming at retrieving part of history and literary memory that was not institutionalized, this paper intends to investigate the chronicles of Alphonsus de Guimaraens published in the Minas Gerais newspaper *Conceição do Serro*. For this, after survey and transcription of the chronicles, will be discussed, firstly, the fruitful relationship of literature with the newspaper, as well as the relationship of the Minas Gerais writer with the newspapers. Subsequently, this paper discusses approximations and distances between Guimaraens' poetry and *Conceição do Serro's* chronicles, with emphasis on the themes moon / moonlight and religion / religiosity. Despite the dialogue of the chronicles with strongly developed themes in the author's poetry, prose texts are not restricted to the parameters of symbolist aesthetics. Finally, this paper discusses how the chronicles of Alphonsus de Guimaraens, based on the assumption that Minas Gerais is the place of tradition, seem to evidence a project of maintaining this, thus condemning the social transformations brought about by modernity. This project will be evidenced mainly in the chronicles that address the social role of women and their right to vote. Alphonsus's chroniclers reaffirm the role of women as mothers, wives and homemakers, restricted to the private space, thus rejecting the struggle for the right to female voting and public space. Consequently, the chronicles show Alphonsus de Guimaraens chronicler an observer attentive to the transformations of his time.

Keywords: Brazilian literature. Literary history Alphonsus de Guimaraens. Chronicles.  
Newspaper. Tradition.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I: ENTRE AS LACUNAS DA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA: A PARCERIA ENTRE LITERATURA E JORNAL .....</b>	<b>17</b>
1.1. Literatura e jornal: um elo produtivo .....	20
1.1.1. O GÊNERO CRÔNICA.....	24
1.2. As crônicas de Alphonsus de Guimaraens e o esquecimento .....	27
1.3. Alphonsus de Guimaraens e a imprensa paulistana .....	28
1.4. Alphonsus de Guimaraens e o retorno pra Minas Gerais.....	30
1.5. As crônicas em Conceição do Serro.....	32
<b>CAPÍTULO II: ALPHONSUS DE GUIMARAENS CRONISTA E O SIMBOLISMO .</b>	<b>35</b>
2.1. O mal-estar do Simbolismo.....	35
2.1.1. VILLA KYRIAL E O SIMBOLISMO NA CAPITAL PAULISTA.....	38
2.2. Reflexos do Simbolismo nas crônicas de Alphonsus de Guimaraens.....	42
2.2.1. LUA.....	43
2.2.2. FÉ E RELIGIÃO .....	48
<b>CAPÍTULO III: AS CRÔNICAS DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS NA “MODERNIDADE” .....</b>	<b>54</b>
3.1. Alphonsus de Guimaraens: tensões entre a modernidade e o conservadorismo .....	56
3.2. <i>Conceição do Serro</i> : o “jornal de Alphonsus” e a modernidade no interior mineiro	58
3.3. Minas Gerais: memória e tradição.....	62
3.4. O direito das mulheres e a ameaça moderna .....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>80</b>

## INTRODUÇÃO

Depois de aproximadamente seis anos fechado para restauração, em 2016 o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, em Mariana-MG, reabriu suas portas para visitação. Naquela época, eu havia recentemente concluído meu curso de graduação em Letras, na Universidade Federal de Ouro Preto e estava preparando-me para ingressar na pós-graduação. Após a reinauguração, eu, pronta e curiosamente, fui visitar aquele casarão imponente, cujo interior eu jamais havia visto naqueles cinco anos de estudante em Mariana.

A visita rendeu-me felizes surpresas, não somente pela belíssima arquitetura do casario colonial, como também pelo rico acervo exposto, mas, sobretudo, por me apresentar um atributo de Alphonsus de Guimaraens que eu até então desconhecia: o de cronista de jornais. Tamanha minha surpresa e empolgação, não hesitei em dividir com a professora Cilza Bignotto a minha intenção em dedicar um projeto de pesquisa   investigação das crônicas de Alphonsus de Guimaraens. Naquela ocasião, recebi da professora o apoio e o encorajamento para trabalhar com a obra de Alphonsus de Guimaraens, por ser esse uma célebre figura mineira e da literatura nacional, por muitas vezes olvidado da nossa memória<sup>1</sup>.

Na concepção do projeto, fui levada a refletir sobre o porquê do apagamento de tão vasta produção de um autor reconhecido nacionalmente e, diante disso, surgiram-me hipóteses: a primeira está relacionada com o suporte no qual se encontram e com o gênero textual. O jornal, assim como o gênero crônica, são historicamente datados, feitos para serem efêmeros e, talvez, esse tenha sido um motivo que contribuiu para o esquecimento dessa parte relevante da obra de Alphonsus de Guimaraens. Outra hipótese refere-se a o escritor ter sido um exímio poeta da estética simbolista, que, tradicionalmente, na prosa não obteve grandes destaques, sendo a poesia sua linguagem primeira, desde os grandes nomes franceses até os expoentes brasileiros.

Buscando referências das crônicas de Alphonsus de Guimaraens nos manuais de história da literatura, nos livros de crítica literária e também nos bancos de teses e dissertações, notei que os textos em prosa de Alphonsus foram pouco contemplados pelos Estudos Literários e, sobretudo, as publicações das crônicas nos jornais encontravam-se em esquecimento.

---

<sup>1</sup> Por ter inspirado em mim o desejo pela pesquisa, ressalto aqui a extrema relevância dos museus enquanto importantes arquivos de memória que, por sua vez, não permitem que esta seja apagada, mantendo-a para que possa ser oportunamente resgatada por pesquisadores, professores, estudantes e cidad es.

Considerando que o escritor mineiro publicou crônicas em jornais por quase toda sua vida produtiva de escritor, de 1890 a 1921, pareceu-me que a não contemplação dessa parte da produção do autor configurava-se como uma grande lacuna nos estudos da obra de Alphonsus de Guimaraens, assim como na história da literatura nacional.

No final do século XIX e início do XX, período no qual Alphonsus de Guimaraens produziu literatura, o jornal desempenhava papel fundamental na cena literária do nosso país e, por isso, ao abordar a produção literária desse escritor, não parece prudente desconsiderar as publicações destinadas à veiculação no jornal. Nesse sentido, Barbosa (2007) afirma que

não é mais possível escrever uma história da vida cultural brasileira oitocentista sem a consulta aos jornais da época. Contudo, essa pesquisa não deve se limitar apenas ao levantamento e à catalogação de textos literários, como arquivos mortos, gavetas de bibliotecas. Ao contrário, a pesquisa sobre a presença da literatura neste suporte deve tomá-lo como responsável pela economia interna da linguagem, bem como pela divulgação e circulação da cultura escrita do XIX. (p.18)

Assim, este trabalho tem por objetivo revisitar as crônicas de Alphonsus de Guimaraens publicadas especificamente no jornal *Conceição do Serro* - órgão oficial do município homônimo, veiculado de 1904 a 1905, a fim de trazer à luz esses textos em situação de esquecimento para, assim, analisar elementos temáticos, linguístico e histórico-sociais que foram registrados pelo cronista.

A escolha do citado jornal para constituição do *corpus* justifica-se por esse ter sido “o jornal de Alphonsus”, uma vez que o autor era o responsável pelo periódico, possuindo, desse modo, total liberdade de organização e de publicação. Por esse motivo, parece legítimo que nesse suporte Guimaraens tenha publicado textos ao seu modo, por não estar sujeito aos limites editoriais que restringem a maioria dos contribuintes do jornal.

Para o acesso aos jornais, foi utilizada a versão digitalizada de 45 edições do *Conceição do Serro* disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Sem esse suporte digital, que possibilita a preservação e maior acesso ao acervo, provavelmente não seria possível a realização desta pesquisa.

Dentre as 45 edições do jornal, foram encontradas 36 crônicas assinadas por Alphonsus de Guimaraens, sob os pseudônimos Guy e João Carrilho, que compunham a seção “Crônica” e, por vezes, a seção “Croniqueta”. A investigação dessa coletânea evidenciou um cronista que, por vezes, dialoga com o Alphonsus de Guimaraens poeta, mas que não se limita a reproduzir

nas crônicas temáticas e linguagem simbolistas, e vai além, demonstrando ser um observador social atento às transformações mundiais e nacionais de seu tempo.

Portanto, a fim de discutir Alphonsus de Guimaraens cronista e suas crônicas no jornal *Conceição do Serro*, esta dissertação está dividida em três capítulos, cujos assuntos dialogam e complementam-se. O primeiro deles destina-se a tratar por um viés histórico e teórico, principalmente, a relação entre a literatura e o jornal. Para isso, serão levados em consideração os apontamentos de Sodré (1999), Granja; Andries (2015), Santos (2009) e Barbosa (2007), para discutir como a literatura galgou seu local de importância nos jornais.

Um dos frutos dessa relação entre jornal e literatura foi o desenvolvimento de um novo modo de produzir o gênero crônica, uma vez que esse foi adaptando-se aos formatos e interesses do folhetim, espaço no jornal dedicado à literatura. Por esse motivo, parte desse primeiro capítulo é dedicado à discussão do gênero crônica e às transformações que o gênero e o jornal sofreram até chegarem ao que modelo escrito por Alphonsus de Guimaraens. A respeito desse assunto, levou-se em consideração os apontamentos de Sá (1985), Candido (2003), Meyer (1992) e Santos (2009).

Ainda no primeiro capítulo, será abordada a história de Alphonsus de Guimaraens como cronista de jornais, evidenciando o início de sua relação com o jornal, ainda em São Paulo, e a sua experiência no *Conceição do Serro*. Para tanto, será realizado um diálogo com Broca (1951), Lisboa (1945), Ricieri (2004) e Candido (2000).

O segundo capítulo tem por finalidade observar proximidades e distanciamentos das crônicas do jornal mineiro com temas caros ao Simbolismo e à poética de Alphonsus de Guimaraens. Para tanto, será tratado, a partir de Bosi (2006) e Lisboa (1945) e Broca (1951), brevemente sobre a estética Simbolista no Brasil.

Lisboa (1945) afirma que o contexto das cidades históricas mineiras nas quais Alphonsus de Guimaraens viveu influenciou sua poesia, sobretudo no que diz respeito ao elogio da religiosidade e do misticismo, característicos da poética do autor. Tal influência também é observável nas crônicas do escritor no jornal *Conceição do Serro* e, posteriormente, será discutida no capítulo referido.

Desse modo, também se faz importante buscar compreender se a vivência do cronista na cidade de São Paulo, onde esteve de 1889 a 1904, e também onde iniciou sua colaboração como cronista para jornais, reflete em suas crônicas. Assim, a Villa Kyrial, importante grupo cultural paulistano, liderado pelo mecenas e poeta simbolista Freitas do Valle, apresenta-se como uma referência, uma vez que Alphonsus de Guimaraens foi frequentador de tal grupo.

Portanto, parte do segundo capítulo é dedicado a tratar sobre os costumes e a estética que os frequentadores da Villa Kyrial adotaram e de que modo Alphonsus de Guimaraens cronista aproxima-se ou distancia-se de tais práticas. Para isso, contaremos com os estudos de Camargos (2001) sobre o referido grupo e seu contexto histórico.

Posteriormente, serão abordados os diálogos entre crônica e poesia a partir de duas temáticas específicas, de relevância para a poesia simbolista de Alphonsus de Guimaraens: a lua/ luar e a religião/ religiosidade. Tais temas foram recortados com base em sua recorrência dentro da coletânea de crônicas do autor no jornal *Conceição do Serro*, observados a partir da leitura. Nesse ponto, os apontamentos de Ricieri (2001) serão levados em consideração para as análises.

O terceiro e último capítulo pretende evidenciar que o cronista não se limitou apenas a abordar assuntos relacionados àqueles desenvolvidos pelo escritor mineiro na poesia. Muitas das crônicas publicadas no jornal de Alphonsus estão conectadas com as transformações sociais pelas quais o mundo estava passando em um contexto mundial pós Revolução Técnico Científica e pós Revolução Francesa, além de um cenário nacional de uma República recém proclamada.

O contexto mencionado apresenta um ideal de modernidade que deveria ser alcançado nas diversas esferas da vida social, tais como na industrial, comercial, política e comportamental. Todas essas transformações de nível nacional e internacional eram percebidas pelo autor e registradas em suas crônicas. Para a análise desse conteúdo, primeiramente será apresentado um breve contexto histórico sobre o Brasil e Minas Gerais no início do século XX, período ao qual pertencem as crônicas analisadas, com base nas colocações de Sevcenko (1998), Candido (2000) e Viscardi (1999).

Neste capítulo também será discutido como o próprio jornal *Conceição do Serro* representa um indício de modernização para a interiorana cidade mineira. Com tal finalidade, serão apresentadas as colocações de Sodré (1999), Mendes (2010) e Chalhoub; Neves; Pereira (2005).

Diante da modernidade e das transformações sociais que ela anuncia, Alphonsus de Guimaraens situa Minas Gerais como o local da tradição, ou seja, aquele onde os velhos costumes e as tradições devem ser mantidos. Esse parecer do cronista será o norte das análises que seguirão.

Destarte, esse capítulo irá discutir como Alphonsus de Guimaraens parece criar em suas crônicas um projeto para conter os avanços modernos que aparentemente ferem o padrão estabelecido, que tem como plano de fundo ideologias religiosas e patriarcais. Isso pode ser



observado nas crônicas com base no posicionamento dos narradores a respeito do papel social das mulheres, que, segundo as narrativas, devem ocupar somente o espaço privado, desempenhando as funções de mãe, esposa e dona do lar.

Conseqüentemente, as manifestações pelo direito ao voto feminino e à participação das mulheres na vida pública é rechaçado pelo cronista. Para dialogar com tais crônicas, serão trazidos à baila, principalmente, os apontamentos de Maluf e Mott (1998).

Por fim, esta dissertação conta com a transcrição das crônicas publicadas por Alphonsus de Guimaraens no jornal *Conceição do Serro*, segundo o acordo ortográfico vigente. Essas podem ser encontradas anexadas a este texto.

## CAPÍTULO I: ENTRE AS LACUNAS DA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA: A PARCERIA ENTRE LITERATURA E JORNAL

A relação entre jornal e literatura no século XIX transformou a cena cultural do Brasil oitocentista. Nesse momento histórico, o texto literário extrapola os limites do livro, seu suporte por excelência, e ganha espaço no jornal, que lhe serviu, sobretudo ao longo do século XIX e início do século XX, como profícua oficina de produção literária.

Muitos foram os escritores brasileiros que contribuíram para a manutenção e para o fortalecimento desta parceria entre o jornal e a literatura. Alguns dos grandes nomes de nossas letras, como Machado de Assis e José de Alencar, foram reconhecidos como tais graças aos seus clássicos que primeiramente estamparam as páginas dos periódicos. *O Guarani*, de José de Alencar, foi veiculado primeiramente no *Diário do Rio de Janeiro* em 1857 e a *A mão e a luva* e *Helena*, de Machado de Assis, impressos inicialmente no jornal *O Globo* e editados posteriormente pela editora Garnier.

No caso desses autores e de outros daquela época, o jornal serviu como uma espécie de trampolim literário, pois mediante grande sucesso nos periódicos, os textos eram publicados posteriormente em livros. A publicação nesse suporte permitia que, a longo prazo, um maior número de leitores tivesse acesso ao texto, visto que em sua materialidade o livro é mais duradouro que o jornal. No formato de livro, algumas dessas obras atingiram o patamar de cânone e algumas delas ainda são lidas e relidas mesmo após anos de sua publicação.

Naquele cenário de efervescência literária nos jornais, também houve aqueles autores e textos que não foram perpetuados pelo livro e, devido à efemeridade do suporte jornal, foram esquecidos pelos leitores, pela historiografia e pela crítica literária. É nesse sentido que Regina Zilberman (2003 *apud* BARBOSA, 2007, p.15) argumenta que “ainda não foi completada a história que narra a dívida da literatura brasileira para com o jornalismo, especialmente no século XIX”. Portanto, se revisitadas, as páginas velhas e muitas vezes desgastadas desses jornais podem trazer à luz parte significativa da história da literatura brasileira.

É nesse contexto de esquecimento que se encontra parte da obra de Alphonsus de Guimaraens, uma vez que suas publicações nos jornais, sobretudo as crônicas, ainda carecem de serem reconhecidas. O poeta mineiro, nascido na cidade de Ouro Preto, em 1870, é aclamado pela crítica literária brasileira principalmente no que concerne às suas poesias. Alphonsus figura entre os mais importantes poetas simbolistas de nossa pátria e é lembrado pela história e crítica literárias como um dos grandes expoentes da poesia brasileira.

Alphonsus de Guimaraens publicou número significativo de livros de poesia, dentre os quais se destacam os seguintes títulos: *Septenário das Dores de Nossa Senhora e Câmara Ardente* (1899), *Dona Mística* (1899), *Kiriale* (1902), *Pauvre Lyre* (1921), *Pastoral aos crentes do Amor e da Morte* (1923), *Escada de Jacó* (1938) e *Pulvis* (1938), sendo as três últimas obras publicadas postumamente. Todos esses livros são marcados pelo misticismo religioso e pelo decadentismo, traços que caracterizam sua obra poética.

Além dos livros de poesia, Alphonsus de Guimaraens publicou um único exemplar em prosa intitulado *Mendigos*, datado de 1920, sendo esse o último livro que o autor viu publicado, já que faleceu no ano seguinte, em 1921. Impresso pela Tipografia da Casa Mendes, em Ouro Preto, em uma única edição, *Mendigos* é uma coletânea de quarenta e cinco crônicas publicadas anteriormente em jornais com os quais Alphonsus contribuiu durante sua vida, sendo alguns deles *O Germinal*, da cidade de Mariana, e *Conceição do Serro*, intitulado órgão oficial do município homônimo.

O referido livro representa uma pequena parcela de toda a produção de crônicas que Alphonsus publicou majoritariamente nos jornais. Desse modo, as demais crônicas publicadas pelo autor durante quase toda sua vida produtiva configuram-se um terreno fértil e ainda inexplorado para as pesquisas sobre a obra em prosa do autor. *Mendigos* é, segundo Ricieri (2004, p. 314), a região limítrofe a que alguns pesquisadores, de passagem, chegaram a aventurar-se.

A despeito desse lugar de não prestígio que ocupam na obra de Alphonsus, quando comparadas às poesias, as crônicas representam parte significativa dela, uma vez que, paralelamente à produção de poemas e à publicação de livros, Alphonsus publicou crônicas nos jornais por aproximadamente trinta anos, de 1890 a 1921. As crônicas evidenciam não somente um poeta que se aventurou pela escrita em prosa, como também um literato que teve forte relação com o jornal e encontrou nesse suporte possibilidades de criação literária, de circulação de seus textos e de profissionalização.

A produção de crônicas foi muitas vezes mais rentável para o autor que a publicação de poesia, uma vez que alguns jornais pagavam apenas pela contribuição em prosa. Esse tipo de arranjo comercial pode ser verificado na carta que Freitas do Vale endereça ao escritor mineiro em 16 de setembro de 1916<sup>2</sup>: “Arranjei com meu amigo Gustavo Figueiredo a tua colaboração na revista mensal – *O Eco*, [...]: é preciso que mandes *prosa*, alguns pequenos contos, por

---

<sup>2</sup> A carta mencionada faz parte da correspondência passiva de Alphonsus de Guimaraens publicada no livro *Correspondências de Alphonsus de Guimaraens*, organizada por Alexei Bueno em 2002.

exemplo. Podes mandar versos, mas não serão pagos, ainda que publicados com maior prazer” (p.58).

Além das funções de poeta e cronista desempenhadas por Alphonsus em diversos jornais, o autor também atuou como diretor, revisor e tradutor. Assim sendo, os jornais representaram para o escritor fonte de renda paralela aos ganhos da área jurídica, na qual exercia sua formação de bacharel em Direito. No século XIX e no início do século XX, era comum que os homens das letras ocupassem nos jornais múltiplas funções, que não se restringiam somente à escrita de textos literários.

Desse modo, é possível perceber que o jornal representou para Alphonsus de Guimaraens, assim como para outros escritores de sua época, um grande parceiro no exercício literário e profissional. Apesar disso, as crônicas produzidas e publicadas nos jornais não figuram no lugar prestigioso da memória. Mediante o contexto de esquecimento de parte da história literária inscrita nos jornais, esses podem servir aos pesquisadores como profícuas fontes de resgate da história e da memória literária.

Considerando a premissa freudiana de que o esquecimento e a memória estão mutuamente ligados, Adreas Huyssen (2000), no texto “Passados presentes: mídia, política, amnésia”, discorre sobre o aumento do consumo de memória e história no século XX e o antagônico aumento da amnésia apontado pelos estudiosos da memória. Segundo o autor, com frequência os críticos afirmam que a própria cultura da memória contém em si um paradoxo, sendo ela mesma responsável pela amnésia. Tal crítica baseia-se, principalmente, no surgimento e uso das mídias como possibilitadoras de armazenamento da memória. Com a disponibilidade de dispositivos capazes de armazenar a memória, os esforços para lembrar tornam-se menores. De acordo com Huyssen,

a acusação de amnésia é feita invariavelmente através de uma crítica à mídia, a despeito do fato de que é precisamente esta – desde a imprensa e a televisão até os CD-Roms e a Internet – que faz a memória ficar cada vez mais disponível para nós a cada dia. Mas e se ambas as observações forem verdadeiras, se o aumento explosivo da memória for inevitavelmente acompanhado de um aumento explosivo do esquecimento? (HUYSSSEN, 2000, p.18).

Os questionamentos de Huyssen ajudam-nos a pensar a problemática da memória e do esquecimento da literatura nos jornais do XIX e do início do XX. Conforme citado no trecho acima, a imprensa funciona como uma espécie de dispositivo de armazenamento e

disponibilidade da memória, o que poderia facilitar, conseqüentemente, um aumento do esquecimento.

Partindo do pressuposto de que o esquecimento é apenas uma forma de memória e a memória apenas uma forma de esquecimento, o jornal configura-se enquanto um dispositivo de armazenamento de memória que, ao mesmo tempo em que propicia a amnésia, funciona como um arquivo, que poderá servir para futuras consultas e resgates da memória ali armazenada.

Dada a importância do jornal para a memória da literatura, faz-se necessário retomar aspectos históricos de como se deu essa relação no século XIX e início do século XX e de como Alphonsus de Guimaraens experienciou e se relacionou com esse suporte literário, principalmente com o periódico *Conceição do Serro*, no qual se encontram as crônicas que serão analisadas neste trabalho.

### **1.1.Literatura e jornal: um elo produtivo**

Para tratar das crônicas de Alphonsus de Guimaraens no jornal *Conceição do Serro*, publicado de 1904 a 1905, faz-se importante, primeiramente, discorrer sobre como, no Brasil, literatura e jornal mantiveram elo produtivo, tanto para o jornalismo, mas, especialmente, para a literatura. Essa produção alcançou seu auge em meados do século XIX, mas manteve-se de forma considerável no início do século XX, apesar do já evidente declínio em comparação ao século anterior.

O Brasil, em comparação a outras colônias da América, foi a última a ter a imprensa instaurada, somente no século XIX, no período joanino. México e Peru tiveram-na em 1539 e em 1583, respectivamente, e as colônias inglesas conheceram-na em 1650. Sodré (1999) aponta que tal contraste deve-se a projetos diferentes de colonização e à finalidade de dominação cultural no território brasileiro.

Devido ao atraso na inauguração, a imprensa no Brasil não acompanhou a evolução dos países vizinhos e teve um início bastante rudimentar, marcado por censuras do governo português. Sodré afirma que

as condições da colônia constituíam obstáculos mais poderosos ao advento da imprensa do que os impedimentos oficiais que caracterizavam a atitude portuguesa. Claro que estes, na sua vigilância permanente, concorreram também para o retardo com que conhecemos a imprensa. Mas a razão essencial estava nas condições coloniais adversas: o escravismo dominante era infenso à cultura e à nova técnica de sua difusão. A etapa econômica e

social atravessada pela colônia não gerava as exigências necessárias à instalação da imprensa. (SODRÉ, 1999, p. 16)

O contexto de colonização vivenciado no Brasil e os ocassos que esse causava para o avanço do país contribuíram para o retardo da chegada da imprensa. Ademais, devido ao sistema político vigente no Brasil, a imprensa, quando permitida, deu seus primeiros passos timidamente. Os primeiros periódicos a circularem por aqui foram o *Correio Brasiliense*, fundado por Hipólito da Costa, e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, dirigida por Frei Tibúrcio, que vieram a lume em 1808.

Embora ambientados no mesmo período, tais periódicos tinham características distintas. De acordo com Sodré (1999), o *Correio*, pelo seu posicionamento político de crítica à corte portuguesa, tinha intenção mais doutrinária que informativa e sua composição aproximava-se a de um almanaque: “brochura de mais de cem páginas, geralmente 140, de capa azul escuro, mensal [...] preço muito mais alto” (p.22). Por outro lado, a *Gazeta* possuía poucas folhas e, portanto, menor preço, além de apresentar periodicidade curta e intenção informativa mais que doutrinária, representando, assim, o embrião do que seria o jornal.

A partir de 1812, surgiram os primeiros periódicos cuja temática era voltada à cultura, como o *Variiedades ou Ensaios de Literatura* e o *Patriota*. A tentativa de instaurar o periodismo cultural nessa fase inicial da imprensa brasileira não foi bem-sucedida. No entanto, com a solidificação do jornalismo no Brasil, a literatura tornou-se o maior representante da cena cultural nos jornais e galgou seu espaço de destaque nesse período.

A relação entre jornal e literatura fortificou-se, principalmente, graças ao surgimento, nos jornais franceses, dos folhetins, que se configuravam como um espaço no rodapé das páginas destinado inicialmente aos mais variados assuntos de entretenimento e, posteriormente, reservado exclusivamente à literatura. No Brasil, a imprensa importou os moldes franceses de produzir jornal, incluindo o folhetim que desempenhou importante papel no desenvolvimento da literatura brasileira do século XIX. Desse modo, a imprensa possibilitou uma modernização nos meios de comunicação e, conseqüentemente, no cenário cultural brasileiro, no processo de escrita e de leitura literária.

Granja e Andries (2015) apontam que é possível olhar para a relação França-Brasil / jornal-literatura para além do modelo “centro-periferia”. As autoras afirmam que o que nos aproxima do modelo francês de texto “é o processo de desenvolvimento das formas em si, e não a cópia”, uma vez que, para além de simplesmente importar os moldes europeus, a literatura realizada nos jornais do XIX incorporou e deu a seus textos novas formas, sendo regidos pelos “mecanismos internos do jornal, à brasileira” (p.12).

Para abrigar o novo espaço do folhetim, o jornal sofreu adaptações no formato das colunas, que foram encurtadas para que o rodapé da página se transformasse no local privilegiado da literatura no jornal. Para além das alterações na configuração espacial, a passagem da literatura do livro ao jornal ocasionou também transformações na linguagem literária, assim como na escrita dos gêneros textuais que ocupariam o rodapé das páginas.

Para adaptar-se às voláteis e fragmentadas colunas do jornal, o romance livresco também se fragmentou e deu lugar, no novo suporte, ao romance-folhetim, publicado periodicamente em séries. Essa estratégia garantia aos jornais a manutenção dos assinantes que acompanhavam até o fim o desenvolver das histórias criadas, de forma a manter e a gerar expectativas no leitor. O romance-folhetim, ou simplesmente folhetim, foi o gênero de grande sucesso dos rodapés. Destarte, é possível entender a literatura enquanto financiadora dos jornais desse período, pois era seu principal atrativo de vendagem.

Vale observar que ambas as partes, literatura e jornal, beneficiaram-se mutuamente dessa relação. Enquanto a literatura era o “prato principal” do jornal e praticamente a responsável por seu funcionamento em termos econômicos, os escritores obtinham profissionalização e espaço de divulgação de seus textos, pois só era possível que houvesse literatura no jornal se houvessem literatos trabalhando para tal finalidade, dedicando-se à criação, tradução e revisão de textos para veiculação nos jornais.

Desse modo, o surgimento e a chegada da imprensa no Brasil foram responsáveis pelo início da profissionalização dos homens das letras no país do XIX. Para os escritores, o jornal funcionava também como uma maneira de divulgação de seu trabalho, uma vez que, “na segunda metade do século XIX, a impressão de livros aqui no Brasil era uma raridade.” (SANTOS, 2009, p.12).

No âmbito da produção cultural escrita do Brasil no século XIX, a literatura e o jornal figuram como uma das principais e mais bem-sucedidas parcerias. Como dito anteriormente, o jornal, enquanto suporte, serviu para que os textos literários circulassem com maior facilidade e de modo mais econômico, atingindo número maior de leitores, além de propiciar a profissionalização dos escritores. Por outro lado, a literatura, enquanto produto, constituía o mais atrativo conteúdo dos exemplares. No auge do prestígio literário na imprensa, a simbiose dessas duas esferas contribuiu de modo significativo para a história literária no país.

Seja pela poesia ou crônica, pelo conto ou romance-folhetim, o jornal e a literatura estabeleceram laços estreitos e produtivos durante aproximadamente um século, fenômeno que não deve ser desconsiderado quando se trata das manifestações literárias desse período. Tal é a relevância dessa relação para a história literária do citado período que Zilberman (2006 *apud*

BARBOSA, 2007), no prefácio ao livro *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*, ao tratar da cumplicidade entre o jornal e a literatura, afirma que, no XIX, é possível compreender o jornal enquanto meio e a literatura enquanto fim. Barbosa, no livro supracitado, acrescenta que:

não é mais possível escrever uma história da vida cultural brasileira oitocentista sem a consulta aos jornais da época. Contudo, essa pesquisa não deve se limitar apenas ao levantamento e à catalogação de textos literários, como arquivos mortos, gavetas de bibliotecas. Ao contrário, a pesquisa sobre a presença da literatura neste suporte deve tomá-lo como responsável pela economia interna da linguagem, bem como pela divulgação e circulação da cultura escrita do XIX. (BARBOSA, 2007 p.18)

Nesse sentido, Barbosa chama-nos a atenção sobre a necessidade da volta aos jornais quando se deseja trabalhar questões relacionadas à história cultural oitocentista. Vale ressaltar que a autora destaca a impossibilidade de se falar da literatura do XIX sem que se realize um resgate do movimento de simbiose entre o jornal e a literatura.

Ao encontro da exortação da professora Barbosa, o campo dos estudos literários no Brasil tem procurado debruçar-se sobre esse material tão rico para a área. Para além da grande preocupação em revisitar parte da história literária registrada pelos jornais, um fator determinante para o aumento das pesquisas nesse campo foi o desenvolvimento da tecnologia, que possibilitou a digitalização de acervos de jornais e periódicos, garantindo maior acesso a esse material por pesquisadores de todo o país (e do mundo) e contribuindo para sua conservação.

Segundo Barbosa (2007), o primeiro a chamar a atenção para a íntima relação entre literatura e jornal foi Sílvio Romero, em *História da Literatura Brasileira* (1888). Para ele, no Brasil, a literatura conduz ao jornalismo, e este, à política. Também Nelson Werneck Sodré em *História da imprensa no Brasil* (1999) foi um dos pioneiros nos estudos da imprensa e, conseqüentemente, da literatura nesse suporte. A autora ainda cita algumas pesquisas importantes que se basearam em jornais. Na década de cinquenta, José Aderaldo Castello, ao estudar o romantismo, volta às fontes em busca dos textos can nicos. Na década de sessenta, Barbosa Lima Sobrinho, ao investigar o gênero conto, revela um novo olhar com a pesquisa em periódicos, buscando em jornais não tão consagrados as fontes para sua investiga o.

A análise das crônicas de Alphonsus de Guimaraens publicadas em Concei o do Serro, no interior do sertão mineiro, que será realizada neste trabalho,   exemplo dessa tentativa de



resgate da literatura não canônica que também tem despertado interesse de outros pesquisadores que se voltam para jornais de grande e pequena circulação.

As trocas realizadas entre o discurso jornalístico e o literário ocorridas durante a correspondência entre a literatura e o jornal no século XIX foram responsáveis pelo surgimento de novas formas de linguagem, atendendo aos novos formatos de produção, veiculação e consumo de literatura. Fruto do intercâmbio desses discursos, a crônica surgida dos folhetins representa, talvez, o gênero mais representativo dessa simbiose. No tópico a seguir, serão desenvolvidas reflexões acerca desse gênero, as condições que possibilitaram seu surgimento e suas características.

### 1.1.1. O GÊNERO CRÔNICA

No século XIX, o folhetim representava, nos jornais, o lugar privilegiado da literatura. Tal espaço foi responsável por ditar uma nova dinâmica às produções literárias que tiveram que se adaptar ao formato de colunas e ao ritmo completamente novo de produção e consumo literários.

A associação entre o jornal e a literatura também suscitou uma nova economia interna da linguagem devido ao novo modo de fazer literatura, voltado àquelas circunstâncias de produção. Além disso, o público alvo, os leitores e os modos de leitura, assim como o espaço disponível para a publicação, eram diferentes daqueles considerados na escrita de livros. Tais condições possibilitaram a formação de um novo formato de escrita, fruto do entrelaçamento do jornal com a literatura: a crônica.

É preciso dizer que, anteriormente ao aparecimento da crônica de jornal, a presença da crônica pode ser verificada em outros momentos da história da literatura. Nessa perspectiva, Jorge de Sá (1985) afirma que a nossa literatura nasceu do circunstancial da crônica<sup>3</sup>, tendo em vista a Carta que Pero Vaz de Caminha escreve ao rei de Portugal para comunicar-lhe a chegada à terra de Vera Cruz. Segundo Sá, o modo com o que o autor selecionava e registrava os fatos que presenciava conferia concretude até aos mais efêmeros acontecimentos.

Vale ressaltar que a crônica a qual Sá se refere, não é a mesma que se fez nos jornais, séculos mais tarde. Não tendo surgido no jornal e não sendo dele exclusividade, é certo dizer que nesse periódico a crônica assumiu outra forma. Candido (2003) declara que apesar de o

---

<sup>3</sup> Jorge de Sá aponta que é bastante discutível se a carta inaugura o nosso processo literário. No entanto, destaca a importância histórica do que seria considerada a certidão de nascimento do nosso país.

gênero não ser originalmente brasileiro, “a naturalidade com que se aclimatou e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (p.88) conduziram a uma forma própria de se fazer crônica. Sá (1985) afirma que a crônica, não mais a de Caminha, mas sim aquela que passou a figurar no folhetim dos jornais, era uma soma de jornalismo e literatura e o cronista representava uma espécie de narrador-repórter, pois registrava o circunstancial, a vida mundana.

Antonio Candido, em *A vida ao rés-do-chão* (2003), afirma que a crônica, pelo teor dos registros que interessavam ao cronista, seria um gênero menor. Tal afirmativa poderia suscitar uma desvalorização do gênero em comparação a outros considerados maiores, como o romance e a dramaturgia, por exemplo. No entanto, Candido louva tal característica do gênero, pois, ao tratar de coisas aparentemente soltas, aproxima-se do leitor, conduzindo-o não somente à vida, mas também à literatura.

Marlyse Meyer (1992) aponta que foi no espaço do folhetim, a grande novidade inaugurada no século XIX, que se forjou a crônica, fruto do hibridismo da literatura e do jornal. Em seu texto *Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica*, a autora apresenta as palavras de Machado de Assis, na época um jovem escritor, comentado no jornal *O espelho*, sobre a novidade do folhetim. O escritor então afirma que o “o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista, por consequência, do jornalismo [...] O folhetinista é a fusão agradável do útil e do frívolo, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo.” (Machado de Assis *apud* Marlyse Mayer 1992, p.94).

Machado também apresenta a imagem do folhetinista como colibri, ou seja, aquele que sobrevoa a cidade, capturando informações de diferentes espécies. Segundo ele, o folhetinista colibri tem a “sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo e a *bas bleus* para aplaudi-lo” (Machado de Assis *apud* Marlyse Mayer 1992, p.95). Essa imagem do colibri associada por Machado ao folhetinista aproxima-se do que viria a ser o cronista: aquele que recolhe acontecimentos de diferentes assuntos da cidade e relata-os aos seus leitores.

Na matriz francesa, segundo Meyer (1992), o folhetim ou *le feuilleton*<sup>4</sup> designava um espaço no rodapé dos jornais destinado ao entretenimento. Esse espaço era primeiramente reservado à publicação de *variétés* que, posteriormente, foram deslocadas para o interior do jornal. O espaço do rodapé passou a destinar-se, então, ao romance folhetim, publicado fragmentadamente sob a fórmula do *continua amanhã*. No espaço das *variétés*, agora

---

<sup>4</sup>A autora resumidamente aponta os diferentes significados atribuídos ao termo *feuilleton*: “1. *Feuilleton*: espaço vazio no rodapé dos jornais ou nas revistas, destinado ao entretenimento. 2. No mesmo espaço geográfico o *roman-feuilleton*. 3. *Variétés* e diferentes *feuilletons* (contos, notícias leves, anedotas, crônicas, críticas, resenhas, etc). 4. Todo e qualquer romance publicado *em feuilleton*, ou seja, aos pedaços.” (MEYER, 1992, p.99)

acomodado dentro do jornal, eram publicadas as crônicas e demais *feuilletons*. A autora afirma que esse local (o folhetim) onde tudo se publicava foi o embrião do que viria a ser a crônica.

No que diz respeito às alterações de linguagem e de gênero proporcionadas pela presença da literatura no suporte jornal, faz-se necessário citar a passagem do romance-folhetim à crônica. Depois do folhetim, a crônica tornou-se o gênero que mais aproximou o jornal e a literatura, sendo fruto do hibridismo desses dois discursos.

No romance-folhetim predominava o tema da burguesia e de seu interior, já a crônica interessava-se em retratar os acontecimentos exteriores ao mundo burguês, predominando o retrato da cidade, das ruas e de outros grupos sociais. É no movimento de exteriorização do olhar temático, do interior burguês para a rua e para os assuntos que ela podia suscitar que a crônica literária se aproximava do fazer jornalístico. De acordo com Santos (2009),

entre o ‘mac-adam lamacento’ e o ‘boulevard e café Tortoni’, os literatos brasileiros abandonariam a casa da palavra para se dirigir à rua. A casa é o livro. A rua é o jornal. A passagem pelos dois territórios deu-se primeiro pelo folhetim e depois pela crônica.

Com o romance-folhetim, o livro é seccionado para a produção em série do jornal. Mas enquanto o romance-folhetim tem ainda os olhos voltados para o interior burguês, a crônica já nasce no ‘olho’ da rua e com os olhos voltados para a rua, e sua forma revela essa perspectiva estilizada. O texto sofre fraturas, encurta-se, desmembra-se para caber nas páginas volantes e voláteis do jornal. (SANTOS, 2009, p.16)

Nas palavras da autora, a crônica, sendo “vestígio, entulho, ruínas daquilo que era heterônimo, incompleto, despedaçado, leve demais para que o livro a quisesse, proclama a primazia do fragmento sobre o total, das pequenas histórias sobre a História real.”. (p.17).

Embora considerada por alguns críticos um gênero literário “menor” devido a sua proximidade com a linguagem jornalística, a crônica fixou-se no campo da literatura e “caiu nas graças” dos escritores e dos leitores. Posteriormente ao seu surgimento, devido à grande aceitação e ao sucesso do gênero, os cronistas dos jornais passaram a reunir suas crônicas em livros e alguns escritores dedicaram-se unicamente à escrita desse gênero, publicando-o em livros, jornais ou em outras plataformas de veiculação.

O escritor mineiro Alphonsus de Guimaraens foi um desses autores que, nos jornais, dedicou-se à produção de crônicas e publicou, posteriormente, um livro dedicado à reunião de algumas delas. O tópico a seguir explanará sobre a obra cronística do autor e sua relação com os jornais.

## 1.2. As crônicas de Alphonsus de Guimaraens e o esquecimento

Alphonsus de Guimaraens, assim como outros escritores de sua época, manteve estreita relação com os jornais, uma vez que nesse período a literatura gozava de grande prestígio nesse suporte. Apesar da significativa produção de crônicas para jornais, não há referências sobre o assunto nos manuais de historiografia literária e na crítica literária produzida academicamente, que não dedicou, ainda, nenhuma pesquisa substancial sobre Alphonsus de Guimaraens cronista e sua relação com os jornais<sup>5</sup>. A respeito das crônicas de Alphonsus de Guimaraens, sobretudo aquelas publicadas em jornais, encontram-se somente alguns esparsos textos, geralmente sem aprofundamentos.

No livro intitulado *Alphonsus de Guimaraens*, de 1945, Henriqueta Lisboa pretende revisar toda a obra do escritor mineiro, mas dedica pequena parte de seus escritos à contribuição do autor nos jornais e à sua obra de crônicas, voltando-se principalmente para o livro *Mendigos*, coletânea de algumas crônicas publicadas em jornais. Dessa forma, apesar de abordar brevemente sobre as crônicas e sobre os jornais, Lisboa não trata das diversas crônicas que Alphonsus publicou e que não entraram para o livro.

A respeito da atuação de Alphonsus de Guimaraens nos jornais, Francine Ricieri (2004), grande estudiosa da poesia do escritor mineiro, produziu um artigo intitulado “Alphonsus de Guimaraens e os jornais: fragmentos de uma bibliografia lacunar”. Como o título e a autora sugerem, ainda há um hiato nas pesquisas sobre a obra bibliográfica de Alphonsus. Por se tratar de um texto de curto fôlego, Ricieri apenas menciona as crônicas que Alphonsus de Guimaraens publicou nos jornais e assinala que essas, juntamente com os versos humorísticos do escritor, podem possibilitar uma nova visão sobre a obra do autor mineiro. Portanto, as crônicas de Alphonsus publicadas em jornais consistem em parte expressiva dessa brecha apontada pela autora.

Alphonsus de Guimaraens publicou, por aproximadamente 30 anos, de 1890 a 1921, crônicas em variados jornais mineiros e de outros estados brasileiros. Conforme tentou-se demonstrar, a produção de crônicas para jornais do escritor mineiro ainda é um solo fértil e praticamente inexplorado, pronto para ser desbravado pela pesquisa científica dos estudos literários. Portanto, a fim de explorar tal terreno, tratar-se-á, a seguir, sobre Alphonsus de Guimaraens cronista e sobre a correspondência do autor com os jornais.

---

<sup>5</sup> Até o presente momento, não foi encontrado nos bancos de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Literários no Brasil nenhum trabalho desenvolvido sobre o tema.

### 1.3. Alphonsus de Guimaraens e a imprensa paulistana

O ano de 1890 foi fundamental para o início do extenso vínculo que Alphonsus logrou com os jornais. Nessa data, o jovem poeta muda-se para a capital paulista a fim de graduar-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Apesar de sua busca por profissionalização na área jurídica, Alphonsus de Guimaraens já era um jovem poeta, conquanto ainda não tivesse publicado seus primeiros livros, que vieram a lume em 1899.

No final do século XIX e no início do XX, São Paulo começava a desenvolver-se industrial e comercialmente e já contava com alguns veículos de imprensa que, segundo Ricieri (2004), davam oportunidades para os chamados “novos”, ou seja, aqueles que eram adeptos às tendências em destaque na época, o simbolismo e o decadentismo. Para além do desenvolvimento econômico vivenciado pela capital paulista, a cidade passava a representar um importante polo cultural no país, conforme aponta Candido (2000) em “A literatura na evolução de uma sociedade”.

O reduto intelectual que ali se encontrava, formado principalmente pelos alunos do curso de Direito, produzia e consumia literatura em grande escala, criando e mobilizando grupos intelectuais que, segundo Candido (2000), foram responsáveis por movimentar a cena literária da passagem do século. Enquanto aluno da Faculdade de Direito de São Paulo, Alphonsus pôde experimentar esse contexto e participar, inclusive, da *Villa Kyrial*, grupo liderado por José Freitas do Vale, no qual participavam autores simbolistas e decadentistas, adeptos às tendências artísticas em voga no início da era republicana brasileira.

Candido (2000) afirma que, embora na década de 1890, período no qual Guimaraens chegou à capital paulista, a circulação e produção literária na cidade já não dependesse tanto dos estudantes da Faculdade de Direito como nas décadas anteriores, tal grupo ainda representava forte notoriedade na cena cultural. Não obstante, nesse momento, a literatura vai deixando de ser uma manifestação grupal e tornando-se a manifestação da classe burguesa, posto que, segundo o crítico, “a literatura torna-se acentuadamente *social* (...). Manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais, nos salões que então aparecem.” (Candido, 2000, p.142).

Diante desse contexto apontado por Candido, é possível supor que, para além da formação jurídica, Alphonsus de Guimaraens foi à capital paulista em busca de reconhecimento literário. Em meio à efervescência literária e ao fortalecimento da indústria tipográfica na capital paulista, Alphonsus de Guimaraens inicia sua contribuição nos jornais, que aderiram

rapidamente ao trabalho do escritor. Essa adesão pode ser entendida como positivo retorno do reconhecimento almejado por ele.

Vale observar que as obras em prosa do autor eram destaques nos jornais, sobretudo as crônicas. Tal relevância pode demonstrar a popularidade, o consumo e a boa recepção de textos escritos nesse formato. É possível conjecturar que a ênfase na produção de textos desse gênero pelo autor tenha ocorrido por influência do jornal, que foi o primeiro e o mais frequente suporte de veiculação do gênero crônica naquele período.

No primeiro ano de sua estadia em São Paulo, Alphonsus começou a escrever para o jornal *O Mercantil*, para o qual contribuiu com alguns poemas e, sobretudo, com crônicas, assinando, na primeira página, duas colunas semanais dedicadas a esse gênero, a *Spleen* e a *Trechos de Chronicas*. Nesse período, o gênero crônica já era agraciado pelo público, que o consumia grandemente, fator que justifica as publicações na página de maior destaque do suporte.

A respeito da contribuição do escritor mineiro no *Mercantil*, Brito Broca (1951), crítico e jornalista literário, em um dos poucos textos encontrados a respeito das crônicas de Alphonsus, transcreve as boas vindas dadas pelo redator do jornal ao então estreante Alphonsus de Guimaraens:

Manuseando as coleções de “*O mercantil*”, de 1891, encontrei a 3 de janeiro a seguinte notícia: “Passará a trabalhar nesta folha o nosso inteligente colaborador Afonso Guimarães. Poeta delicado e cronista de aptidão, esperamos que o digno moço preste ao ‘*Mercantil*’ sua dedicação.” Em números anteriores já figuram alguns trabalhos em prosa e verso do “digno moço”, então primeiro anista de Direito. Iria ele agora aparecer regularmente na folha, como redator. Duas sessões do mesmo gênero manterá ele por algum tempo no “*Mercantil*”: “*Trechos de Crônica*” e “*Spleen*” ambos tipo (sic) da crônica jornalístico-literária em fragmentos. Enquanto isso, comparece assiduamente com poesias na seção “*O Parnaso*”. (BROCA, 1951, p.4)

Embora o anúncio da contribuição de Alphonsus para *O Mercantil* tenha sido realizado somente no ano de 1891, é possível encontrar, conforme mencionado acima, textos do autor publicados desde 1890, data na qual inicia suas contribuições aos jornais paulistanos. Em 1891, segundo Ricieri (2004), Alphonsus dedicou-se quase que profissionalmente aos jornais, contribuindo com o *Comércio de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Diário mercantil* e *Estado de S. Paulo*, além de continuar contribuindo com *O Mercantil*.

A cidade de São Paulo foi para o escritor mineiro o início de uma vida literária dedicada às contribuições aos jornais e que foi cessada somente em 1921. Essa relação com os jornais paulistanos foi determinante para a obra em prosa do autor mineiro, que continuou a ser desenvolvida em outras cidades e estados.

#### 1.4. Alphonsus de Guimaraens e o retorno pra Minas Gerais

Com o curso de Direito concluído em 1895 e em busca de modos de sustentar-se, Alphonsus de Guimaraens retornou a Minas Gerais, onde permaneceu até sua morte, distanciando-se, nesse momento, da efervescência cultural e literária da capital paulista. Tal distanciamento rendeu ao escritor a alcunha de “o solitário das montanhas<sup>6</sup>”. Após deixar São Paulo, Alphonsus mudou-se para a cidade mineira de Conceição do Serro<sup>7</sup>, com a finalidade de atuar como promotor de justiça, exercendo sua formação de bacharel.

A profissão relacionada ao Direito e a produção literária conviveram paralelamente na vida de Alphonsus. No município mineiro, além dos cargos de juiz e de promotor, e da constante atuação como poeta, a qual nunca abandonou, Alphonsus desempenhou também a função de jornalista, pois, no ano de 1904, Joaquim Soares Maciel Júnior fundou o *Conceição do Serro* e o entregou aos cuidados de Alphonsus. Nesse jornal, Guimaraens desempenhou todas as funções necessárias para a execução desse periódico: redator, diretor e revisor, experiência única e inédita na carreira do escritor.

Em biografia dedicada ao pai, Alphonsus de Guimaraens Filho (1995) afirma que o progenitor fora à cidade sertaneja sem a intenção de ser jornalista e que, se quisesse, o teria sido em outros periódicos do país. Essa afirmação remete às propostas de contribuição para outros jornais, tais como o paulista *A Gazeta*, recusadas pelo autor.

O jornal *Conceição do Serro* representa, talvez, a experiência mais próxima que o escritor teve com o jornalismo. Assim sendo, esta pesquisa se dedica a investigá-lo, pois acredita que nele será possível perceber, dentre outros fatores, o projeto que Alphonsus adotou ao exercer sua atividade de literato e jornalista, simultaneamente. Tal projeto é evidenciado já na primeira página do jornal, que estreou em 20 de março de 1904. Assim o inaugura Alphonsus:

Órgão oficial do município, tratará paralelamente das necessidades e interesses deste e do Estado, bem como da comunhão brasileira; na sua humilde esfera será a almenara que velará com o seu clarão protetor pelo sossego paz e prosperidade de nossos conterrâneos.

Vem, de viseira erguida, combater pelo bem de todos; velar pela justiça é o seu emblema, é a insígnia da bandeira que desfralda.

A par do direito, agricultura, comércio, viação e indústrias (da extrativa principalmente, dadas as condições do nosso solo e subsolo), tratará também das letras, propriamente; pois que a literatura é e será sempre a fonte primitiva dos conhecimentos humanos.

<sup>6</sup> Assim Henriqueta Lisboa refere-se a Alphonsus de Guimaraens no livro *Alphonsus de Guimaraens*, 1945.

<sup>7</sup> Atualmente Conceição do Mato Dentro, município localizado na região central do estado de Minas Gerais.

Assim, sempre que o espaço tão acanhado o permitir, serão estampados trechos de prosa e versos dos escritores laureados, quer portugueses quer brasileiros; a mocidade aprenderá a amar as belas-letras, este consolo de todos entre os amargores da vida.

[...] A linguagem será sempre lidima e correta, como convém a quem escreve para o povo civilizado; consistindo a essência da civilização, como (---)<sup>8</sup> disse o imortal Poeta florentino, no desenvolvimento harmônico da humanidade, para que esta harmonia não se turbe em dissonâncias ásperas, sempre reinará nestas colunas a fidalga maneira de dizer a verdade em estilo puro, longe dos esterquilínios tão comuns á imprensa partidária. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 20 de março de 1904)

Percebe-se que Alphonsus tinha a intenção de colocar a literatura em parêntese aos outros interesses do jornal, como o comércio e a agricultura, apesar de ter dito que as “belas-letras” far-se-ão presentes “sempre que o espaço tão acanhado o permitir”. No entanto, as buscas ao jornal revelam que se publicou grande número de textos literários e muitos deles figuravam em lugar de destaque.

A primeira edição do periódico serve para exemplificar o lugar cativo da literatura no jornal de Alphonsus. Em sua segunda página, pode-se encontrar uma poesia assinada pelo padre José Severiano de Rezende, amigo do escritor mineiro, e uma crônica assinada sob o pseudônimo Guy. A presença desses dois gêneros literários é constante e vai se repetir em todas as edições, aparecendo por vezes no local de maior prestígio do jornal, a primeira página. O periódico hebdomadário também dedicou posteriormente seu rodapé à publicação de um romance-folhetim coreano, intitulado “Tchoun-Hyang (Primavera Perfumada)”, traduzido para o francês por J.H.Rosny e para o português por João Carrilho, mesmo pseudônimo utilizado por Alphonsus para assinar algumas crônicas.

O jornal *Conceição do Serro* funcionou até 1905, tendo imprimido quarenta e cinco edições nas quais se podem verificar grande número de textos literários, sob os mais variados gêneros. Em relação ao gênero crônica, sobre o qual se debruça esta pesquisa, foram encontradas trinta e seis escritas por Alphonsus de Guimaraens sob dois pseudônimos. Dentre elas, 10 assinadas por Guy e 26 assinadas por João Carrilho. Tais crônicas eram impressas nas primeiras e segundas páginas do jornal, na coluna “Chronica” e algumas vezes na coluna “Chroniqueta”.

---

<sup>8</sup> Palavra ou expressão não legível na versão digitalizada do jornal devido à presença de um borrão.



### 1.5. As crônicas em Conceição do Serro

O uso de pseudônimos é uma constante na produção do autor, sobretudo nos textos em prosa, e não é possível precisar o motivo pelo qual Alphonsus oculta sua identidade. No entanto, levando-se em consideração apenas o caso do jornal em questão, pode-se aventar que o escritor desejava criar uma ilusão nos leitores de que havia um maior número de autores contribuindo para o periódico, o que, certamente, daria maior credibilidade ao conteúdo. Outra explicação possível é que, tendo em vista o prestígio que já gozava com sua obra poética, Alphonsus não queria associar sua identidade de poeta à sua identidade de prosador.

Nas crônicas, é possível perceber uma faceta diferente do Alphonsus Guimaraens poeta. O próprio autor, em carta a Mario de Alencar, em 17 de maio de 1908 (BUENO, 2002, p.10), afirma considerar-se essencialmente poeta, e que a escrita em prosa lhe dava trabalho dobrado. Nesse gênero textual, Alphonsus chega a arriscar certa comicidade, propícia ao gênero, que contrasta intensivamente com o tom fúnebre e místico adotado pelo autor nas poesias.

As crônicas de Alphonsus de Guimaraens não apresentam linearidade temática, observando, assim, uma característica própria do gênero. Percebe-se que são diversos os assuntos sobre os quais o autor trata: política, festas religiosas, comportamentos e movimentos sociais. Além disso, os temas não se restringem apenas ao círculo da cidade e do Estado: o cronista aborda problemáticas e eventos de diferentes partes do mundo, demonstrando ser um observador e comentarista atento dos acontecimentos externos, apesar de encontrar-se cercado pela geografia acidentada do interior de Minas Gerais.

A primeira crônica, datada de 20 de março de 1904, apresenta um posicionamento contrário do narrador a respeito do direito ao voto das mulheres, questão de relevância social em voga no cenário mundial no início do século XX. A crônica seguinte, datada de 27 de março do mesmo ano, refere-se às tradições religiosas herdadas pelos antepassados e à típica celebração quaresmal conhecida como serração da velha realizada no município, sobre a qual o narrador estende uma pungente reclamação. Ambos os textos foram assinados pelo pseudônimo Guy e demonstram o macro e o micro território pelos quais transitam os temas que se tornam assunto das crônicas. Além dessa não linearidade temática, há igualmente inclinações diferentes nas observações realizadas, de acordo com o posicionamento político, moral e social adotado pelos pseudônimos.

Em algumas crônicas, a imagem da lua influenciando os devaneios e sonhos do narrador evidencia ecos do simbolismo amplamente desenvolvido por Alphonsus na poesia. A lua é um

símbolo constantemente presente nos versos de Guimaraens, como no poema *Ismália*<sup>9</sup>, talvez o mais conhecido texto do autor. A religiosidade, outro aspecto recorrente da poesia de Guimaraens, transita também como tema e como plano de fundo de diversas crônicas do *Conceição do Serro*, demonstrando a forte influência da religião católica na sociedade sobre a qual o cronista escrevia e sobre ele próprio. A presença da religiosidade será melhor observada e analisada futuramente, a fim de verificar o registro realizado pelo autor de uma memória cultural daquela sociedade.

O número de crônicas publicadas e os espaços ocupados por elas nas páginas do jornal evidenciam certo prestígio do gênero entre os leitores. Consoante à boa recepção das crônicas, o autor manifestou na edição de 20 de março de 1904, a intenção de publicar um volume das *Chronicas* de João Carrilho:

Em elegantes brochuras, impressas em fino papel assetinado, sahirão em breve das officinas desta folha as apreciadas chronicas que João Carrilho aqui publicou. O preço de cada volume será de 1\$000, importancia diminuta, ao alcance de todas as bolsas. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

O anúncio do livro de João Carrilho leva-nos a crer, mediante a quantidade de detalhes fornecidos, tais como o preço de venda e a qualidade das folhas e da encadernação, que de fato se realizariam a impressão e a venda do material. Contudo, o livro anunciado nunca chegou a ser produzido, não sendo possível precisar os motivos. Somente em 1920, Guimaraens publicou pela Tipografia da Casa Mendes, de Ouro Preto, seu primeiro livro de crônicas, *Mendigos*, uma reunião de quarenta e cinco textos publicados, por exemplo, no *Conceição do Serro* (cidade homônima), n' *O germinal* (Mariana) e n' *A gazeta* (São Paulo). *Mendigos* teve somente uma edição e foi o único livro em prosa publicado pelo autor, que optou por não utilizar seus pseudônimos.

Ainda sobre anúncios de possíveis publicações irrealizadas das crônicas em livro, Ricieri (2004) aponta que a edição de *Mendigos* traz na contracapa a divulgação das *Chronicas de Guy d'Alvim*, outro pseudônimo adotado pelo autor, livro que também não chegou a ser organizado. As manifestações e tentativas de compilação em livro das crônicas publicadas nos jornais e o grande número de produção de textos desse gênero durante cerca de três décadas (no *Conceição do Serro* e em outros jornais) podem indicar caminhos de compreensão sobre o consumo de crônicas daquele tempo e sobre a boa recepção que as crônicas de Alphonsus de Guimaraens gozavam.

---

<sup>9</sup> GUIMARAENS, ALPHONSUS. *Ismália*. Ilustração [de] Odilon Moraes. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2015

Apesar da boa recepção das crônicas pelo público leitor, como se tentou evidenciar acima, a recepção crítica da obra cronística do autor não obteve o mesmo reconhecimento. De acordo com Brito Broca (1951):

O simbolismo na poesia deu no Brasil alguns belos frutos, em que pese a opinião de José Veríssimo; na prosa produziu geralmente efeitos desastrosos. (...) O gênero de crônica praticado por Alphonsus de Guimaraens no “Mercantil” era de evidente inspiração simbolista, gênero que prevaleceu durante muito tempo entre nós e cuja influência foi superada, primeiramente por um Machado e um Bilac; depois pelos que continuaram a tradição destes na primeira década do século: um João do Rio e um Gilberto Amado. (A MANHÃ, 20 de maio de 1951)

Apesar da crítica negativa das crônicas dos jornais e do livro “inegavelmente desigual” (LISBOA, 1945, p.45), é evidente a importância que a produção de crônicas representa para a obra do autor mineiro, que dedicou quase toda sua carreira de escritor à escrita desse gênero para jornais. Conforme aponta Ricieri (2004), os textos em prosa encontrados nos jornais podem fornecer bom material para aqueles que desejam superar os limites mais comumente suscitados pela obra do autor.

Os estudos realizados em literatura evidenciam que parece haver uma supervalorização do livro enquanto suporte literário uma vez que as pesquisas acadêmicas e a escrita da historiografia e da crítica literária buscam predominantemente tais objetos como fontes de pesquisa. Em comparação ao livro, o jornal aparece como menor, devido, talvez, à sua efemeridade, ao baixo custo e à sua versatilidade.

Tratando-se das manifestações literárias do século XIX e início do século XX e do importante papel da imprensa, este trabalho busca não repetir o movimento de supervalorização do livro e da suposta supremacia literária deste em relação ao jornal. Desse modo, os apontamentos acerca das crônicas de Alphonsus de Guimaraens devem considerar a sua existência e finalidade nos jornais. É nesse sentido que esta pesquisa se apresenta, com a intenção de voltar aos jornais a fim de resgatar parte da produção de crônicas realizada pelo o autor.

## CAPÍTULO II: ALPHONSUS DE GUIMARAENS CRONISTA E O SIMBOLISMO

Ao tratar da obra de Alphonsus de Guimaraens, é inevitável considerar a relevância de sua poesia para o Simbolismo no Brasil. Considerado um dos maiores expoentes dessa estética no país, a realização do Simbolismo e da poesia de Guimaraens fundem-se, constituindo-se um ao outro. A identidade e o desenvolvimento estético da poesia *alphonsina* auxiliou a compor à *brasileira*, ou quiçá à *mineira*, o movimento simbolista, de influência francesa.

Ainda que não sejam objetivos da presente pesquisa o aprofundamento nos estudos sobre a obra poética de Alphonsus (uma vez que essa tem sido investigada e analisada por críticos e historiadores literários) e a investigação da influência simbolistas nas crônicas, (lacuna ainda aberta para posteriores investigações literárias), ao ler as crônicas do autor mineiro, é impossível desprezar os diálogos que aproximam ou distanciam sua obra poética e em prosa.

Portanto, ao longo deste capítulo, buscar-se-á diálogos de aproximações e rupturas entre a obra poética de Alphonsus de Guimaraens e sua obra cronística publicada no jornal da cidade de Conceição do Serro.

### 2.1. O mal-estar do Simbolismo

Originado na França, no final do século XIX, o Simbolismo nasceu como uma alternativa contra o ideal burguês do romantismo e em oposição ao positivismo e determinismo imperativos no Realismo e Naturalismo. A partir do *símbolo*, “considerado categoria fundante da fala humana e originariamente preso a contextos religiosos”, os poetas buscavam transcender o tangível, “incorporando à poesia o cósmico, a fim de elevá-la a um estatuto de privilégio que tradicionalmente caberia à religião ou à filosofia.” (BOSI, 2006, p. 279).

Dessa forma, não mais interessava aos poetas fatores externos à literatura, ao contrário, a partir dela os simbolistas buscavam retomar valores transcendentais, como, por exemplo, o bem, o belo, o sagrado e o verdadeiro, de modo a conectar a literatura ao sublime, característica encontrada no Romantismo e que fora negado por escritores posteriores. Nesse sentido, o símbolo é essencial para estabelecer a conexão entre o tangível linguístico e o intangível. Tal ideal literário representa uma forma de reação ao racionalismo perpetuado. De acordo com Alfredo Bosi (2006),

Na cultura ocidental, a partir das revoluções burguesas da Inglaterra e da França, os grupos que se achavam na ponta da lança do processo foram perdendo a vivência religiosa dos símbolos e fixando-se na iminência dos dados científicos ou no prestígio dos esquemas filosóficos: empirismo, sensismo, materialismo, positivismo. Os pontos de resistência viriam dos estratos pré-burgueses ou antiburgueses, isto é, dos aristocratas ou das baixas classes médias, postas à margem da industrialização. (p.279)

Ao pensarmos Alphonsus de Guimaraens enquanto poeta simbolista, é possível fazer uma analogia entre sua obra e o contexto mencionado no excerto supracitado. Sua poesia é antagônica ao cientificismo objetivo, uma vez que se funda na religiosidade e na filosofia do símbolo. Quanto aos estratos sociais, é possível situar Guimaraens como um escritor participante de uma baixa classe média, também à margem, de certo modo, da industrialização. A marginalização industrial na qual se encontrava o poeta relaciona-se com sua localização geográfica, pois durante o período de desenvolvimento da indústria no Brasil, no início do século XX, o estado de Minas Gerais, onde vivia, ainda era essencialmente agrário.

Ademais, em Minas Gerais, nas cidades setecentistas, como Ouro Preto e Mariana, onde viveu o poeta, a religiosidade católica era uma herança ainda muito latente do período colonial. Logo, a localização espacial de Alphonsus de Guimaraens refletirá na sua poesia por meio do catolicismo, o que o diferencia, por exemplo, de outros escritores simbolistas brasileiros, como Cruz e Souza, que desenvolveu o misticismo em sua poesia, mas não o relacionou a uma crença específica, como o fez o poeta mineiro.

Henriqueta Lisboa (1945) afirma que o cenário das cidades históricas mineiras, “propício à melancolia e ao sonho” (p.23), com seus casarões vazios e a penumbra das igrejas, foi responsável por moldar o espírito e a sensibilidade de Alphonsus de Guimaraens. Desse modo, a presença da religião católica (seus ritos, dogmas e imagens) é imperiosa na poética alphonsina. Nas crônicas, por sua vez, essa crença sustentou uma estratégia de resistência às transformações sociais que se anunciavam e se impunham.

A resistência dos simbolistas ao racionalismo positivista, chamada por Bosi (2006) de “irracionalismo” literário, aponta, segundo ele, para uma percepção social dos simbolistas e um sentimento de insatisfação com a realidade que se apresentava. De acordo com o teórico,

o irracionalismo dos decadentes valeu (e poderá ainda valer) como sintoma de algo mais importante que os seus mitemas: o incômodo hiato entre os sistemas pretensamente “racionais” e “liberais” da sociedade contemporânea e a efetiva liberdade do homem que as estruturas socioeconômicas vão lesando na própria essência, reduzindo-o a instrumento de mercado e congelando-o em papéis

sociais cada vez mais oprimentes. (...) Os Simbolistas – como depois as vanguardas surrealistas e expressionistas – tiveram esta função relevante: dizer do mal-estar profundo que tem enervado a civilização industrial. (BOSI, 2006, p. 283)

As crônicas de Alphonsus de Guimaraens também evidenciaram esse mal-estar causado pelas consequências sociais da civilização industrial. Sendo o positivismo, o materialismo, o empirismo e o sensismo reflexos de uma sociedade industrial e moderna, ou ao menos aspirante a essas caracterizações, suas crônicas apresentam-se como uma maneira de resistência a essa nova realidade.

Assim, seria possível afirmar que as crônicas de Alphonsus de Guimaraens partilham dos mesmos preceitos estéticos do Simbolismo? Por sua vez, as crônicas de Alphonsus de Guimaraens veiculadas no jornal *Conceição do Serro* correspondem ao ideal estético do Simbolismo, tão desenvolvido por Alphonsus na poesia? Brito Broca, em seu artigo “Alphonsus de Guimaraens, jornalista” (A MANHÃ, 20 de maio de 1951), ao analisar as crônicas publicadas pelo escritor no jornal *Mercantil*, afirmou que elas eram de “evidente inspiração simbolista”, e apontou que, no Brasil, “o Simbolismo na poesia deu alguns belos frutos” mas que “na prosa produziu geralmente efeitos desastrosos.” (p.4), que foram posteriormente superados por Machado de Assis e Bilac, assim como por João do Rio e Gilberto Amado.

Ainda, Broca (A MANHÃ, 20 de maio de 1951) declara que a influência simbolista nas crônicas de Alphonsus de Guimaraens advêm do “devaneio romântico, do lirismos hidromélico do tempo de Álvares de Azevedo, que tomava um novo alento, numa época em que o simbolismo vinha pôr em moda os luares, os jardins silentes, os gemidos nas sombras, as melancolias ignotas.” (p;4). Nas crônicas do *Conceição do Serro* também é possível perceber alguns textos que se aproximam de tais temáticas, acrescidas por uma tônica religiosa, ponto forte da poesia alphonsina.

Apesar da influência simbolista ressaltada por Brito Broca nas crônicas do paulistano *Mercantil* e notada também no *Conceição do Serro*, não é possível qualificar a coletânea de crônicas do jornal mineiro como unicamente pertencente à estética simbolista. As crônicas desse periódico não se reduzem a temáticas decadentistas, uma vez que estas configuram-se apenas uma parte de um conjunto de textos que abordaram desde assuntos políticos e sociais a nível internacional, até vivências individuais e coletivas da pequena cidade do interior mineiro.

No jornal *Mercantil*, Brito Broca considera a variação de temáticas nas crônicas um aspecto negativo nas seções de Alphonsus de Guimaraens, considerando-as bruscas. Contudo, essa mesma variação, no jornal *Conceição do Serro*, certamente pode ser vista como um

aprimoramento do escritor enquanto cronista, uma vez que ele se distancia mais do poeta, constituindo cada vez mais sua identidade enquanto prosador. Ademais, o gênero crônica, por sua proximidade com o discurso jornalístico, múltiplo e efêmero por natureza, comporta a pluralidade, as rupturas, os distanciamentos. De modo geral, cada crônica é finita em si mesma, permitindo sempre a possibilidade do diferente no texto seguinte.

É possível que Alphonsus de Guimaraens não tenha almejado escrever prosa partindo das mesmas premissas simbolistas com as quais compôs sua obra poética. Ele próprio, como mencionado anteriormente, considerava-se poeta, sendo o ofício de cronista um trabalho penoso. Logo, ao identificar-se enquanto poeta, o escritor nega a identidade enquanto cronista. Essa oposição pode ser estendida à categorização de sua obra poética – simbolista – e de sua obra cronística.

Ademais, o símbolo e seus desdobramentos semânticos e literários e o lirismo são técnicas favoráveis à poesia e, talvez por esse motivo, a prosa nessa escola literária não obteve tanta produtividade quanto os versos. Nesse sentido, Henriqueta Lisboa (1945) afirma que o Brasil, “inquietamente místico, ingenuamente bárbaro, quer dizer indefinido, foi um campo propício à floração espiritual da poesia simbólica, aberta a todas as perspectivas” (p.18). Talvez por esse motivo a porção da obra de Alphonsus de Guimaraens lembrada e celebrada pela história literária corresponde aos livros de poesia, sendo as crônicas ocupantes do obscurante esquecimento.

Assim como Minas Gerais representa o berço da poesia de Alphonsus de Guimaraens, certamente a primeira experiência do escritor como cronista no jornal paulista *Mercantil* foi fundamental para a desenvoltura do autor no jornal mineiro. Com certeza, a comparação entre as publicações dos jornais paulista e mineiro podem suscitar importantes reflexões sobre a obra em prosa do autor, sendo este um trabalho que poderá ainda ser desenvolvido em futuras pesquisas.

Por esse motivo, abaixo tratar-se-á sobre um dos principais grupos culturais e literários de São Paulo, a Villa Kyrial - onde Alphonsus pôde conviver com outros poetas simbolistas, assim como com diferentes escritores - a fim de pontuar possíveis aproximações ou distanciamentos do cronista do *Conceição do Serro* com o influente grupo da terra da garoa.

### 2.1.1. VILLA KYRIAL E O SIMBOLISMO NA CAPITAL PAULISTA

No início do século XX, em São Paulo, um mecenas e poeta simbolista movimentou a cena cultural da capital paulista, onde Alphonsus de Guimaraens também vivia. José Freitas do Valle fundou a Villa Kyrial, uma casa que se tornou o ponto de encontro da elite intelectual e artística paulista. Ali se reuniam, além de Alphonsus de Guimaraens, outros escritores simbolistas, como Jacques D’Avray, pseudônimo do fundador da Kyrial, José Severiano Resende, e também escritores modernistas, como Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

Márcia Camargos (2001) afirma que a importância da Villa Kyrial para a São Paulo do início do século XX deve-se ao fato de esta cidade, apesar de ter se desenvolvido na indústria e no comércio, não apresentar uma cena cultural intensa, ao contrário da Rio de Janeiro, que há muito contava com grandes bailes, espetáculos musicais e teatrais, além de possuir instituições como a Biblioteca Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico, o Teatro Municipal e a Escola de Belas-Artes. Desse modo, a vila fundada por Resende foi valorosa por movimentar e estimular a produção e a vivência cultural na capital paulista.

No período em que surgiu a Villa Kyrial, após a proclamação da República, o país buscava constituir-se como um país “republicano, capitalista e racional” e, para isso, foi necessário instalar-se uma nova ordem, “impondo padrões europeizados de condutas públicas e privadas (CAMARGOS, 2011, p.25). Ademais, Camargos (2001) afirma que

A Villa Kyrial deve ser vista como uma expressão de uma elite que pretendia assimilar as mudanças em curso na virada do século XX e, simultaneamente, preservar o *status* e os privilégios. Em meio a profundas metamorfoses, essa elite procurava alimentar um sentimento de continuidade, mantendo hábitos aristocráticos e reforçando a tradição. (p. 16)

Nas crônicas do jornal *Conceição do Serro* ficará evidente como, na assimilação das mudanças de seu tempo, Alphonsus de Guimaraens buscou principalmente reforçar a tradição, numa tentativa de barrar ou retardar as metamorfoses da vida social. O discurso patriarcal, juntamente com o religioso, foram alguns dos principais fomentadores dessa manutenção da tradição, conforme buscar-se-á evidenciar no capítulo posterior.

Em relação à tradição literária, os poetas simbolistas contemporâneos à Villa Kyrial, dentre os quais se encontra Guimaraens, voltaram-se novamente para o lirismo e para o misticismo, como os românticos, e não abriram mão da estética da forma, conforme os parnasianos, preservando, assim, a tradição literária. Na prosa, de alguma forma Alphonsus busca criar e manter sua própria tradição a partir da reprodução, nas crônicas, de símbolos e temáticas exploradas pelo escritor em sua obra poética. A lua e o luar, por exemplo, imagens sempre presentes nos poemas, também são presentes nas crônicas. Essa proximidade com a



poética simbolista é justamente o ponto criticado por Brito Broca nas crônicas do jornal *Mercantil*.

Outrossim, o cronista Alphonsus de Guimaraens e os seus respectivos narradores do *Conceição do Serro* divergem do movimento elitista da Villa Kyrial por não ostentarem o glamour e a aristocracia que reinavam entre os participantes. Márcia Camargos (2001) afirma que a Belle-Époque foi um movimento cujas “conquistas tecnológicas e harmonia política” (p.15) propiciaram o “florescimento de uma sociabilidade urbana elegante e culta entre as elites regionais.” (p.15) Esse cenário relaciona-se diretamente com o contexto histórico pelo qual passava a cidade de São Paulo que, “antes provinciana e acanhada, começava a ostentar os símbolos do progresso. Lâmpadas da Light iluminavam ruas e avenidas recém-abertas, os bondes, agora movidos a eletricidade, não tardariam a disputar espaço com os automóveis.” (CAMARGOS, 2001, p. 15).

Assim como a cidade de São Paulo ia transformando-se, buscando modernizar-se, à luz das transformações europeias, as práticas elitistas e aristocráticas também correspondiam a uma tentativa de reproduzir um padrão europeu, sobretudo francês, tido como o modelo a ser seguido no Brasil. A Villa Kyrial e seu fundador eram exemplos de como essa ostentação e glamourização eram sustentadas pelos artistas daquela época. De acordo com Antonio Candido (*apud* CAMARGOS, 2001),

a Villa Kyrial foi o mais completo exemplar que houve em São Paulo de um traço característico da *Belle- époque*: a estetização da vida, baseada na concepção segundo a qual o quotidiano deve transformar-se em obra de arte. Segundo esta concepção, seria preciso não só fazer literatura e arte, mas viver como se a vida pudesse ser uma obra de arte e literatura. Com grande capacidade de invenção e organização, Freitas Valle estabeleceu uma decoração, um ritual, uma ordem honorífica e nesse quadro elevou o convívio intelectual, a culinária, o vinho, o perfume a traços integrados em sistema, de maneira a formar um estilo próprio, certamente único no Brasil. (p. 12)

Entretanto, os cronistas de Alphonsus de Guimaraens, do jornal *Conceição do Serro*, não performam tal requinte ostentado pela estética da *Belle-époque*. João Carrilho distancia-se, inclusive, da nomenclatura francesa que os autores simbolistas tinham por costume adotar como pseudônimos, o que é apresentado no outro pseudônimo do cronista: Guy d’Alvim.

A apresentação dos cronistas de Alphonsus é dissolvida ao longo das narrativas. Não há uma introdução ao leitor, mas, ao recuperar os rastros deixados nos textos, é possível construir um imaginário sobre os narradores. A primeira crônica de João Carrilho publicada no *Conceição do Serro* data de 22 de maio de 1904 e nela o cronista narra uma viagem com seu

amigo Sanches. Nessa crônica, Carrilho apresenta-se como acadêmico e jornalista. Afirma ainda:

Porque eu, João Carrilho, embora a muito incrível isto seja, cheguei a adquirir dois diplomas mais ou menos ultracientíficos, não sou, como podem pensar, um sujeito qualquer sem noções de humanidade. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

João Carrilho, portanto, pertencia a um grupo seletivo, uma vez que a obtenção de diplomas de nível superior era reservado – como de certa forma ainda é, apesar dos avanços – a um pequeno grupo. Assim, Carrilho aproxima-se da elite intelectual tradicional no grupo simbolista. Por outro lado, em outras crônicas é notável que a elite intelectual pode ser o único grupo de prestígio do qual o narrador participa.

Como já mencionado anteriormente, a condição do cronista não se aproxima da exuberância de fazer da própria vida uma obra de arte, como pretendiam os integrantes da Villa Kyrial, de acordo com Candido. Nas crônicas a respeito da festividade do Jubileu, fica evidente que João Carrilho não participa da classe alta da cidade, uma vez que vive em casa de pensão e não dispõe de novas vestimentas para utilizar na ocasião do Jubileu, quando todos as renovam, sendo necessário pedir roupas emprestadas ao amigo José Marques para que ele possa participar das celebrações:

Olhei para os meus chinelos, e vi que estavam mais precisados de aposentadoria do que um professor público depois de cinquenta anos de escola; e contemplei o meu chapéu e tive saudade do tempo em que ele não se envergonhava de sair na rua. Depois de muito parafusar resolvi passar o dia sem pensar em coisa alguma. (...)

– Carrilho!

– Senhora!

A dona da casa chamava-me pela segunda vez.” (...)

(...) lembrei-me, de repente, que o meu amigo José Marques tinha alguns peletots em bom uso, e se não me enganava, um frack mais ou menos moderno. (...)

– Estou arranjado! exclamei, ovante. Saio um dia, sai ele outro, e assim não perdemos as festas. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 12 de junho de 1904)

Na crônica do dia 19 de junho de 1904, ao caminhar pelas ruas tendo como destino a missa do Jubileu, João Carrilho afirma: “vou caminhando lentamente com a pacatez habitual de um burguês que vive das suas rendas e das rendas de bilro que as filhas fazem por desfastio e alegre desenfado.” Mesmo com a comparação criada pelo narrador, não é possível afirmar que ele é, de fato, esse burguês. Adiante, Carrilho afirma que quem o vê pensa que “ali vai um

poço de ciência, de consciência e de paciência”, mas que, na verdade, sua aparência austera engana. Portanto, João Carrilho quase nada se aproxima da elite em voga na Villa Kyrial.

Por sua vez, na crônica do dia 1 de maio de 1904, Guy apresenta-se aos leitores como um boêmio antigo, que tem por hábito admirar a lua desde sua mocidade que, segundo ele, “já vai se descambando impetuosamente para o tristonho outono da... falta de cabelos, de ilusões e de dinheiro.”. Diferente de João Carrilho, Guy não nos revela informações sobre sua formação ou condição financeira, de modo que não é possível observá-lo sob os parâmetros elitistas e aristocráticas dos simbolistas.

Vale destacar, a título de informação, que Guy descreve-se fisicamente, como se vê a seguir. Curiosamente, a descrição dos cabelos, barba e nariz aproximam-se da imagem do próprio Alphonsus de Guimaraens, conforme foto do autor anexada a este texto.

(...) não pesa sobre meus ombros a idade de Cristo transforma-se antes na primavera florida dos vinte anos; os meus negros cabelos (porque felizmente o resto que possuo está preto como a minha barba em ponta) já não caem, pondo-me a calva à mostra um pouco prematuramente (...).  
Chego a esquecer-me do meu grande nariz, alviesco por hereditariedade, bastante vermelho pelo frio ou por outras causas comuns aos homens (...)  
(CONCEIÇÃO DO SERRO, 1 de maio de 1904)

Uma investigação aprofundada sobre os narradores de Alphonsus de Guimaraens poderia certificar se existe em algum deles, mais especificamente em Guy, um alter ego do escritor. De modo geral, os estudos dos narradores de Alphonsus de Guimaraens são um campo fértil para a pesquisa, cujos resultados contribuirão grandemente para a compreensão da obra em prosa do escritor mineiro. Infelizmente, devido ao curto prazo de duração e aos objetivos previamente estabelecidos para esta pesquisa, não será realizado aqui um aprofundamento sobre os narradores das crônicas de Alphonsus de Guimaraens. Esse assunto, unicamente, constitui material para outra pesquisa de fôlego, que deverá ser desenvolvida posteriormente.

## **2.2. Reflexos do Simbolismo nas crônicas de Alphonsus de Guimaraens**

Henriqueta Lisboa (1945), ao abordar as crônicas de Alphonsus de Guimaraens publicadas no livro *Mendigos* (1921), afirma que “a leitura de certas passagens de *Mendigos* causa a impressão, a quem conhece sua obra em versos, de ver o teatro por dentro...” (p.46). Portanto, a poetisa defende as crônicas como um espaço de bastidores para a poesia de

Alphonsus de Guimaraens, ou seja, como se esses textos em prosa fossem uma espécie de incubadora para temas que posteriormente seriam desenvolvidos na poesia.

Nesse sentido, Paula (2017), também analisando o livro de prosa do autor, defende que as crônicas de Guimaraens representam uma memória do Simbolismo, uma vez que nelas, assim como em sua correspondência, o poeta demonstrou preocupação em manter a temática simbolista.

De fato, é inegável que as crônicas de Alphonsus representam grande potencial memorialístico do Simbolismo, assim como evidenciado por Paula (2017). No entanto, se levado em conta que o livro *Mendigos* foi publicado no ano de 1921, ano da morte de Alphonsus de Guimaraens, e que ele é um compilado de crônicas publicadas anteriormente pelo autor, não é possível concluir que as crônicas de Alphonsus de Guimaraens desempenham o papel de rascunho para sua poesia, uma vez que elas foram escritas posterior ou concomitantemente às poesias.

Logo, para a discussão que se segue, as crônicas de Alphonsus de Guimaraens publicadas no jornal *Conceição do Serro* serão consideradas como textos que dialogam com temáticas essenciais na poesia do autor, caras ao Simbolismo, muito embora não seja o objetivo deste trabalho compará-las às poesias.

Duas principais forças temáticas presentes na poesia de Guimaraens serão abordadas em sequência: a lua e a fé e a religião. Tal seleção foi estabelecida devido à reincidência de tais assuntos nas crônicas do periódico analisado. É válido ressaltar que certamente existem diferentes diálogos a serem estabelecidos entre as crônicas e as poesias do escritor mineiro que, quando comparados, podem revelar consideráveis resultados para a investigação da aproximação entre crônica e poesia de Alphonsus de Guimaraens.

### 2.2.1. LUA

Ismália<sup>10</sup>, um dos poemas mais conhecidos de Alphonsus de Guimaraens, tem como figura central a lua, que exerce influência sobre a personagem homônima, determinando o seu

---

<sup>10</sup> **Ismália**

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Baniu-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,

fim. É representativo que talvez a poesia mais conhecida do autor tenha como símbolo central a lua, pois essa é constante em sua obra. Não à toa, Alphonsus de Guimaraens ficou conhecido como o poeta do luar.

De acordo com Ricieri (2001), este epíteto atribuído ao escritor está relacionado à representação da lua que “tradicionalmente conotaria uma feminilidade espiritualizada” (p.57), mas que possibilita também conotações sensuais e inebriantes. Nas crônicas do *Conceição do Serro* que possuem a lua como imagem central na narrativa, o astro luminoso evoca um tom de lirismo e subjetividade, provocando reflexões e melancolias no narrador.

No dia 24 de abril de 1904, numa crônica assinada por Guy, a lua compõe o espaço da narrativa e anuncia o tom etéreo e furtivo que o texto apresenta. Ei-la em seu início:

Era uma noite deliciosa de luar. A lua no auge de sua pálida formosura, divagava entre nuvens, errante castelã em busca de barbacãs movediças do seu etéreo solar.

Um suave perfume de saudade e melancolia embalsamava a atmosfera.

Entre casuarinas que farfalhavam ao vento tranquilo, a bela capelinha surgia, majestosa e triste, na sua humildade agreste; e toda branca de luar, era como o cordeiro de Deus. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Esses primeiros parágrafos, evidentemente sinestésicos, composto por imagens, aromas e sons que se misturam, revelam já a influência simbolista nas crônicas de Alphonsus de Guimaraens. Neles também figura a lua como personagem feminina que vaga entre as nuvens em busca de sua morada. Os atributos conferidos a esta imagem – a pálida formosura, o posto de castelã – agregam a ela certo valor diferenciador, primeiramente por personificá-la, e também por não a determinar ao lugar do ordinário.

---

Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

Na sequência, a lua acrescenta à narrativa a dimensão do sobrenatural e do místico construída pela imagem dos vultos, duendes e espectros. O misticismo também é uma das características do Simbolismo, fortemente empregada por Alphonsus em sua poesia. Nas palavras de Guy: “Sob o encanto maravilhoso do céu, passavam pela rua vultos oscilantes e vagos, como duendes fatais; e como ao luar todos nós somos fantasmas, pareciam-me o quadro uma aparição de espectros” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 24 de abril de 1904).

Após ouvirem um som de violão e vozes “que se erguiam ao alto, pelas espirais do luar”, um amigo que ali estava com Guy, “envolto nas lactescências da lua”, indaga-o sobre os efeitos do astro iluminado na vida de quem o contempla: “– Sob a doçura desta sublime serenidade lunática, quem não gozará da vida? – Eu, respondi-lhe docemente. Foge do encantamento da lua: os seus olhares são traidores como os olhos de quem ama...” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 24 de abril de 1904)

Apesar de advertir o amigo sobre os encantamentos da lua, na crônica do dia 1 de maio de 1904, Guy apresenta-se completamente inebriado e apaixonado pelo astro. O cronista afirma gostar de namorar a lua, pois sua mocidade boêmia, época na qual adquiriu o hábito de passar noites inteiras ao relento, “já se vai descambando para o tristonho outono da... falta de cabelos, de ilusão de dinheiro.” Logo, para curar-se desses males, o narrador diz namorar a lua, pois não tem mais idade de encontrar outra espécie de namoro.

Por ser sua amada, a lua é pintada carregada de sensualidade, conforme é possível comprovar neste excerto:

Convencido de que o astro brilhante da noite, a urna eterna de poesia nostálgica, pode ser contemplado em sua casta nudez para todo o sempre imaculada, arregalo os meus olhos tristes e fito-a sem temor de quem deseje um fruto proibido.

E tão fora de mim fico às vezes que chego a convencer-me do amor platônico dela por mim. Lá segue a minha amada por entre nuvens delgadas, um colar de estrelas floresce ao redor da sua inconcebível carne de leite. As nuvens deslocando-se, formam no céu amedrontadores fantasmas de ferozes cataduras... Ah! Como eu os odeio, a esses vilíssimos adamastores celestes que de tão perto a veem! (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Nesse trecho, vale ainda ressaltar o status de eterna inspiração nostálgica para a poesia que o autor outorga à lua, sendo ele mesmo um inspirado por ela. Ademais, é importante destacar que, ao contemplar e fitar a lua, o narrador sente-se fora de si, como se esta imagem o levasse para outro lugar. Desse modo, o gosto pela contemplação do luar pode ser justificado como uma tentativa de evadir a realidade do narrador que, como mencionada por ele, já não corresponde mais aos anos dourados.

Nesse sentido, Guy aponta que, quando por detrás das nuvens surge a lua, ele se esquece completamente de tudo:

Não pesa sobre os meus ombros a idade de Cristo transforma-se antes na primavera florida dos vinte anos; os meus negros cabelos (porque felizmente o resto que possuo está preto como a minha barba em ponta) já não caem, pondo-me a calva à mostra um pouco prematuramente; encaracolam-se como outrora, quando achei quem brincasse com os meus anéis ibéricos, alisando-os com os dedos... (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Assim, por evocar a nostalgia, a lua relembra o cronista de sua mocidade e, por conseguinte, evade-o de sua realidade, conforme evidenciado no texto. Esta perspectiva pode esclarecer ao leitor uma possibilidade de interpretação para a resposta dada por Guy ao seu amigo na crônica da semana anterior. Guy considera a lua traidora pois, apesar de representar uma função momentaneamente evasiva, a realidade do narrador não pode ser mudada.

Por fim, a crônica é concluída com resignação:

Mas que querem?

Ninguém nasceu perfeito neste mundo, e muito feliz me acho de só namorar a lua, que mora muito longe, e não mandará de certo o seu amante, que dizem ser o sol, desancar-me com uma sova de marmeleiro. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Por sua vez, na crônica do dia 5 de junho de 1904, também assinada por Guy, a lua evoca ao narrador a lembrança dos mortos, uma vez que, em meio às estrelas, ela “parece um caixão branco de uma virgem que vai acompanhado por milhões de anjos que trazem círios nas mãos”. Também a morte é uma temática comum na poesia de Alphonsus de Guimaraens, muitas vezes atribuída à perda de sua prima e noiva Constança na juventude. Essa temática acrescenta à citada narrativa um tom mórbido, conforme demonstrado no trecho abaixo.

Transidos de frio, entre as tábuas da sepultura estreita, medonhos no horror que os cerca, ninguém poderá pensar neles sem sentir um rangido de dentes involuntário, um tremor de medo pelos nervos.

Passam-me então pelos olhos os féretros suntuosos das cidades grandes, o enfileiramento dos carros fúnebres, os enterros singelos das cidades pequenas, em que os corpos são levados à mão e às pressas, e os enterros dos anjinhos em caixões abertos, de mãos postas e sorrindo às vezes, entre fanfarras de músicas alegres. E também os horríveis carroções que nos centros populosos levam para a vala comum pilhas de miseráveis amortalhados, apenas no trajeto, pelos cadaverosos lençóis dos hospitais, e atirados nus, em confusão, ao mesmo leito do pânico. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

A reflexão sobre a morte, leva-o diretamente à constatação da efemeridade da vida:

e penso nos meus pobres amigos, tantos que vi seguirem para o país das sombras, quando a aurora da vida lhes aparecia apenas. (...) Relembro-me dos meus amigos defuntos. Eurico! Eurico! que é da tua cabeleira loira, que se enroscava pela cabeça em caracóis como uma coroa de ouro? (...) e os teus lábios rubros como romãs tropicais, que sorriam tão sarcasticamente, que é deles? Fanaram-se depois de tantos beijos de amor, e sumiram-se no pó, e de ti, Eurico, meu querido amigo, só resta essa horrível caveira cansada de rangir os dentes na luta infanda contra os vermes... (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Diante da finitude do material, o cronista preocupa-se com o lado espiritual, pautado, sobretudo, na crença cristã. De acordo com Guy (CONCEIÇÃO DO SERRO, 5 de junho de 1904), apesar da morte que nos é certa e da perecibilidade dos corpos, “a vaidade humana cada vez mais cresce, cada vez mais avoluma: e o maior número só pensa nas riquezas, nas extorsões, nos meios inconcebíveis de explorar os proletários e os tolos, os pobres e até os mendigos.”. Sendo assim, o cronista adverte aos seus leitores, concluindo sua reflexão promovida pela observação da lua: “rezai pobres velhos, rezai pobres velhas, míseras caveiras malvestidas.”

A ausência do luar também é motivo de comentários do narrador nas crônicas. No dia 3 de julho de 1904, Guy afirma ter saudades da lua. O cronista sente saudade da lua devido aos dias de inverno, nos quais há presença de neblina e, por isso, “cerca-nos a escuridão das atras<sup>11</sup> noites que de pavor nos gelam; dentre o negror absoluto da abóbada celeste nem um raio de estrela fugidio cintila por instantes; estendem-se pelo céu grandes panos mortuários, distendidos em dobras de profundo luto.”.

Assim, é notável que a ausência do luar causa no narrador um sentimento de desolação, que irá reverberar em memórias de um tempo passado. Na sequência da narrativa, o clima invernal é associado às comemorações dos santos de junho, São João e São Pedro, que naquela data haviam sido recentemente celebrados. O último santo provoca em Guy lembranças de sua mocidade e da cidade onde viveu naquele tempo. Ele declara:

Vieste reviver os dias da minha infância longínqua, que por feliz e risonha tão depressa passou, como passa a felicidade sempre, e o riso, às vezes. Lembrei-me da minha velha cidade, lendária e imponente, cheia de montanhas que penetram no céu, toda cercada de templos suntuosos, abençoada por tantos cruzeiros que no alto dos montes abrem, como que para ampará-la, os seus braços protetores, e hoje – pobre e mísera avozinha das cidades e vilas mineiras! condenada, sem culpa e sem pecados, a morrer lentamente, como se vão os velhos e as lâmpadas abandonadas...

---

<sup>11</sup> Grafia original do jornal



Lembrei-me dela, e depois olhando para a escuridão do céu, tive saudades da lua (...) (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

A lua, ou, neste caso, sua ausência, evoca memórias no narrador e estas estão associadas a coisas que eram e não mais são, ao tempo da mocidade, ao lugar de origem. Igualmente, nas crônicas supracitadas, de alguma forma, a lua influi sobre o autor reminiscências de seu passado, sendo, assim, um elemento de memória.

Portanto, nas crônicas supracitadas do jornal *Conceição do Serro*, todas assinadas por Guy, a lua representa um símbolo de evasão do narrador de sua realidade, seja revivendo o passado na lembrança, ou pensando na morte. A toada sensual, mística, triste, mórbida, sinestésica que as crônicas lunares indicam, auxiliam a construir a aproximação simbolista entre a prosa e a poesia do poeta do luar.

### 2.2.2. FÉ E RELIGIÃO

É inegável que o misticismo religioso é um elemento inalienável da obra poética de Alphonsus de Guimaraens, haja vista os próprios títulos de seus livros, – *Septenário das dores de Nossa Senhora* (1899), *Câmara ardente* (1899)<sup>12</sup>, e *Kiriale*<sup>13</sup> (1902) – parte deles ligados diretamente a temas religiosos. A respeito da poesia de Alphonsus de Guimaraens, Francine Ricieri (2001) afirma que

pensar sobre Alphonsus de Guimaraens, falar sobre Alphonsus de Guimaraens, escrever sobre Alphonsus de Guimaraens bota-nos sempre e imediatamente na nave de alguma igreja. Podemos espernear, protestar, resistir: um som de instrumentos delicados invade já os ouvidos, cheiros reclusos inundam-nos papilas e as pupilas em penumbra recolhem-se receosas sem saber ao certo para onde podem olhar. O tom da voz baixa, pausas insinuam-se no discurso e súbito sentimo-nos vigiados, olhos inescrutáveis nos acompanham e inevitavelmente nos pomos a pesar, a calcular, a julgar a índole e o caráter de cada palavra, de cada silêncio, de todo gesto ou intenção. Adiante, divisamos um santuário. (p.17)

Além dessa presença temática ser marcante na poesia, é possível observá-la também nas crônicas de Alphonsus de Guimaraens? Para responder essa questão, é válido ressaltar

---

<sup>12</sup> Câmara ardente é um recinto onde se faz velórios ou onde o corpo aguarda para ser velado ou enterrado. Na religião católica apostólica romana, a morte é um momento significativo na vida espiritual, pois é quando se faz a passagem para a vida eterna, considerada a morada eterna da alma dos justos.

<sup>13</sup> Kyriale é uma coleção de cantos gregorianos para missa.

novamente que as crônicas de Guimaraens não seguem necessariamente o mesmo perfil temático das poesias, mas não é possível negar que a poesia, enquanto expressão primeira do autor, exerce influência em sua prosa. Em muitas crônicas, o autor aborda a fé cristã e, em várias outras, seus julgamentos e pontos de vista são claramente pautados pela moral católica.

Na coletânea do jornal *Conceição do Serro*, muitas vezes a religião faz-se presente por meio da menção às festividades da igreja e dos santos. Como já foi abordado anteriormente neste texto, a celebração do Jubileu do Bom Jesus do Matosinho é um evento de bastante importância para a vida religiosa, cultural e econômica da cidade e, por isso, essa celebração é tratada em algumas crônicas que antecedem e que sucedem o período do jubileu.

Outrossim, as celebrações de dias de santos são presentes ao longo das crônicas e revelam também aspectos culturais daquela população, como hábitos e superstições. A exemplo, na crônica do dia 28 de agosto de 1904, João Carrilho escreve sobre o dia de São Bartolomeu, comemorado a 24 de agosto. O personagem de importância na crônica trata-se de

São Bartolomeu, bom cristão que segundo a história reza, andou pregando o evangelho na Índia, na Etiópia, na Licaonia<sup>14</sup>, sendo martirizado na Armênia; há quem diga que ele é o mesmo Natanael, que foi um dos 72 discípulos de Cristo. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

A importância desse santo advém de um evento historicamente datado, ocorrido na França, conhecido como o massacre da noite de São Bartolomeu, “horrible dia em que por ordem de Carlos IX e Catharina de Medicis foram barbaramente massacrados os protestantes franceses.”. (Ibid)

Aparentemente, o ocorrido gerou ao longo dos anos uma tradição de mal agouro para a data, alimentada pelo cronista em sua narrativa, visto que ele afirma:

É que o dia terrível do apóstolo São Bartolomeu se anuncia, cheia de vagos prenúncios de quedas e de coices, de pancadas e pancadarias, de corridas e de corredorias, antolhando-se nos tão iminente o seguir para o céu, que é a pátria futura de alguns de nós, como rodar para o inferno, que a habitação fatídica da maioria dos homens. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

O cronista demonstra fiar-se em tal superstição, evidenciando, por conseguinte, uma crença que, apesar de ligada a um personagem religioso, não necessariamente alimenta uma crença cristã, por se tratar de uma tradição pautada na crença popular. Assim, João Carrilho afirma que

---

<sup>14</sup> Também chamada de Licônia, é o nome de região no interior da antiga Ásia Menor.

nesse dia, eu, pobre cronista do mato, penso nas múltiplas calamidades a que estamos sujeitos, digo eu, que o telhado caia sobre o meu crânio, partindo-o em dois; pode bem ser que algum sinistro fantasma surja ante os meus olhos pávidos, e me arrebate para os antros soturnos, para as geenas aterradoras da... falta de dinheiro.

Tudo é possível nesse mundo sublunar e inabitável. Ouçam.

(...) Do que expus, decorre a minha opinião sobre tal dia. Fico em casa, deitado no chão, com medo da cadeira perder as penas e eu quebrar as minhas; não converso com ninguém, temendo dar uma dentada na língua, não olho para mulher alguma, receoso de apaixonar-me por ela, na avançada idade em que me acho. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Assim, ainda que a fé e a religião sejam reforçadas nas crônicas, assim como o são na poesia de Alphonsus de Guimaraens, os textos em prosa não se limitam a corresponder aos dogmas da igreja. Os narradores irão, por vezes, colocarem-se em posição diferente daquela que comumente encontramos na obra poética de Alphonsus. Essa dissonância pode estar relacionada com a ruptura que a igreja havia vivido em relação ao Estado, devido à proclamação da República no Brasil.

Algumas crônicas cuja temática é pertencente ao âmbito religioso também dialogam implicitamente com a política da cidade interiorana. No ano de 1904, concorreram ao cargo de vereador o amigo de Alphonsus e fundador do periódico, Soares Maciel, contra um médico da cidade, implicitamente mencionado em textos diversos. Isso evidencia que as crônicas não se restringiam apenas a tratar sobre fé e religiosidade, e que Alphonsus de Guimaraens valia-se desses temas caros à população para abordar assuntos relacionados à vida política e social da cidade.

Na crônica do dia 16 de outubro de 1904, João Carrilho conta a história dos quatro mártires, São Severo, São Severiano, São Carpóforo e São Vitorino, mortos açoitados, a mando de Deocleciano, por se recusarem a abnegar Jesus e adorarem Esculápio, o deus pagão da medicina.

Carrilho afirma que

os mártires, como que dominados pela anestesia do êxtase, recebiam, sorrindo, com os olhos candidamente fixos no miraculoso azul do céu, os mais espantosos suplícios.

Arrancavam-se lhes os olhos, as unhas, os dentes, deslocavam-se lhes os membros e tenazes de ferro em brasa distendiam até arrebatá-los, os seus nervos doloridos: nada disso fazia com que esses admiráveis cristãos dos ardentes séculos de fé e amor a Jesus soltasse o menor gemido, desse o mínimo gemido demonstrativo do nunca sonhado martírio que os ciliciava desapiedadamente. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Ao receberem a proposta de Deocleciano, “contendo uma gargalhada Homérica, os Quatro Santos entreolharam-se e ao mesmo tempo viraram as costas para o divino Esculápio.”, sendo, por isso, martirizados, por negarem-se a adorar o deus pagão da medicina. Ao concluir sua narrativa, Carrilho alega: “Como os tempos mudam! Hoje qualquer Esculápio vulgar tem a adoração dos povos; o que mais admira é que o ídolo antigamente era de bronze ou mármore, e que atualmente é de... pomada.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Assim, em entrelinhas, Carrilho critica o candidato médico, partindo da premissa de que os adoradores de Cristo devem negar apoio ao deus da medicina, eufemismo usado para referir-se ao candidato opositor de Soares Maciel. Além disso, a conclusão do texto evidencia também uma observação do narrador quanto à mudança de comportamentos devido ao tempo. A crônica sinaliza, de certo modo, uma desvalorização da fé e dos valores cristãos, contrastando a atitude dos mártires e o atual comportamento dos fiéis que adoram o deus de pomada observado pelo cronista.

Tal mudança de comportamento reverbera em outras crônicas, inclusive como uma transformação que atingiu o próprio cronista. Como exemplo, na crônica do dia 29 de maio de 1904, Guy afirma:

Perdoem-me estas digressões tristes. Estou completamente sem fé nos homens e nas coisas. Já não creio nem no bispo, e sou capaz de pôr argumentos contra a infalibilidade do papa. Por um triz declaro-me confuciano; vou ser fakir no Hindustão, bonzo na Conchinchina, sacerdote otomano na Turquia, muezim na Arábia, o próprio Satanás no inferno...  
E toda razão tenho. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

A descrença nos homens e nas coisas, como também na religião e na instituição igreja, cria um paradoxo entre a fé e a razão, que o cronista afirma ter ao sentir-se desesperançoso. Tal sentimento está relacionado com o descontentamento e incômodo com a vida atual. De acordo com o narrador,

a humanidade, caquética, hoje, cheia de reumatismo e de descrença, apenas se lembra que um tempo houve em que a formosura dos homens e das mulheres se rivalizava com a beleza dos anjos. (...) Hoje, nessa derrocada geral de falta de amor e de amizade, de ausência completa de caráter e de bom senso, retrogradamos até Diógenes: se este procurava um homem, pelas ruas de Atenas, de lanterna na mão, apoiando-se sobre seu nodoso bordão, e não o encontrava, hoje o problema seria mais difícil ainda de ser resolvido...  
A lanterna primitiva do sábio grego, enfumaçada e oscilante, bem podia ocultar em sombras o homem que era procurado; atualmente, na era da luz elétrica, do vapor, do gás e do balão, se aparecesse outro Diógenes, teria a mesma desilusão do filósofo cínico. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

Apesar da evolução tecnológica evidenciada no trecho pela presença da luz elétrica, o narrador julga que as virtudes humanas não correspondem aos avanços da técnica. Ao contrário, as pessoas e, de modo geral, a vida no tempo contemporâneo à narrativa são inferiores ao tempo passado, no qual homens e mulheres equiparavam-se aos anjos.

Esse mal-estar em relação ao seu tempo dialoga com o mesmo sentimento apontado por Bosi ao tratar sobre os simbolistas franceses, conforme explicitado no início deste capítulo. Tal sentimento é notado, por exemplo, nesse trecho do jornal, assinado por Alphonsus de Guimaraens: “Bom Jesus, da glória do seu altar, desce o olhar sobre nós: que a fé ao menos nos ampare neste início de século tão cheio de desânimos e tristezas.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 19 de junho de 1904)

Portanto, a crônica supracitada apresenta dicotomias percebidas e expressas pelo narrador Guy, no sentido de que ao mesmo tempo que a sociedade progredia tecnologicamente, regredia no que diz respeito aos princípios e às qualidades do humano. Assim, há um contraste entre o passado e o presente, sendo aquele superior a este.

Nas crônicas, há também críticas ao religioso:

Mas o fato é que os padres estão isentos de tudo: como afirma um colega, não há profissão mais rendosa que a deles, e no entanto não pagam o devido imposto de indústrias e profissões... (...) Um imposto sobre os padres seria equitativo, pois que a lei não deve privilegiar uma classe tão numerosa e prospera, criando tributos para as outras classes, muito menos protegidas pelo destino e por Deus... (CONCEIÇÃO DO SERRO, 7 de agosto de 1904)

Nesse trecho, o narrador João Carrilho lança um olhar para a igreja não mais sobre o ponto de vista onipotente da crença, mas sobre a perspectiva da igreja enquanto uma instituição financeira, comparando-a às indústrias. Nesse sentido, a crônica dessacraliza a igreja, que perde o seu status de sublime e de intocável.

Apesar disso, a esperança das melhorias para esse tempo de insatisfações ainda é pautada na crença cristã de que haverá em algum tempo a libertação dos sofrimentos terrestres: “carregamos o suplício da vida, o que não é pouco, até que o dia da redenção nos chegue, livrando-nos de tantas e tantas contrariedades e de tamanhos dissabores.”(CONCEIÇÃO DO SERRO, 29 de maio de 1904)

Portanto, é possível notar nas crônicas de Alphonsus de Guimaraens uma espécie de dessacralização do religioso percebida pelo narrador através das transformações do tempo. Essas transformações causavam certo mal-estar nos simbolistas, que buscavam combatê-lo na

poesia a partir da busca pela conexão às coisas místicas e transcendentais. Embora essa busca apareça enfaticamente na poesia do autor e resvale nas suas crônicas, nestas há também o questionamento às tradições.

Tal questionamento é evidenciado na crônica do dia 4 de dezembro de 1904, integralmente transcrita abaixo, na qual podemos perceber a valoração dos ritos e tradições religiosas e, ao final, um questionamento de tais rituais, aproximados aos contos de faz de conta da carochinha:

O ritual católico obedece a regras imutáveis, a uma série ininterrupta de cerimônias consagradas que torna o culto solenemente belo.

Daí a sua grandiosidade, amparada pela mais suntuosa liturgia que tem aparecido sobre a terra.

E a liturgia unida ao simbolismo, que é a essência mesma da religião romana, faz com que as almas humildes se realcem ao céu, obriga as almas orgulhosas a baixarem à terra.

Todas as cerimônias do culto, na admirável sequência dos símbolos, enchem de luz os espíritos crentes. No entanto, em meio de tanta magnificência, surgem dúvidas e perguntas que até aos profanos parecem inúteis...

É relativa à missa a última que lemos no órgão diocesano. Todos sabem o que é a missa, o ofício divino com que a igreja comemora o sacrifício de Jesus pelos homens. Nos manuais de piedade vêm estampadas, com a sua explicação simbólica, os mistérios desse ato.

O sacerdote é a figura de Cristo; a sua coroa é a coroa de espinhos; o amicto, o pano quadrado que ele põe sobre a alva, é o véu com que vendaram os soldados os olhos do Senhor; a alva é a veste branca com que Herodes o envolveu, por escárnio: e o manípulo, que é o cordel com que foram atadas as suas mãos, e a estola, que é a corda que lançaram sobre o seu pescoço, e a casula que é a túnica de quem o despiram, e tudo mais, - cruz, corporais, cálice, patena e hóstia, - significa um dos episódios da vida do Redentor.

A alma humana segue, ouvindo uma missa e prestando toda a atenção ao acólito (que representa o povo,) todos os passos dessa Vida que foi tão breve, mas que há de durar por toda a eternidade.

No entanto, como disse, vem de vez em vez uma pergunta que serve simplesmente para interromper o êxtase de um bom cristão.

“Havendo igrejas em que fica a sacristia por trás do altar, qual o lado por onde deve entrar o celebrante, e por qual deve sair, acabada a missa?”

Simples questão litúrgica que bem podia ser resolvida assim, à maneira dos contos da carochinha: que o padre entre por uma porta e saia por outra... (CONCEIÇÃO DO SERRO, 1904)

### CAPÍTULO III: AS CRÔNICAS DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS NA “MODERNIDADE”

Os avanços tecnológicos promovidos pela Revolução Industrial e pela Revolução Técnico-científica geraram mudanças em diversas esferas da vida social. A invenção da máquina a vapor, na Revolução Industrial, proporcionou o surgimento das primeiras indústrias e impulsionou a criação de novos produtos. Já a Revolução Técnico-científica ampliou em quantidade e qualidade os processos industriais desenvolvidos anteriormente e também possibilitou o surgimento de novas técnicas, devido, por exemplo, à utilização de novas fontes de energia, como a elétrica e a petrolífera, que permitiram o desenvolvimento de novos produtos relacionados, inclusive, à área da saúde, como a penicilina e a anestesia.

Esses avanços proporcionaram um novo cenário econômico, no qual predominava o sistema capitalista, e, conseqüentemente, alteraram as relações sociais. Nicolau Sevcenko (1988) afirma que “nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos.” (p. 8). A passagem dos séculos XIX e XX foi, portanto, um momento de grandes transformações no mundo e, por conseguinte, no Brasil.

Ainda de acordo com o autor, tais transformações ocorreram principalmente entre os finais do século XIX e início do XX com mais força na Europa, enquanto nos demais locais as mudanças ocorreram lentamente. Esse cenário mudará com a ascensão da Revolução técnico-científica e com os câmbios de costumes e comportamentos que ela provocou, instaurando, então, segundo Sevcenko, o “mundo moderno”.

No Brasil, no final do século XIX, influenciados pelas correntes científicas europeias, como o darwinismo social de Spencer e, principalmente, o positivismo de Comte, o anseio pela modernidade mobilizou também o desejo de um novo modelo político, uma vez que o Império monarquista, até então em vigor, passou a representar o oposto de tal aspiração. Nesse sentido, a proclamação da República representava para um grupo de elite, composto por intelectuais e produtores de café, a abertura do país ao processo de modernização.

Em oposição ao que o Império representava, os novos ares anunciados pelos republicanos previam a chegada da modernidade e do progresso. Nesse contexto, em 1870, a conhecida Geração de 70, composta por uma elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, “comprometida com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas

‘ossificadas’ do Império, baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos” (SEVENKO, 1988, p.14) fundou o Partido Republicano, propondo o fim da monarquia. Ao movimento desse grupo, somaram forças os cafeicultores do sudeste, que ansiavam pela implantação de um sistema federalista que lhes assegurasse controle econômico e político na República.

A República no Brasil foi então proclamada no ano de 1889, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, que assumiu o poder. A chegada da República dividiu o país entre os entusiastas do novo regime e os conservadores monarquistas, com os quais Alphonsus de Guimaraens parecia compactuar. Além desse pacto com o conservadorismo, também é possível observar um discurso de resistência aos movimentos trazidos pela modernidade. Ambos os posicionamentos ficam evidentes em suas crônicas no jornal *Conceição do Serro* e serão analisados posteriormente.

Na República, “a ideia das novas elites era promover uma industrialização imediata e a modernização do país ‘a todo custo’.” (SEVENKO, 1998, p.15). Nesse sentido, a abertura da economia realizada pelo novo regime gerou, conseqüentemente, um processo maior de industrialização, comércio e urbanização de algumas cidades no país. A respeito do cenário de desenvolvimento que a República instaurou, em um primeiro momento, Sevcenko afirma que

Esse crepúsculo promissor ao mesmo tempo do século e do novo regime patenteava que a República viera para ficar e com ela o país romperia com a letargia do seu passado, alçando-se a novas alturas no concerto das nações modernas. (...) Essa mudança nas representações e expectativas relativas ao futuro e aos destinos do país, fossem elas marcadas pelo otimismo dos grupos beneficiados com a Regeneração ou pelos pressentimentos sombrios dos que, nos sertões ou nas capitais, viam ameaçados seu modo de vida e seus valores, indica a percepção geral de que a sociedade estava sendo engolfada por um processo de transformação mais amplo e complicado que a mera reforma das instituições políticas. (SEVCENKO, 1998, p.34-35)

A colocação do autor aponta para um ponto de vista que contrasta com o entusiasmo dos republicanos em relação à renovação política e econômica. Uma parcela da sociedade via nessas transformações uma ameaça à organização social, às crenças, aos costumes e à tradição. A instauração da República não trouxe, necessariamente, a modernização e o progresso esperado no campo social, pois, além da resistência encontrada “pelos pressentimentos sombrios nos sertões ou nas capitais” (SEVCENKO, 1998, p.35), o cenário social do país distanciava-se desse ideal de progresso.

No final do século XIX, o Brasil ainda não havia superado a herança social de um passado de exploração colonial e de uma abolição da escravatura recém-decretada. Mesmo com



alguns avanços conquistados, essa realidade ainda é latente na nossa sociedade hodierna, logo, no período mencionado, tal questão era imperiosa na formatação social do país. Portanto, a discrepância entre os anseios de progresso e modernidade e a situação social do país escancarava o complexo contraste da proclamação da República.

Essa realidade contrastante, entre a aspiração à modernização almejada pelos ideais republicanos e a realidade social precária do Brasil, foi observada com fineza por Machado de Assis, que retratou magistralmente em seus contos, crônicas e romances, as mazelas de uma sociedade contraditória. A esse respeito, Schwarz (2000) afirma que

ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. (SCHWARZ, 2000, p.9)

Desse modo, a República, principalmente nos primeiros anos, representa uma transição entre o antigo regime político e a antiga configuração social para o “novo mundo” prometido. O final do século XIX e o início do século XX são, portanto, um trânsito entre o moderno e o antigo, o liberal e o convencional. A literatura, enquanto retrato da sociedade, registra tais tensões que, por vezes, foram incorporadas ao estilo das narrativas.

### **3.1. Alphonsus de Guimaraens: tensões entre a modernidade e o conservadorismo**

Alphonsus de Guimaraens, enquanto contemporâneo a tais transformações, vivenciou ambos os lados da dicotomia social que coexistia no Brasil na virada dos séculos. Um ano após a Proclamação da República, em 1890, o escritor mudou-se de Ouro Preto, onde vivia, para a cidade de São Paulo, onde foi graduar-se. À época, São Paulo projetava as primeiras cenas da modernização. De acordo com Antonio Candido (2000), entre 1890 e 1910, São Paulo muda drasticamente:

A cidade é outra. Tem 70.000 habitantes naquela data e 240.000 nesta. É um importante centro rodoviário, comercial, político, onde a indústria se esboça. A população mudou radicalmente. Não há mais escravos, os caipiras vão sumindo, chegaram magotes de italianos, espanhóis, portugueses e alemães. Há uma diferença social muito mais acentuada, quer no sentido horizontal do aparecimento de novos grupos, e alargamento dos que havia, quer no vertical, em que as camadas se superpõem de modo diverso, recompostas quanto ao número, a composição, os padrões de composição.” (CANDIDO, 2000, p.142)

Estando inserido nesse contexto, Alphonsus de Guimaraens foi testemunha ocular das transformações urbanas e sociais pelas quais a cidade de São Paulo passou. O escritor produziu crônicas que narram memórias de seu tempo na capital paulista, como, por exemplo, “Cai a garoa”, publicada no livro *Mendigos*, que apresenta ao leitor um cenário cultural efervescente na época, graças aos estudantes que frequentavam a cidade e movimentavam a cena literária. Destarte, Alphonsus vivenciou as transformações da capital paulista, após a instauração do novo regime político, e é possível que tais experiências vividas e observadas pelo autor o tenham influenciado na sua produção literária posteriormente.

Em Conceição do Serro, onde foi morar depois de sua estadia na capital paulista, Alphonsus encontrou realidade distinta da observada em São Paulo. Distante das capitais e cercado pelos montes do relevo acidentado do estado, Alphonsus ocupava agora “os sertões” mencionados por Sevcenko (1998). Segundo Viscardi (1999), no início da República em Minas Gerais, as regiões cafeeicultoras, Zona da Mata e Sul de Minas, representavam o principal polo econômico do estado, enquanto a região central, à qual pertence o município de Conceição do Serro, era marcada pela decadência econômica.

Desse modo, com uma economia estadual pautada, sobretudo, na agricultura e com economia regional em declínio, o progresso industrial e urbano ainda era uma realidade distante para Conceição do Serro. A cidade interiorana e provinciana não tinha a mesma agitação cultural e industrial que o autor havia experienciado em São Paulo. No entanto, a partir da leitura das crônicas publicadas pelo autor no seu jornal, é possível perceber que os ecos das transformações mundiais e nacionais da virada dos séculos XIX e XX faziam-se ouvir no interior mineiro e, por vezes, soavam como ameaças ao consolidado modo de viver daquela sociedade.

Um exemplo desse ecoar seria a própria inauguração de um periódico na cidade. Na primeira edição do jornal, Alphonsus de Guimaraens prerrogou o caráter progressista do periódico: “Surge, pela primeira vez, nesta cidade um periódico; bem-vindo será por certo para todos aqueles que compreendem a missão progressista e benfazeja do jornalismo.” (p. 1.). Nesse sentido, o “órgão oficial do município”, como foi denominado o jornal *Conceição do Serro*, possibilitou maior circulação de informações sobre a cidade, o país e sobre o mundo, além de ampliar, graças à publicação de textos literários, a circulação e o consumo de literatura naquele grupo.

Embora o jornal em si representasse para aquele “cantinho de mundo”<sup>15</sup> tendências progressistas, que tratariam sobre os avanços industriais e econômicos, sobre direito, agricultura, comércio e viação, de modo a registrar os avanços do novo século, do ponto de vista das temáticas sociais, nem sempre os registros do jornal indicavam afeição ao progresso e ao moderno.

Nesse sentido, as crônicas de Alphonsus de Guimaraens registraram tensões latentes que se deviam ao contexto histórico em que estavam situadas. Exemplos dessas tensões são as abordagens feitas pelo escritor em narrativas que evidenciavam a ruptura entre a Igreja e o Estado, promovida pela ascensão da República no Brasil, e a luta pelo direito de voto das mulheres. Ambas as discussões já ocorriam no mundo e repercutiram no interior de Minas.

Portanto, as crônicas publicadas por Alphonsus de Guimaraens no jornal *Conceição do Serro* revelam as percepções de um tempo histórico e social, além de apresentarem novas possibilidades de leitura para a obra literária desse importante autor mineiro.

A seguir, este capítulo abordará como as percepções da modernidade que se anunciava e que se instalava no novo cenário mundial e nacional foram recebidas pelo autor e representadas em suas crônicas.

Ademais, buscar-se-á evidenciar como o próprio jornal *Conceição do Serro* e as discussões levantadas nas crônicas sobre a nova organização social eram reflexos de modernidade que se instaurava no interior de Minas Gerais.

### **3.2. *Conceição do Serro*: o “jornal de Alphonsus” e a modernidade no interior mineiro**

A cidade de Conceição do Serro, atual município de Conceição do Mato Dentro, era uma cidade interiorana de Minas Gerais, localizada a aproximadamente cento e sessenta quilômetros da capital do estado, Belo Horizonte. No século XX, Conceição do Serro era, assim como outras cidades interioranas mineiras, provinciana e fortemente imbuída pela cultura católica, proveniente dos anos de colonização portuguesa e que certamente se constituiu como parte da identidade mineira.

Por estar relativamente distante das grandes capitais, São Paulo e Rio de Janeiro, o estado de Minas Gerais sentiu morosamente os reflexos industriais do novo regime político. Inclusive a imprensa, um dos desenvolvimentos permitidos pela modernidade industrial, em

---

<sup>15</sup> Alphonsus de Guimaraens em *Conceição do Serro*, edição de 20 de março de 1904, p.2.

Minas Gerais ocorreu tardiamente, quando comparada ao desenvolvimento da imprensa brasileira.

Mendes (2010) aponta que Minas Gerais foi a sexta província a ter periódicos no Brasil, após Rio de Janeiro (1808), Bahia (1811), Pernambuco (1821), Maranhão (1821) e Pará (1822). O *Compilador mineiro*, primeiro jornal das Minas, surgiu apenas em 13 de outubro de 1823, 15 anos após a inauguração do primeiro jornal brasileiro, *A gazeta do Rio de Janeiro*.

Em relação à imprensa nacional, Sodré (1999) divide o desenvolvimento da imprensa brasileira em quatro fases, que aqui seguem a nomenclatura adotada por Mendes (2010)<sup>16</sup>: a Imprensa Colonial, de 1808 a 1822, a Imprensa Publicista, de 1822 a 1840, a Imprensa Informativa e Literária, de 1840 a 1889 e a Grande Imprensa, a partir de 1889. Mendes (2010), ao avaliar as fases da imprensa em Minas Gerais, percebe que, quando comparadas às da imprensa brasileira, elas desenvolvem-se posteriormente.

Devido a um processo de colonização peculiar, baseado na exploração de ouro e de diamante, Mendes (2010) atribui como causas do atraso da imprensa em Minas Gerais, três tipos de aspectos: econômico, histórico e social. O primeiro deles deve-se à decadência da mineração e à Inconfidência Mineira, que causou êxodo da região de Ouro Preto. Assim sendo, o principal centro de imprensa deixa de ser Ouro Preto e passa a ser Juiz de Fora.

O segundo aspecto apontado por Mendes deve-se, justamente, ao deslocamento dos polos da imprensa mineira ao longo da história, passando, respectivamente, de Ouro Preto para Juiz de Fora e, depois, para Belo Horizonte, mudanças que dificultam a consolidação da imprensa no estado. O terceiro fator apresentado pelo autor refere-se à distância do litoral e à topografia acidentada que retardou a chegada da imprensa à Minas, devido ao seu “isolamento” geográfico.

Mendes menciona também que o *ethos* mineiro inibiu, sobretudo na fase publicista da imprensa, o florescimento dessa na província mineira, uma vez que a cordialidade, moderação, autocensura e conciliação que caracterizam a mineiridade, segundo o autor, não favoreceram as características de agressividade nas discussões políticas às quais os jornais dessa fase aderiram.

De certa forma, esses elementos mencionados por Mendes atravessam a produção em prosa de Alphonsus de Guimaraens. É nesse local de isolamento geográfico, distante dos principais polos de imprensa do país e de Minas Gerais, que o escritor mineiro produz parte expressiva de sua obra em prosa como cronista no jornal *Conceição do Serro*. Talvez seja

---

<sup>16</sup> Sodré (1999) não se preocupou em denominar as fases, tendo apenas as dividido. Para fins de didática, optou-se por adotar a nomenclatura atribuída por Mendes (2010).

possível afirmar que a identidade do autor como cronista seja atravessada pelo *ethos* de mineiridade, mas certamente é também atravessado por outras experiências vivenciadas pelo escritor fora de Minas Gerais. Esse cruzamento de experiências que corresponde à parte da identidade do cronista Alphonsus de Guimaraens reflete um contraste que vai ao encontro do que ocorria no período, marcado pela transição dos séculos, do regime político e do pensamento social.

A respeito das fases da imprensa brasileira proposta por Sodré, a tabela abaixo ilustra as realizações desta no Brasil e em Minas Gerais:<sup>17</sup>

<b>FASES DA IMPRENSA</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>	<b>BRASIL</b>	<b>MINAS GERAIS (com respectivos polos de imprensa)</b>
IMPRENSA COLONIAL	Jornais nacionalistas	1808-1822	Minas Gerais não vivenciou essa fase
IMPRENSA PUBLICISTA	Jornal como instrumento político, de linguagem agressiva	1822-1840	1823- 1885 (Ouro Preto)
IMPRENSA INFORMATIVA E LITERÁRIA	Ênfase informativa e literária	1840-1889	1885-1927 (Juiz de Fora)
GRANDE IMPRENSA	Grandes empresas jornalísticas	A partir de 1899	A partir de 1927 (Belo Horizonte)

O jornal *Conceição do Serro* corresponde, tanto categoricamente, quanto temporariamente, à fase informativa e literária da imprensa em Minas Gerais. De fato, o jornal de Alphonsus de Guimaraens é constituído majoritariamente por notícias e textos literários, apresentando poucos anúncios publicitários. Apesar de ser informativo, o jornal não conta com repórteres ou jornalistas, uma vez que é redigido exclusivamente pelo autor mineiro. Os textos literários publicados, desse modo, também passam pelo crivo do artista.

Conforme foi citado no capítulo anterior, a nota de inauguração do jornal supracitado destaca a finalidade informativa e literária sobre a qual foi fundado o periódico. Ademais, na

<sup>17</sup> Esta tabela foi construída a partir da junção e adaptação de duas tabelas apresentadas por Mendes (2010).

mesma nota, o autor e editor do jornal tenta distanciar sua prática jornalística daquela realizada nos jornais do período publicista. Segundo ele:

Não virão a estas colunas discussões políticas com visos pessoais; não sendo inibido, portanto, tratar-se da política em geral, como a ciência de bem governar o Estado e o Município, e não com a esperteza maquiavélica de dominar por meios inconfessáveis. De acordo com a direção que o atual governo tem ministrado ao nosso Estado, não lhe serão poupados elogios sempre que proceder com o mesmo tino e lisura, com que tem procedido mau grado a terrível crise econômica que atravessamos. (...) O jornalismo, enviesado pelas deveras da falta de sinceridade e decoro, é um mal pestilencial que só males pode produzir, é o produto monstruoso a que a estátua do gladiador Pasquino, exibindo o torso cheio de panfletos deletérios, legou o nome propulsor. (CONCEIÇÃO DO SERRO 20 de março de 1904)

Embora o autor condene a tomada de partido político pelos periódicos, *Conceição do Serro* posicionou-se criticamente em relação a eventos políticos. Essa premissa da isenção não foi sustentada ao longo da existência do periódico, uma vez que é possível notar em algumas crônicas publicadas por Alphonsus de Guimaraens a defesa de um candidato nas eleições da cidade, em detrimento do rebaixamento do concorrente.

O coronel Soares Maciel, amigo de Alphonsus de Guimaraens e fundador do jornal, candidatou-se a vereador, tendo como concorrente o médico Casimiro de Souza (eleito pela maioria dos votos). No período eleitoral, durante o mês de novembro de 1904, circularam publicações desfavorecendo indiretamente o candidato doutor, assim como acusando a votação de fraudulenta. A crônica do dia 20 de novembro de 1904 estabelece uma comparação entre a medicina e a feitiçaria (que será utilizada em outras crônicas), com a finalidade de descredibilizar tal ciência e, conseqüentemente, o candidato médico e a votação.

De acordo com o narrador João Carrilho, “as feiticeiras foram, de conserva com os pastores e os carrascos (...) os únicos médicos na idade média e, por esse motivo, o “diabo e a medicina andavam juntos” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 20 de novembro de 1904). Dessa associação, o narrador conclui que “dada a correlação entre a feitiçaria e a medicina, sendo esta filha daquela, não me admiro absolutamente das cenas que se deram por ocasião da eleição.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 20 de novembro de 1904). Assim, o jornal de Alphonsus de Guimaraens não deixa de posicionar-se politicamente quando o assunto são as eleições municipais.

Ainda que algumas crônicas evidenciem a finalidade política para a qual o jornal estava a serviço naquele momento, característica da fase publicista, o jornal *Conceição do Serro* vem a público com uma missão reformadora do jornalismo. A nota de abertura do primeiro número

do jornal traz os seguintes dizeres: “Surge, pela primeira vez, nesta cidade um periódico; bem-vindo será por certo para todos aqueles que compreendem a missão progressista e benfazeja do jornalismo.” (CONCEIÇÃO DO SERRO 20 de março de 1904)

A inauguração do jornal *Conceição do Serro* refletiu a modernização que Alphonsus de Guimaraens teria vivenciado em São Paulo e que ele trouxe para o interior mineiro, para aquela pequena cidade. Durante seu período de funcionamento, o jornal de Alphonsus foi o principal e o único periódico da cidade. Havia, na região, outros jornais que se destacavam, como, por exemplo, *O Jequitinhonha* e o *Itambé*, de Diamantina, e também o *Pequena Folha*, de Belo Horizonte. A interlocução com esses jornais pode ser percebida através de uma nota de felicitação de Alphonsus, na edição do dia 12 de fevereiro de 1905, ao jornal *Jequitinhonha* e ao *Pequena Folha* pelo seu primeiro ano de funcionamento.

Pode-se concluir, a partir desse contexto histórico, social e cultural no qual o município de Conceição do Serro encontrava-se inserido, que a inauguração de um periódico na cidade interiorana representava mais que apenas um desejo de modernização, mas sim a busca efetiva pelo progresso. O jornalismo e a literatura desempenhavam a função de promover o intercâmbio entre o moderno e o progressista e o antigo e o tradicional, refletindo, ao mesmo tempo, como aquele grupo recebeu tais transformações. Nessa perspectiva, as crônicas, híbridas entre jornalismo e literatura, exerciam papel de destaque no retrato desse processo.

Além da literatura, o jornal tratava, conforme citado anteriormente, sobre o comércio, a agricultura, a viação e a indústria. Tais assuntos, caros ao interesse do jornal, evidenciam um cenário de protomodernidade, o qual o autor houvera testemunhado em São Paulo, com maior intensidade, mas que acompanhava também no interior de Minas. É possível que, ao observar o seu redor e escrever suas crônicas, Alphonsus de Guimaraens tenha se apropriado de tais experiências para compor uma estética própria para suas crônicas.

### **3.3. Minas Gerais: memória e tradição**

Alphonsus de Guimaraens utilizava no jornal *Conceição do Serro* dois pseudônimos, João Carrilho e Guy, que assinam sempre os textos da seção *Chronica*. Tais textos podem ser considerados, conforme apontam Sidney Chalhoub; Neves; Pereira (2005), como crônicas em série, por fazerem parte de uma única coluna. A única exceção de publicação desses narradores fora da série determinada corresponde a duas “chroniquetas” lançadas em uma coluna de igual nome, que apareceram esporadicamente nas páginas do periódico.

Embora pertençam à mesma série, as crônicas de Guy e de Carrilho parecem não apresentar uma linearidade temática que caracterize a seção, pois abordavam variados temas. Os assuntos abordados vão desde sonhos e devaneios dos narradores, passando pelos eventos religiosos e políticos da pequena Conceição do Serro, até acontecimentos exteriores ao país. A ampla abordagem temática pode ser percebida através de um conjunto de textos publicados no *hebdomadário*. Os narradores, João Carrilho e Guy, não são apresentados nas primeiras crônicas, sendo a identidade e a estética de cada um deles construídas ao longo das publicações.

Neste trabalho não foi possível realizar um aprofundamento nos estudos a respeito dos narradores de Alphonsus de Guimaraens, a fim de saber se são construídas para eles estéticas narrativas independentes ou, se, a despeito dos pseudônimos, as narrativas nas crônicas são, como disse Chalhoub; Neves; Pereira(2005) sobre Machado de Assis, “ventríloquos de seu autor”. A obra cronística do escritor mineiro é um território pouco explorado nos estudos literários e possui ampla abertura para o desenvolvimento de novas investigações.<sup>18</sup>

Conforme colocado anteriormente, as crônicas de Alphonsus de Guimaraens no jornal *Conceição do Serro* apresentam diversidade temática que pode ser verificada no desenvolvimento das seções. A título de exemplo, na crônica do dia 03 de abril de 1904, Guy narra em primeira pessoa uma experiência na biblioteca de uma grande cidade. Ao ler um velho livro, o narrador encontra um objeto que se assemelha a um marca-páginas antigo, que o lembra de uma palmilha de sapatos nunca usada, forrada por um tecido mais fino que seda. Guy identifica o objeto pretérito encontrado como uma relíquia sagrada, “o vestígio do pé de Jesus no Oliveto”, que o leva a um encontro com Deus. De acordo com Guy,

tais eram os sonhos em que vivo amortalhado, tais as imperecíveis dores que me martirizam, e também os esgares da máscara de sarcasmo que afivelo ao rosto, para ser carnavalesco, às vezes, em vez de funebremente triste... E a minha alma, garça de penas brancas, voou até o seio de Deus. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 03 de abril de 1904)

Observa-se, nesse sentido, que a crônica segue em função emotiva, com tom intimista e com manifestações da subjetividade do narrador, que nos levam a confundi-lo, em alguns momentos, com o autor, devido às características que rotulam Alphonsus de Guimarães poeta, como a tristeza e a melancolia.

Tal crônica, repleta de lirismo, evidencia a crença cristã do narrador e, ao abordar assunto tão subjetivo, a escolha do autor em publicar tal experiência pode revelar-nos aspectos

---

<sup>18</sup> A análise dos narradores de Alphonsus de Guimaraens ainda é uma lacuna que deverá ser preenchida em posterior pesquisa e que, certamente, contribuirá com os estudos sobre a obra do autor.



do perfil de leitores que as crônicas detinham, assim como perceber neles reflexos daquela sociedade naquele determinado tempo.

Devido ao processo de catequização advindo de nossos colonizadores, tradicionalmente o catolicismo tornou-se parte da identidade cultural do estado de Minas Gerais. Alphonsus de Guimaraens, devoto dessa religião, faz dela uma temática constante em sua obra poética. Igualmente, na coletânea de crônicas no jornal, assuntos e reflexões que se ligam aos dogmas cristãos são recorrentes, como também o são nos diversos textos publicados no jornal, sendo eles noticiosos, informativos ou comemorativos.

Logo, conclui-se que o público leitor do *Conceição do Serro* certamente consumia e se interessava por conteúdos de cunho religioso, o que justifica o relato emocionado do autor na crônica mencionada e as demais narrativas que abordam essa temática. Tal fato também auxilia na construção da identidade de um cronista e de leitores religiosos, compactuando com a tradição histórico-geográfica e ainda literária, visto que o Simbolismo, movimento do qual faz parte a obra poética do autor, desenvolve uma vertente mística e espiritualista.

A festa do jubileu da cidade de Conceição do Serro é assunto de diversas crônicas. As narrativas do dia 12, 19 e 26 de junho de 1904 tratam sobre o tradicional e esperado evento que, de acordo com o João Carrilho, “trazia sobressaltadas todas as mães de família, todas as moçoilas, todos os rapazes, todos os velhos...” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 12 de junho de 1904), exceto ele mesmo, que havia se esquecido da festividade. Na primeira crônica dessa trilogia, em um diálogo de Carrilho com uma dona de casa, são revelados os costumes e tradições relacionados ao jubileu. A senhora costura roupas novas para os netos vestirem na ocasião da celebração, pois, segundo ela, “é o costume da terra: pelo Jubileu todos renovam a roupa” porque “é quando a cidade se anima: vem tanta gente de fora que somos todos obrigados a deitar alguma elegância.”. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 12 de junho de 1904)

Na crônica da semana posterior, João Carrilho abordará seus costumes individuais em dias de jubileu. Após narrar uma extensa rotina matinal, Carrilho afirma que “do primeiro ao último dia do jubileu o meu passeio matutino é sempre o mesmo”, “chego à igreja sempre as mesmas horas, faço as orações costumeiras, e peço a Deus que por dilatados anos me conserve como se conservam pimentas ou tâmaras”. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 19 de junho de 1904)

O narrador afirma que quem o vê a rua, no período do Jubileu, impressiona-se com sua austeridade, pois não esboça nenhum sorriso nos lábios e nenhuma alegria nos olhos. Performar essas características parece fazer parte dos rituais do Jubileu, pois o narrador afirma que, “findo o jubileu, época de abstinências e de preces sinceras,” é outro homem:

sorrio-me algumas vezes e sou capaz de beber de vez em quando uma boa dose de antártica ou de bock-ale. (...) Remoço-me bastante e até floreio alguns flertes inocentes, piscando os olhos não intencionalmente, mas simplesmente por ter-me cabido por hereditariedade este sestro gentilíssimo. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 19 de junho de 1904)

João Carrilho revela que a celebração do jubileu exercia na vida das pessoas daquela cidade, de modo individual e coletivamente, alterações no comportamento e nos costumes.

A terceira crônica da trilogia trata do período pós-jubileu e, diferente das anteriores, é assinada por Guy, que expressa sua tristeza perante o evento daquele ano. Esse sentimento é causado no narrador devido à “falta de dinheiro que nos assola, mais terríveis que as pragas egípcias” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 26 de junho de 1904) a qual, para ele, leva as pessoas a andarem circunspectas, pensando inevitavelmente na brevidade da vida e na certeza da morte. O jubileu não é o assunto central dessa crônica, mas o pontapé inicial para a expressão de uma insatisfação econômica.

Percebe-se, portanto, que a comemoração do Jubileu não se resumia apenas às ambições espirituais: tornou-se um fator social, que gerava expectativas na população da cidade e que, quando não eram correspondidas, causavam insatisfação.

Outro exemplo da variedade temática abordada por Alphonsus nas crônicas pode ser observado na publicação do dia 31 de julho de 1904. Nela, João Carrilho trata sobre a dança e faz elogios à atividade, afirmando que “a dança sempre foi um divertimento de bom tom, um passatempo alegre e festival como nenhum outro.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 31 de julho de 1904) O narrador faz exortações ao leitor para que dancem “com toda seriedade, como fazem os ingleses, corretos e frios” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 31 de julho de 1904) e que, apesar da dança espanhola ser mais “bole com a nossa natureza tropical, tão propensa aos can-cans, aos recortados e aos batuques que a dança inglesa, tão monótona e cadenciada”, (CONCEIÇÃO DO SERRO, 31 de julho de 1904) deveríamos nos esforçar, ao menos em termos de coreografia, para aproximarmos-nos dos ingleses, “abandonando os requebros e lascivos que saltam da massa do nosso sangue tão cheio de mistura”. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 31 de julho de 1904)

No entanto, após esse aconselhamento, o próprio narrador sente gana de dançar com “recortados que nos desancam e moem”, (CONCEIÇÃO DO SERRO, 31 de julho de 1904) Desse modo, na percepção do narrador, a mistura do nosso sangue exerce forte influência sobre os costumes e sobre a cultura. A miscigenação do povo e suas consequências para a cultura e tradição é assunto de outra crônica, da qual trataremos posteriormente, por apresentar-nos uma chave de leitura para outras crônicas da seção.

Ainda que as crônicas tratassem de alguns eventos não relacionados diretamente ao cotidiano da cidade, as reflexões e colocações apresentadas pelo narrador, certamente, pretendiam chegar ao público local, leitor do jornal. Portanto, é provável que os cronistas trouxessem à baila pontos pelos quais o público do periódico se interessava ou se identificava. Desse modo, as crônicas podem apresentar um retrato daquela sociedade.

A respeito da diversidade apresentada nas crônicas da seção analisada, fez-se necessário um olhar mais cauteloso nos pormenores das narrativas, que permitiu identificar nelas traços que se repetem, como, por exemplo, a discussão sobre os direitos políticos das mulheres, assim como a constante afirmação da família tradicional e de seus tradicionais papéis sociais. Tais pontos levantados são reforços discursivos de um pensamento tradicional, que representa resistência ao que está em devir, ao moderno que se impõe quase como uma ameaça de ruptura.

Nesse sentido, a segunda crônica publicada no jornal *Conceição do Serro*, datada de 27 de março de 1904 e assinada por Guy, apresenta-se como uma chave de leitura para outras crônicas de Alphonsus de Guimaraens, uma vez que o narrador apresenta, para seus leitores, Minas Gerais como o local da tradição e da memória. Tal perspectiva será reforçada em crônicas posteriores, conforme se buscou demonstrar em análises subsequentes. De modo assertivo, o narrador inicia a crônica com a seguinte colocação:

O nosso povo conserva religiosamente as tradições dos nossos antepassados, revivendo-as todos os anos, jubilosamente. É uma prova que Minas está fadada a guardar no Brasil a herança dos seus avengos de além mar. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 27 de março de 1904)

Percebe-se, desse modo, que existia uma ação coletiva para se conservar as tradições, uma vez que o povo mineiro era o agente que executava religiosamente sua manutenção. Por conseguinte, Minas Gerais é, nesse sentido, o local da tradição e da memória que a mantém. Além da conservação das tradições por força de uma ação coletiva de memória, o cronista aponta ainda que esse é um fado que determina, assim, um estado de permanência e de conservação desse local enquanto aquele responsável por guardar em si as tradições.

Esse argumento será sustentado pelo narrador por meio de uma justificativa que ele mesmo chama de antropológica, uma vez que, na sequência do trecho supradito, ele cita diversas festas e comemorações religiosas que fazem parte da cultura mineira e que foram trazidas ao Brasil pelos antepassados. Embora a narrativa centre-se nas tradições das festas religiosas, é possível estender tal legado da tradição para além da esfera católica, ainda que esta seja fortemente estabelecida socialmente, extrapolando os âmbitos religiosos.

Abaixo, buscar-se-á evidenciar como a tradição religiosa colocada por Alphonsus de Guimaraens como herança de Minas Gerais extrapola a celebração das festas litúrgicas e estende-se às relações sociais e aos comportamentos daquela sociedade.

### 3.4. O direito das mulheres e a ameaça moderna

Juntamente com as mudanças políticas e econômicas ocorridas na virada dos séculos, pautas de ordem social ganharam força mediante as novas formas de organização da sociedade. Uma dessas pautas diz respeito ao direito das mulheres que até então deviam desempenhar funções fixas na sociedade: a de mãe, de esposa e de dona do lar.

No final do século XIX, a chamada primeira onda feminista teve início na Inglaterra com o movimento sufragista que reivindicava, principalmente, o direito das mulheres ao voto. As inglesas conquistaram esse direito no início do século seguinte, em 1918. Tal conquista possibilitou que as mulheres deixassem o espaço privado para o qual estavam designadas, o lar, e fossem ocupar o espaço público, reservado anteriormente apenas aos homens, para posicionarem-se politicamente.

Também nesse período, nos Estados Unidos, a luta pelo fim da escravidão e a influência do movimento sufragista inglês encorajou a organização do movimento pela luta dos direitos das mulheres nesse país. As americanas conquistaram direito ao voto um ano após as inglesas, através da Emenda Dezenove.

No Brasil, o direito das mulheres ao voto foi conquistado somente na década de 30, durante o governo do então presidente Getúlio Vargas, com a promulgação do Novo Código Eleitoral, em 1932.<sup>19</sup> O sufrágio brasileiro foi liderado pela bióloga Bertha Lutz que, em 1910, após voltar de seus estudos no exterior, iniciou a luta pelo voto, fundando, juntamente com outras mulheres, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Desse modo, o final do século XIX e o início do século XX foram marcados pela discussão dos direitos das mulheres que só viriam a conquistá-los após a virada do século. Apesar de o movimento no Brasil ter ganhado força depois de países mais desenvolvidos, como Inglaterra, França e Estados Unidos, o avanço dessas discussões já se configurava uma preocupação para o narrador estreado das crônicas do *Conceição do Serro*, Guy.

---

<sup>19</sup> PINTO, Célia Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun.2010.

Na crônica da primeira edição do jornal, Guy inicia a narrativa comentando sobre o indeferimento de um magistrado sobre o desejo das mulheres de tornarem-se eleitoras.<sup>20</sup> Infelizmente, devido à materialidade do jornal e às condições de armazenamento desse documento, não é possível ler a crônica na íntegra, pois parte do texto está apagada. Entretanto, a parte legível revela alguns posicionamentos do narrador a respeito do direito das mulheres ao voto.

Segundo ele, “isto de as mulheres quererem votar, além de essencialmente cômico é de um absurdo deplorável”, isso porque “a política de hoje em dia é uma senhora de vida airada, que vive a <sup>21</sup>{corromper} os homens e cuja companhia as meninas {devem} evitar.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 20 de março de 1904). A princípio, o posicionamento expresso pelo narrador na crônica tem como motivação uma espécie de proteção das mulheres a algo que é corrompedor e, portanto, imoral.

Dessa forma, segundo esse ponto de vista, as mulheres são seres que devem conservar a pureza e a moralidade e não devem se prestar à corruptibilidade, lugar reservado aos homens. Tal posicionamento sugere que as mulheres necessitam ser protegidas do mal, retratando, assim, pensamentos comuns no início do século. De acordo com Maluf e Mott (1998), “‘A mulher que é, em tudo, o contrário do homem’, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquila”. (p.373)

Além dessa oposição ao homem, o padrão de comportamento estabelecido e esperado para as mulheres as designavam os papéis de mãe, esposa e dona de casa, todos eles exercidos dentro da esfera privada que as afastava da possibilidade de participação na esfera pública e do poder de decidir sobre os governantes.

É nesse sentido, reafirmando esse posicionamento da mulher na sociedade, que a narrativa da crônica de Guy sobre o direito das mulheres ao voto prossegue. O narrador coloca que “Para um pobre marido será então a ascensão e des... ....<sup>22</sup> dos sete círculos infernais o possuir uma querida costela que se meta em eleições. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 20 de março de 1904). O cronista narra uma situação em que o marido, ao chegar em casa e ver a mulher no canto do quarto, com a cabeça entre as mãos, indaga-a se ela está rezando, comportamento esperado das boas esposas. Por sua vez, a mulher responde ao marido, revelando os cálculos que fazia, que venceriam a eleição por cem pontos.

---

<sup>20</sup> Vale ressaltar a importância da conservação dos jornais para a realização de pesquisas. Este trabalho foi realizado por meio dos jornais digitalizados pela Biblioteca Nacional.

<sup>21</sup> As palavras sinalizadas estão apagadas parcial ou totalmente e foram recuperadas pelo contexto.

<sup>22</sup> As reticências indicam as palavras ilegíveis do texto no jornal.

Essa oposição entre o comportamento esperado da esposa, de orar, e o comportamento revelado pela narrativa, de participar ativamente da vida política, pode demonstrar não somente a transição social da mulher que ocorria no início daquele século, mas também evidencia a ruptura entre a religião e o Estado. A preocupação com as questões políticas está sobreposta às questões religiosas. Tal divisão veio com a queda do Império e, conseqüentemente, da figura do imperador como representante divino, e a ascensão da República.

Até este ponto da crônica fica estabelecido, portanto, o papel de esposa que as mulheres devem desempenhar. Na conclusão da narrativa, o cronista reforça o posicionamento esperado da mulher enquanto mãe. Ele aponta: “Dois ... três meninos disparam a berrar, e ela, deixando os cálculos eleitorais, vai apagá-los, pois ser mãe, e não eleitora, é a sua bela missão na terra.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 20 de março de 1904). Percebe-se, desse modo, o retrato que a crônica faz de um movimento social, validando-o.

A respeito do desejo de manutenção das funções sociais distintas entre homens e mulheres, expressas pelo narrador na crônica supracitada, vale ressaltar que,

Diante da variedade de questionamento, experiências e linguagens tão novas que as cidades passaram a sintetizar, intelectuais de ambos os sexos elegeram como legítimos responsáveis pela suposta corrosão da ordem social a quebra de costumes, as inovações nas rotinas das mulheres e, principalmente, as modificações nas relações entre homens e mulheres. Conjugaram-se esforços para disciplinar toda e qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como ameaçadora à ordem familiar, tida como o mais importante “suporte do Estado” e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da “modernidade”. (MALUF; MOTT, 1998, p. 371-372)

A mudança de comportamento das mulheres, a busca pelo direito ao voto, o interesse pela esfera pública era novidade e assustava, de certa forma, os mais convencionais, uma vez que à mulher sempre foi designado o espaço privado, onde ela desempenhava suas funções sociais de esposa, mãe e dona do lar. Tais transformações representavam a modernidade, claramente combatida pelo narrador ao reforçar veementemente as funções tradicionais atribuídas à mulher e ao repudiar o desejo de elas alcançarem alguns direitos que as igualariam aos homens.

A eles era atribuído o espaço público, a elas o espaço privado. Nessa crônica, enquanto as mulheres estão no espaço público, lutando pelo direito ao voto, elas são tratadas pelo narrador com ironia e de modo pejorativo, como podemos notar nas expressões utilizadas pelo cronista para qualificação. As reivindicações ao juiz são julgadas pelo narrador como “tamanho descompostura”. Abaixo seguem as palavras do narrador a respeito do evento.

Pode-se imaginar o horror dantesco do quadro. Matronas respeitáveis, cheias de filhos e de cabelos brancos, moçoilas na --- idade, com os olhos ---- que eram estrelas --- tadas entre violetas --- tomados pela cólera. ---- com as ventas ent--- de rapé e as almas ---- quilhadas pela poeira dos séculos, tudo isto num vozerio atroador, num grande transbordamento de palavras inúteis e de gestos largos, a abarcar a terra, o céu e o inferno...”. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 20 de março de 1904)<sup>23</sup>

Quando o marido dirige a palavra à esposa, a narrativa acontece no espaço privado, dentro de um quarto. As vozes das mulheres propriamente, utilizadas em discurso direto, que permite trazer integralmente a fala da personagem, só são evidenciadas em ambientes privados. No restante do texto, o narrador utiliza o discurso indireto para que as vozes femininas sejam reproduzidas pelo narrador.

O comportamento das mulheres e o direito ao voto serão abordados pelos narradores de Alphonsus de Guimaraens em outras crônicas do jornal *Conceição do Serro*. A crônica do dia 10 de abril de 1904, também assinada por Guy, corrobora o posicionamento adotado na crônica anterior.

Além da similaridade com a temática abordada na primeira crônica, é possível perceber um padrão na estrutura narrativa entre esse e aquele texto. Inicialmente, o narrador contextualiza o leitor sobre uma situação na Noruega, onde as mulheres que desejam casar devem possuir um diploma de certificação de que sabem cozinhar, coser, lavar e fiar, atividades consideradas pelo narrador essenciais a uma nubente.

Durante a narrativa, o cronista se ocupa de afirmar positivamente a prática aplicada na Noruega, uma vez que ele acredita que a estratégia adotada previne que os homens se enganem ao escolherem suas esposas, e, ao reforçar tal costume estrangeiro, critica os costumes das mulheres da sociedade que o circunda, pois estabelece uma comparação.

Após apresentar ao leitor como as mulheres norueguesas são capacitadas para desempenharem funções que o narrador defende serem essenciais a uma esposa, o narrador muda o espaço narrativo para o espaço local e privado. Na Noruega, as mulheres ocupam os lugares públicos e isso não é criticado pelo narrador, uma vez que elas os ocupam de maneira que não ferem a estrutura tradicional do funcionamento do casamento e da família.

É possível perceber as mulheres norueguesas ocupando o espaço público quando o narrador afirma que elas fazem cursos e que seus diplomas ficam expostos, como se pode verificar no trecho “Veja a lista das diplomadas (pois que lá se publicam os seus nomes como

---

<sup>23</sup> Os traços indicam palavras apagadas pelo desgaste do papel do jornal.

aqui os dos que se diplomam em farmácia, medicina, direito, engenharia, ou pelas escolas normais)” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 10 de abril de 1904).

No segundo momento, seguindo a mesma organização narrativa da crônica analisada anteriormente, a narração passa a ser realizada no ambiente privado, onde o marido dirige-se à sua esposa, solicitando que ela lhe faça uma farofa de iscas, ou algo que seja diferente do tradicional “feijão mineiro que a cozinheira nos impinge diariamente”. Para negar o pedido do marido, a estratégia utilizada pela personagem é desviar o assunto, tratando sobre política: “Nada me convence da derrota de Lilicas. Que moço que sabe cabalar!” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 10 de abril de 1904)

Esse trecho evidencia um posicionamento do narrador acerca das mudanças comportamentais em relação à mulher naquela sociedade. Para Guy, a política desvia a atenção da mulher para aquela que é sua real tarefa social. A narrativa evidencia que essa troca soa ameaçadora, pois põe em risco a manutenção da ordem familiar até então estabelecida que, como colocado por Maluf e Mott (1998), era a única instituição capaz de impedir os avanços sociais da modernidade. As autoras afirmam que

O menor sinal de flexibilização na divisão sexual das funções no interior da família era repercutido pelos conservadores e reformistas como uma ameaçadora vaga modernizante. Para eles, contra os ‘surto grandiosos do progresso’ que faziam ‘oscilar o mundo, sejamos como a árvore poderosa arraigada ao solo, imutável, idêntica a ela mesma’, procuremos no ‘lar o ser estável que nenhum acontecimento pode abalar. (p. 384-385)

É nesse sentido que o narrador conclui a crônica com um tom irônico, sugerindo que o governo responsabilize-se pela formação eleitoral das mulheres: “Qual! em vez de cosinhar, lavar, coser e fiar, é necessário que o governo promulgue um decreto obrigando as moças a saberem de cor... a lei da reforma eleitoral.”. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 10 de abril de 1904)

Em concordância ao papel social tradicional designado às mulheres, Alphonsus de Guimarães publicou duas crônicas, ambas assinadas por João Carrilho, nas quais tratou sobre o livro “Guia de Casados”, de autoria de D. Francisco Manoel de Mello. A obra em questão fazia parte da biblioteca pessoal do autor mineiro, fato verificado em visita ao Museu Casa de Alphonsus de Guimaraens, em Mariana- MG, onde está exposto parte seu acervo pessoal.

O livro mencionado, publicado originalmente em 1651, em Lisboa, contém instruções e conselhos para um bom matrimônio, as quais estão pautadas na moral cristã e atribuem à mulher o dever de submissão e de devoção ao marido, e o de servir ao cônjuge e aos filhos. Tais funções são reforçadas pelos narradores de Alphonsus de Guimaraens nas crônicas após



aproximadamente 250 anos da publicação da obra portuguesa. A seleção de tal fonte revela o posicionamento do autor de valorização da tradição, como ele postula no texto citado abaixo.

Na crônica do dia 04 de setembro de 1904, João Carrilho narra sua visita a uma família de amigos que vivia “em certa cidade paulista” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 4 de setembro de 1904) a fim de comprovar pragmaticamente a teoria exposta por D. Francisco em seu manual. Segundo a narrativa, a família de conhecidos tinha um filho que todos mimavam: mãe, pai e avós, e incentivavam a fazer imitações de animais. Para João Carrilho, tal situação é insuportável e um verdadeiro absurdo, de modo que o narrador não mais volta a ter contato com a família.

O posicionamento de Carrilho vai ao encontro do que postula D. Francisco. De acordo com o autor português,

Guarda de contar graças, nem estremecer sobre os filhos. Tudo isto os faz malcriados, e aos pais é de pouca opinião. As mães querem que os maridos os tragam, e folguem com eles. Não é coisa pertencente a um homem ser ama, nem berço de seu filho. Fazer-lhes aqueles momos, falar-lhes naquela linguagem sua, tudo é indecente. (CONCEIÇÃO DO SERRO, 4 de setembro de 1904)

Vale a pena ressaltar nesse trecho a distinção que D. Manoel faz e que João Carrilho corrobora a respeito da diferenciação das funções entre homens e mulheres na família. É, segundo os autores, “indecente” que os pais façam aos filhos atos que estão relacionados aos afazeres da mulher. Ademais, pela seleção lexical, é possível notar que o autor trata com desvalorização tais atividades, como evidenciados pelos pronomes nas expressões “aqueles momos” e “naquela linguagem sua”. Portanto, mais uma vez o narrador reforça a posição da mulher enquanto mãe, partindo da negação dessa função ao homem.

João Carrilho voltará a tratar sobre esse livro na semana seguinte, em 11 de setembro de 1904. A reincidência da temática é justificada pelo autor por apresentá-la em outra seção: “embora nascida do mesmo sangue: a senhora crônica deu à luz a senhorita croniqueta.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 11 de setembro de 1904). Dessa vez, o cronista irá abordar o capítulo XX da “útil e moralíssima obra” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 11 de setembro de 1904), de D. Manoel, que se refere à criação de animais domésticos pela família, atitude que ele critica e rechaça, assim como o narrador mineiro: “Não há dúvida de que o afamado escritor tem razão quase que absoluta: cães e macacos em casa só servem para perverter as crianças.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 11 de setembro de 1904)

Além de cães e macacos, D. Manoel também trata sobre o pássaro rouxinol, cujo canto inspira saudade. Apesar de não termos no Brasil esse pássaro, Carrilho opta por reproduzir essa restrição feita pelo português a fim de transmitir a sua mensagem. Segundo o cronista, parece exagerado a proibição de pássaro de tão belo canto, no entanto, João Carrilho acata e respalda a orientação, uma vez que essa se relaciona com a posição da mulher dentro do relacionamento.

Conforme escrito no “Guia de Casados”, “Ruysenhol de todo o ano, que canta de noite, e dizem que faz saudades, de que serve? (...) De que servem saudades estando o marido em casa?”. O cronista conclui que “a tristeza amorosa, o pesar pungitivo do seu canto poderá desviar a alma da esposa do alvo para que deve sempre convergir: à imagem do esposo.” (CONCEIÇÃO DO SERRO, 11 de setembro de 1904). Nesse aspecto, podemos perceber uma tentativa de controle da mulher, para que ela ocupasse um papel secundário, que teria como norte a imagem do marido. Tal coerção corrobora o posicionamento adotado nas crônicas mencionadas acima.

Portanto, mediante as demandas sociais que a nova ordem mundial impunha, surgiu a necessidade de (re) organização do espaço social, dentro do qual as mulheres visavam novas oportunidades. Nota-se nas crônicas de Guimaraens mencionadas acima que tais mudanças soavam como uma ameaça ao modo de viver e aos comportamentos tradicionais respaldados pelo discurso religioso. Na tentativa de conter os avanços dessas ideias, os cronistas do escritor mineiro reforçaram por meio da literatura a tradição, conservando, dessa forma, Minas Gerais como o local fadado a manter tal tradição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas de Alphonsus de Guimaraens publicadas no jornal *Conceição do Serro* revelam-nos outras percepções a respeito do autor e de sua obra, além daquela comumente lembrada pelo cânone, com traços marcantes da estética simbolista, da qual Guimaraens figura entre os grandes dos expoentes.

Embora a ligação entre a literatura e o jornalismo tenha atingido seu auge durante o século XIX, no início do século posterior Alphonsus de Guimaraens ainda mantinha uma relação profícua com esse suporte, no qual se encontram a maior parte de suas publicações em prosa, sobretudo no gênero crônica. Fica evidente, portanto, que o jornal se constitui enquanto arquivo e que, por isso,

adquire um significado de destaque como memória potencial ou pré-condição material para memórias culturais futuras. Além disso, o arquivo contém embutida em si uma memória funcional na forma de memória de armazenamento, que é designada pelo nome de herança cultural [...] (ASSMANN, 2011, p. 369).

Portanto, futuras pesquisas a essas fontes, inclusive um outro olhar ao jornal *Conceição do Serro*, podem ainda acrescentar importantes contribuições para o estudos sobre Alphonsus de Guimaraens cronista, além de contribuir para os estudos literários no sentido de aprofundar os estudos sobre a parceria entre a literatura e o jornal, tão importante para a produção literária no nosso país.

Neste trabalho, a análise das crônicas do autor mineiro no jornal *Conceição do Serro* evidencia o que parece ser um projeto de manutenção da tradição, tanto literária, quanto social. Nesse sentido, é importante ressaltar o contexto histórico no qual se situam tais produções. No Brasil, a recém proclamação da República anunciava ventos de transformações movidos pelo desejo de modernização, conforme foi discutido no terceiro capítulo.

Em sua estadia na capital paulista, Guimaraens pôde presenciar os efeitos de tais transformações e, ao voltar para Minas Gerais, confere a esse estado o fado da conservação da tradição. Minas como o local da tradição é a chave de leitura usada para a análise das crônicas deste jornal.

Ao considerarmos a tradição poética de Alphonsus de Guimaraens, advinda da estética simbolista, é evidente que algumas crônicas apresentam diálogos temáticos com elementos amplamente explorados na poesia do autor, como a lua e a religiosidade e, dessa forma, o autor mantém uma tradição literária já consolidada na sua obra poética.

Nas crônicas, a temática do luar é cativa do cronista Guy, que pode ser, inclusive um alter ego do escritor. As narrativas lunares apresentam caráter subjetivo e introspectivo do narrador, enquanto a lua, como símbolo, apresenta função evasiva, levando o cronista para o futuro, dialogando com a morte, para o passado, rememorando os tempos de juventude. O desejo de evadir apontado pelas crônicas lunares de Guy pode caracterizar uma insatisfação com o presente. Esse sentimento de insatisfação com o presente foi um dos traços que caracterizou o simbolismo como uma corrente estética que ansiava ultrapassar os limites do tangível, uma vez que, conforme destacado por Bosi (2006), sua missão era a de dizer do mal-estar profundo da civilização industrial.

A fé e religiosidade são outras temáticas com as quais o cronista Alphonsus de Guimaraens dialoga com o poeta. No jornal *Conceição do Serro* por muitas vezes as crônicas que abordam a fé e a religiosidade estão relacionadas a um viés cultural, envolvendo crenças e tradições do narrador e também da cidade. O Jubileu do Bom Jesus do Matosinho é assunto de variadas crônicas no hebdomadário e evidenciam, além da tradição religiosa, costumes dos moradores da cidade.

Ademais, foi possível perceber nas crônicas de Guimaraens que, por vezes, o cronista tece críticas e questionamentos à instituição igreja e aos seus ritos, evidenciando uma ruptura. Somado a isso, os narradores de Alphonsus demonstram nas crônicas uma grande insatisfação e desesperança nos homens, o que parece refletir na relação deles com a fé, de modo geral.

No âmbito social, a recorrência de crônicas cujo assunto está relacionado ao lugar da mulher na sociedade e ao direito do voto feminino evidencia a tensão causada pelas tentativas de avanços sociais anunciados pela modernidade. Nesse sentido, em todas as crônicas desse nicho temático é possível notar uma tentativa de invalidar esse comportamento das mulheres que se apresenta por meio da ironia, como uma ferramenta de rechaçamento e ridicularização do movimento. Além disso, sempre que possível, as narrativas reforçam o lugar social da mulher como esposa, mãe e dona do lar, restrita ao espaço privado, segundo os preceitos patriarcais.

Assim, a conquista do espaço público e do voto pelas mulheres representa nas crônicas de Alphonsus de Guimaraens uma ameaça moderna à tradicional organização social, cuja qual os cronistas tentam preservar, sob o jugo do lugar da tradição, muitas vezes pautado nos preceitos patriarcais e religiosos.

Ao retratar tais transformações, Alphonsus de Guimaraens demonstrou ter sido um cronista atento às questões sociais que o rodeavam, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Além disso, o autor realiza em suas crônicas um importante registro histórico,

social e cultural da sociedade no início de um século tão rico em modificações e transições. Tais apontamentos colocam o cronista Alphonsus de Guimaraens em um patamar de relevância para a literatura, sendo esta uma expressão cultural e social de um determinado tempo histórico.

## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias

JORNAL CONCEIÇÃO DO SERRO. Conceição do Serro, MG 1904/1905.

### Referências bibliográficas

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BROCA, Brito. Alphonsus de Guimaraens, jornalista. Suas crônicas no “Mercantil”, um aspecto inédito do poeta de Kiriale. *A manhã*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1951. Letras e artes, ano 6, n. 207, p.4.

BUENO, Alexei. *Correspondência de Alphonsus de Guimaraens*. Coleção Austregésilo de Athayde. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CANDIDO, Antônio. A literatura na evolução de uma comunidade. In: *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp 89-99.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida S.; PEREIRA, Leonardo A. M. (org.), *História em cousas miúdas: capítulos de História Social da crônica no Brasil*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2005.

GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (Org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/ França, século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. Coleção História da Leitura.

GUIMARAENS, Alphonsus. Conceição do Serro. *Conceição do Serro*. Conceição do Serro, 20 de março de 1904. Ano 1, n.1, pp. 1-2.’

GUIMARAENS, ALPHONSUS. *Ismália*. Ilustração [de] Odilon Moraes. Rio de Janeiro: CosacNaify, 2015

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Tradução [de] Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LISBOA, Henriqueta. *Vida e o obra de Alphonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1945.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MENDES, Jairo Faria. *O silêncio das Gerais: o nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 2007

\_\_\_\_\_. *O silêncio das Gerais: o nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros*. 2010. (artigo)

MEYER, Marlyse. Volatéis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio. *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Ruy Barbosa, 1992.

PAULA, João Eustáquio Evangelista de. *A memória do Simbolismo na obra de Alphonsus de Guimaraens*. Dissertação (Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2017.

PINTO, Célia Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun.2010.

RICIERI, Francine Fernandes Weiss. *A imagem poética em Alphonsus de Guimaraens: espelhamentos e tensões*. Tese (Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_. *Alphonsus de Guimaraens e os jornais: fragmentos de uma bibliografia lacunar*. Revista do Centro de Estudos Portugueses (UFMG), Belo Horizonte, v. 24, n.33, p. 301-320, 2004.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Do folhetim à crônica: gêneros fronteiros entre o livro e o jornal. *Estudos em jornalismo e mídia*. Ano VI, n.1. pp. 11- 22, 2009

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades. 2000

SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

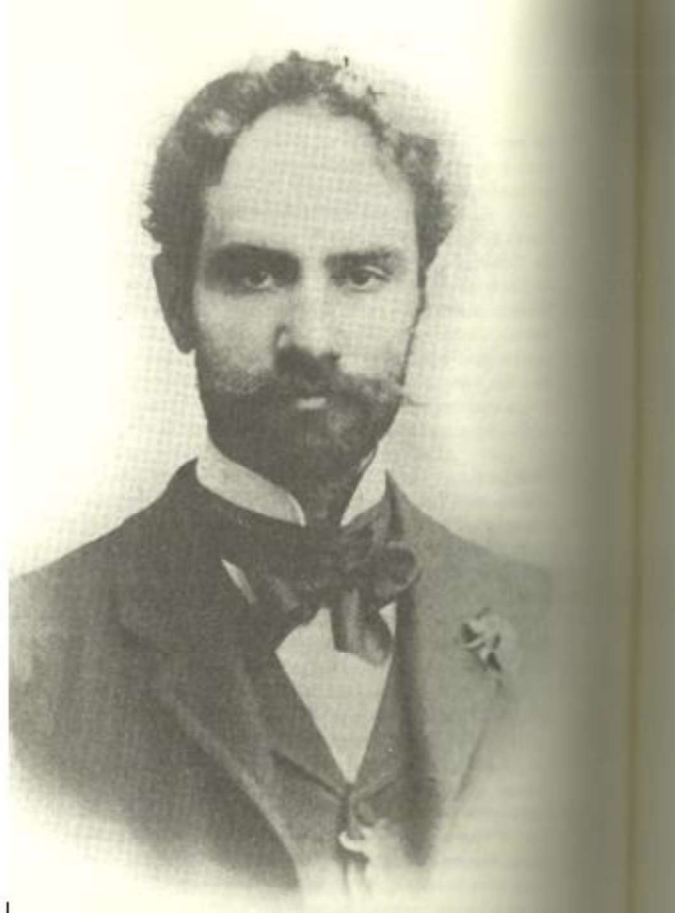
SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4 ed atu. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. “Minas de dentro para fora: a política interna mineira no contexto da Primeira República.” In: *Locus – Revista de História*, v. 5, n. 2, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura de rodapé (ou) o jornal como suporte literário*. In: IDÉIAS, JORNAIS DO BRASIL, 8 de novembro de 2003. Disponível em <[http://www2.metodista.br/unesco/hp\\_unesco\\_redealcar36completo.htm](http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar36completo.htm)> Acesso em: 04/12/2015.

\_\_\_\_\_. O jornal e a vida literária brasileira. In: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.



**ANEXOS**

Alphonsus de Guimaraens

ANO 1 – NUM.1 Cidade da Conceição, 20 de Março de 1904. MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
**ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO**  
 REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Com certeza o austero magistrado que indeferiu a pretensão das damas que queriam guindar-se às culminâncias de eleitoras, deve estar a estas horas quase doido, tamanhas descomposturas terão caído sobre a sua toga.

Pode-se imaginar o horror dantesco do quadro. Matronas respeitáveis, cheias de filhos e de cabelos brancos, moçoilas na (...) idade, com os olhos (...) que eram estrelas (...) tadas entre violetas (...) tomadas pela cólera. (...) com as ventas ent(...) de rapé e as almas (...) quilhadas pela poeira dos séculos, tudo isto num vozerio atoador, num grande transbordamento de palavras inúteis e de gestos largos, a abarcar a terra, o céu e o inferno...

Não desejaria, palavra de honra, estar na pele do austero magistrado.

E depois, de certo, alguma sogra requer(...) a inclusão do seu (...) nome no alistamento eleitoral. Faç(...) estado de (...) ela; e uma sogra enfurecida deve ser pior que o diabo.

A nora, neste momento estará trancada no quarto, com medo da velha; e o genro saiu a passos largos pela rua, sem olhar para trás, e foi encafuar-se em algum café ou em algum bilhar, com a alma transida de espanto, a face pálida, os olhos arregalados pelo susto, os cabelos arrepiados, e o coração batendo mais forte que o badalo de um sino.

Isto das mulheres quererem votar, além de ser essencialmente cômico, é um absurdo deplorável; a política de hoje em dia é uma senhora de vida airada, que vive a corro(...) os homens e cuja (...) nhia as meninas (...) evitar. Fugam (...) os crentes de -(...)gem do touci(...).

(...)em sabe?

(...)as, mesmo assim, con(...) a ser mais salesiano que foi o próprio Dom (...), e do que é atualmente o meu respeitável e (...) cado amigo Bressane.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.2    Cidade da Conceição, 27 de Março de 1904.    MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

### CRÔNICA

O nosso povo conserva religiosamente as tradições dos nossos antepassados, revivendo-as todos os anos, jubilosamente. É uma prova que Minas está fadada a guardar no Brasil a herança dos seus avoengos de além mar.

De Portugal e África viemos, com grande mistura do sangue selvagem das hordas indígenas: depois outras raças se nos uniram, e daí veio a coleção variadíssima de tipos que entre nós se nota.

Eu, que aqui estou, brasileiro como ninguém, sou mosarabe: mouro, godo e luso... Mas, a falar a verdade, isto não vem ao caso; continuarei, um pouco menos antropologicamente.

Hoje que o cosmopolitismo invadiu nossas grandes cidades, e a grande e franca migração de estrangeiros adulterou as antigas usanças, só nas cidades do interior se repetem os folguedos que eram o consolo e a alegria de nossos avós.

Temos a missa do galo, com toda sua pitoresca antiguidade arquissecular. -Dezembro expande-se em lágrimas torrenciais, a noite é sempre escura, sem o carinho de uma estrela, mas a igreja está cheia de crentes que de joelhos em terra contemplam o Menino Redentor.

Surge o ano novo, depois que S. Silvestre fecha a sete chaves, e o efêmero Reinado do Rosário aparece, como caxambus, piperuis, danças e contradanças, rei e rainha; vêm os Reis Magos e os mais circunspectos pais de família do lugar (entre os quais estou), saem contado loas em seu louvor.

Em junho, pelo Jubileu, celebra-se a festa do Divino, com S.M. o Imperador à frente, coroadado e cercado de gentis meninas que de branco se vestem.

E além de tudo (chego afinal ao assunto dessa crônica enfadonha) temos a serração da velha, cuja origem se perde na noite infinita dos tempos... É feita, como se sabe, pelo meio da Quaresma; aqui, porém, desde que a época do jejum surge nos calendários, a serração começa.

Poderia dizer: isto é um abuso do uso tradicional, mas nada tenho com isto: queixem-se às velhas. No entanto, para concluir, outra coisa direi.

É na aparência um brinquedo inocente, alegres folgares cujo único inconveniente é fazer-nos acordar alta noite, quando tranquilamente descançamos, a viajar pelo reino silencioso de Morfeu; não merecia censuras, antes incentivos deveria ter, se fosse sempre praticada com cavalheirismo e suma delicadeza. Mas isto é na maioria dos casos quase impossível.

O leitor é, por exemplo, um velho de setenta anos, e tem os olhos mais resinosos que uma árvore de breu; a exm.<sup>a</sup> esposa anda pelos sessenta e vários: não estão precisamente na flor da idade, e se morressem, já se lhes não podia aplicar os versos de Malherbe... Acostumaram-se a dizer um ao outro os males da velhice: almorreimas, reumatismos, dores ciáticas, palpitações, cólicas, tracoma, falta de vista, etc.

Chegam dois pândegos, param à porta, e arremedam ao natural as queixas recíprocas.

No fim, disparam os companheiros a chorar. Não há ofensas, está visto; mas em que fúria não ficam os velhos!

Este outro leitor que me lê é perito em cantar ladainhas nas igrejas.

Aproximam-se da sua porta que sabem arremedá-lo, e como voz tumular entoa duas ou três frases latinas; outro, com a casca de um palmito, bate o compasso estrepitosamente na pedreira em frente.

Lá se foi o sono do homem, e toda a sua tranquilidade...

É melhor que isso de serração fique lá para as Calendas gregas, porque forçosamente há de haver sempre quem com ela suba a serra; fiquemos em paz e calados cada um em casa com sua mulher e seus filhos, se os possuir, e caso tenha a felicidade de não ter nem a primeira nem os segundos, fique sozinho, ou venha conversar comigo.

GUY.

ANO 1 – NUM.3    Cidade da Conceição, 3 de Abril de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Lendo um velhíssimo alfarrábio, na biblioteca de uma grande cidade, encontrei, numa das suas páginas, como que a palmilha de um sapato, que nunca fora usado; estava amarelecida pelo tempo, e parecia ter vindo de eras remotas. Era feita d'um tecido de seda mais que fina; quedei-me alguns instantes a contemplá-la. Não mais uma só linha do livro li, pois que o nome de Cristo ante os meus olhos cintilou, sublime como a luz de uma estrela d'alva.

E como parecia estar ali marcando a página em que parara algum leitor ocioso, sedento de leituras antiquíssimas, que nos fazem numa tão curta vida viver a vida de toda a humanidade, religiosamente a guardei no bolso, colocando em seu lugar, entre as duas páginas fanadas onde estava, um cartão com o meu nome.

Quando cheguei em casa (na casa de um irmão onde me hospedara), uma grande alegria me invadia a alma; sentia alguma coisa de divino e astral divagar ao redor do meu peito. Esqueci por momentos todas as mágoas que me afligiam, toda a saudade intangível de quem está longe daqueles que ama. Tive a irreverência de sacar um charuto da algibeira, e acendê-lo vagarosamente. Contemplei extático as espirais de fumaça que subiam tenuemente pelo ar, imagens fugazes das novas ilusões no mundo. Sim! Tais eram os sonhos em que vivo amortalhado, tais as imperecíveis dores que me martirizam, e também os esgares da máscara de sarcasmo que afivelo ao rosto, para ser carnavalesco, às vezes, em vez de funebremente triste... E à minha alma, garça de penas brancas, voou até o seio de Deus...

Estava comigo a relíquia sagrada. Que acaso singular fez com que ela se me deparasse? Era o vestígio do pé de Jesus no monte Oliveto. A nanquim, estampada a negro, a cena pungente do Gólgota aparecia, sobre pedras agrestes, entre árvores som vida. Em miniatura, o Redentor do mundo pendia da Cruz, e a seus lados, o bom e o mau ladrão nas suas cruces agonizavam. Gestas e Dimas!

O remorso infinito agrilhoava aquele nas gehennas do inferno; Dimas sorria. Hoje comigo estarás no paraíso, tinha-lhe o Senhor dito. E todo o seu atroz padecimento como que se eternizava em eflúvios de glória...

Havia na relíquia uma inscrição latina. Li: *Ves tigiun D.N.J.C. in Mont. Olivet.* Era o sinal do Pé sagrado impresso no chão por onde, santificando-o, passara. Aí, no monte encantado das Oliveiras no Djebeltor dos árabes, o Mestre divino, entre os seus discípulos, deixara cair da boca iluminada palavras que brilhavam como estrelas; aí, entre as fragrâncias dos mirtos, Escariotes beijou-o traidoramente...

E todo o drama da Paixão passou ante os meus olhos enublados e pávidos, ante a minha alma que toda de roxo se vestia.

A tarde tombava. Coloquei sobre o coração a relíquia santa, e pensando na inanidade humana, na insondável miséria de todos nós, senti-me aliviado das angústias que me afligiam porque o Vestígio do Passo divino viera até mim.

GUY.

ANO 1 – NUM.4    Cidade da Conceição, 10 de Abril de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

A Noruega, anexa hoje à Suécia, foi outrora um reino independente. Há lá, segundo as notícias que correm, uma lei que não deixa de ser uma utilidade extrema: nenhuma moça poderá casar sem que primeiro prove (com um diploma legal) saber todos os mistérios da cozinha, bem como lavar, coser e fiar. Não cura a lei da leitura nem da maneira de bem ou mal escrever.

O povo desse país, que vive sob o jugo de um frio que em certas épocas nos mataria, é forte e claro, cheio de sangue rubro; poucos legumes há por lá, mas a fauna é abundante: mais facilmente qualquer norueguês se encontra com um urso do que nós outros com alguém que nos olhe simpaticamente, - um credor, por exemplo, um médico, também por exemplo, ou um advogado que ande após demandas, como é natural que andem todos os três, - o segundo a procurar doentes, o terceiro a cheirar trincas forenses, e o primeiro atrás do que é seu.

Há por lá montes em que os gelos são eternos: o inverno perene sem uma flama tenuíssima de sol. Pois, no entanto, para aqueles que pretendem acabar com a vida matrimonialmente, não acho que lá seja um país inabitável: muito pelo contrário.

Senão vejam: a principal qualidade de uma nubente é saber cozinhar com toda a perfeição. Todos nós gostamos, infelizmente, de passar bem, e ninguém enjeita um petisco.

Vossa senhoria que me lê, e que já passou dos trinta e alguns, gosta de uma cebolada feita segundo as regras da arte culinária; tem vontade de casar mas pensa que a consorte futura odeia as cebolas. É só procurar. No diploma de alguma senhorita achará enumerada, entre suas demais qualidades, a das cebolas.

Outro pretendente gosta de macarronada. Nada mais succulento, quando se a faz com queijo parmesão. Veja a lista das diplomadas (pois que lá se publicam os seus nomes como aqui os dos que se diplomam em farmácia, medicina, direito, engenharia, ou pelas escolas normais). Está logo servido. Pode ser subseqüentes indigestões de macarrão e queijo.

Ora, pela aba de uma serrania, sob a luz acariciadora do poente qualquer um de nós dá de cara com uma moçoila vermelha e forte. A doce rapariga olha-nos com um sorriso travesso nos lábios cheios de inocência bíblica. Procura a gente saber quem é e de onde é, a que família pertence, e tudo o mais que em tais casos se querer... E vem o casamento. Um dia o marido pergunta:

- Eras capaz de aprontar-me uma farofa de iscas? Uma omelete de rum ou de kirsh? Alguma coisa que não fosse precisamente o feijão mineiro que a nossa cozinheira nos impinge diariamente?

Como é natural a consorte, que não é norueguesa, cala-se e reconcentra-se durante alguns instantes.

Replica o marido:

- Que dizes?

- Tratemos de outra coisa. Nada me convence da derrota de Lilicas. Que moço que sabe cabalar! Promete mundos e fundos, desabona a todos, tem sempre um sorriso para o maior inimigo que veja, e é o que se vê: muito elegante e sempre escovado, ou antes muito escovado e sempre elegante...

- Mas, senhora! Geme o pretendente às iscas. Sabe prepará-las?

- As eleições? Grita ela.

O pobre homem desmaia, fechando os olhos. Qual! Em vez de cozinhar, lavar, coser e fiar, é necessário que o governo promulgue um decreto obrigando as moças a saberem de cor... a lei da reforma eleitoral.

GUY.



ANO 1 – NUM.5    Cidade da Conceição, 17 de Abril de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar esta apreciada seção.

ANO 1 – NUM.6    Cidade da Conceição, 24 de Abril de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Era uma noite deliciosa de luar. A lua no auge de sua pálida formosura divagava entre nuvens, errante castelã em busca das barbaças movediças do seu etéreo solar.

Um suave perfume de saudade e melancolia embalsamava a atmosfera.

Entre casuarinas que farfalhavam ao vento tranquilo, a bela capelinha surgia, majestosa e triste, na sua humildade agreste; e toda branca de luar, era como um cordeiro de Deus.

Sob o encanto maravilhoso do céu, passavam pela rua vultos oscilantes e vagos, como duendes fatais, e como ao luar, todos nós somos fantasmas, parecia-me o quadro uma aparição de espectros.

Inesperadamente um violão errante vibrou notas dolorosas pelos ares: era como um coração a chorar

E uma voz, e mais outra, e outra mais ergueram-se ao alto, pelas espirais do luar.

Disse-me então um velho amigo, que se achava como eu, todo envolto nas lactescências da lua:

-Sob a doçura desta sublime serenidade lunática, quem não gozará da vida?

- Eu, respondi-lhe docemente. Foge do encantamento da lua: Os seus olhares são traidores como os olhos de quem ama...

GUY.

ANO 1 – NUM.7    Cidade da Conceição, 1º de Maio de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Quando há lua no céu, deito-me tarde. Velho hábito de boêmio antigo, acostumado a passar ao relento noites inteiras, nos primeiros anos da minha mocidade, que já se vai descambando impetuosamente para o tristonho outono da... falta de cabelos, do ilusões e de dinheiro.

Assim, para consolo a tantos males, gosto de a namorar porque já na idade de namorar outra criatura não me acho...

Convencido de que o astro brilhante da noite, a urna eterna de poesia nostálgica, pode ser contemplado em sua casta nudez de virgem para todo o sempre imaculada, arregalo os meus olhos tristes e fito- a sem o temor de quem deseja um fruto proibido.

E tão fora de mim fico às vezes que chego a convencer-me do amor platônico dela por mim. Lá segue a minha amada por entre nuvens delgadas, um colar de estrelas floresce no redor da sua inconcebível carne de leite. As nuvens deslocando-se formam no céu amedrontadores fantasmas de ferozes cataduras... Ah!! Como eu os odeio, a esses vilíssimos adamastores celestes que de tão perto a veem!

Para me ser agradável, de certo, esconde-se a minha amada entre véus tênues e estofos preciosos; os gigantes desaparecem também, ao encalço da lastimosa virgem.

Quando ela surge de novo, o céu, para festejá-la abre-se em cataratas de luz; toda a amplidão é uma catedral cheia de virgens que esperam anjos para os sponsais divinos.

Eis-me eu, pobre homem, a contemplá-la de novo.

Esqueço-me completamente de tudo: não pesa sobre os meus ombros a idade de Cristo transforma-se antes na primavera florida dos vinte anos; os meus negros cabelos (porque felizmente o resto que possuo está preto como a minha barba em ponta) já não caem, pondo-me a calva à mostra um pouco prematuramente; encaracolam-se como outrora, quando achei quem brincasse com os meus anéis ibéricos, alisando-os com os dedos...

Chego esquecer-me do meu grande nariz, alvinesco por hereditariedade, bastante vermelho pelo frio e por outras causas comuns aos homens, na nossa triste contingência; olvido até que estou gordo, um pouco pançudo, fora as outras desgraças apontadas.

Mas que querem?

Ninguém nasceu perfeito neste mundo, e muito feliz me acho de só namorar a lua, que mora muito longe, e não mandará de certo o seu amante, que dizem ser o sol, desancar-me com uma sova de marmeleiro.

GUY.

ANO 1 – NUM.9      Cidade da Conceição, 15 de Maio de 1904.      MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Da vez passada cedi o meu lugar de honra ao sr. José Marques. Ignorava que o diabo do homem fosse quase doido, com tamanha falta de miolos e tal ausência de senso que até pensei ser ele um discípulo de Asclépio ou de Justiano.

Porque, como sabem a medicina e o direito são irmãos gêmeos, filhos de laborioso parto: a primeira tem por fim principal acabar com a humanidade, o segundo fazer com que tudo ande retorcido.

A torto e a direito é uma ou, antes, são duas locuções adverbiais idênticas...

A primeira coisa que fez o sr. José Marques foi declarar-se ostensivamente dipsomaniaco: tem a mania de beber, o que é digno de censuras, principalmente em um país onde ninguém bebe, sendo abstêmios todos os seus habitantes, do Amazonas até o Prata. É um seriguéa, mamífero da ordem dos marsupiais, ou menos cientificamente, é um gambá.

Começou confessando-se adorador sincero do deus Bacco, e pouco faltou pedir ao Belga que lhe ornasse o nome com vinhetas viridis, representando pâmpanos e cachos de parreira, com trêmulas hastes cheias de cevada e fitas oscilantes de cana tropical.

Denominou enfaticamente conhaque mineiro não sei que espécie de bebida, e teve a falta de decência de declarar que a bebia com leite de vaca.

Continuou a desfiar um grande rosário de bebidas, ortografadas em língua bárbara, dissonante aos nossos melífluos e meluriosos tímpanos auriculares.

Muito embora seja eu inimigo acérrimo dos líquidos, fiquei com água na boca ao ler a lista dos corpos moleculares opostos aos sólidos e aos gasosos, que o sr. Marques enumerou com tão grande falta de critério e tão grandioso e imenso desprendimento pelas conveniências sociais. Indignado, fui procurá-lo.

Encontrei-o espichado em longuíssima cadeira preguiçosa, com os olhos virados para o teto branco da sala em que ele estava.

- Sr. Marques, disse-lhe com cara de poucos amigos.

- Sr. Guy d'Alvim, respondeu-me ele com toda a seriedade necessária em tais circunstâncias.

Censurei-lhe então o seu procedimento incorreto, trazendo para estas circunspectas colunas assuntos banidos socialmente do convívio dos homens.

Disse-lhe que ninguém queria saber das suas pretensões a branco e a fidalgo, e que pouco importava aos nossos assinantes ficarem cientes das proporções e cor do seu nariz, bem como das dimensões assustadoras da sua careca; que terem ou não os Marques brasão insculpido na heráldica portuguesa, pouco vinha ao caso, pois que ele Marques com toda a sua prosódia não passava de um Dom Quixote mais espantoso ainda que o herói universal descrito por Cervantes de Saavedra.

Disse-lhe mais que nesta seção só eram discutidas as matérias dignas da atenção pública, bem como os alvos para que convergem as aspirações humanas.

Só era permitido aqui tratar de coisas sérias: da lua, das sogras, das eleições, da arte de curar, da falta de dinheiro, etc.

O sr. José Marques conservou-se calado, prometendo-me exhibir-se mais sensatamente na próxima semana.

Disse-me ele que trataria do amplexo fraternal que une o direito à medicina, a justiça pública à grande ciência de reduzir a humanidade ao par primitivo. Pedi-lhe escolhesse outro assunto qualquer, em vista da banalidade da tese proposta, e ele convenceu-se do que eu lhe dizia, afiançando-me tratar das almas do outro mundo na próxima semana.

GUY.

ANO 1 – NUM.10    Cidade da Conceição, 22 de Maio de 1904.    MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

### CRÔNICA

De uma feita eu, João Carrilho, que tenho a glória de surgir aqui por especial pedido do sr. José Marques pela primeira vez, qual aurora mirifica no cimo dos cerros envoltos em leve e transparentes gazas, lembrei-me de abandonar por alguns dias os meus penates, e seguir por esses campos e escarpas, em demanda do carinho dos meus amigos ausentes.

Coincidindo com minha deliberação com outra idêntica do meu compadre Sanches dos Santos (não dos santos da minha devoção) que ia nesse tempo colocar seus fundos (não os das calças) num banco que quebrou logo após, ficando o banco por não ser de madeira de lei, mais quebrado do que eu, João Carrilho e o Sanches, seguimos juntos, por uma clara manhã.

Era de ver-se a nossa alegria, o risonho contentamento das nossas mais jubilosas faces.

Os pássaros trilhavam, os ribeiros murmuravam queixas, o céu nos abençoava, e nós dois, no meio do triunfo sempiterno das selvas brasileiras, olhávamos boquiabertos para o esplêndido quadro em que estávamos emoldurados.

Boquiabertos é o termo, pois que de vez em quando abríamos a boca, não para bocejar nem admirar o que acima fica escrito, mas simplesmente para engolir um trago de magnífico conhaque mineiro, fabricado de hidromel pelo benemérito (principalmente pra nós) coronel Chico Ferreira. E seguimos contentes, maravilhados pelos panoramas eternos da nossa natureza. Mudos, reconcentrados, parecíamos dois médicos que vinham de acabar com a vida de vem pobres diabos.

- Oh compadre! Gritei eu.

- Que é lá, compadre? Respondeu-me o Sanches, ainda lambendo os beiços, e pudicamente escondendo o cuité no bolso de um longuíssimo brujaco cor-de-sogra.

- Ficaste mudo?

- Emudeceste?

E como tivéssemos de atravessar um capão longuíssimo, cheio de profundo silêncio das folhas e dos ramos, começamos a trocar ideias afetivas, como dizia meu amigo Leopoldo de Freitas, nos meus bons tempos de academia e jornalismo.

Porque eu, João Carrilho, embora a muitos incrível isto seja, cheguei a adquirir dois diplomas mais ou menos ultracientíficos, e não sou, como podem pensar, um sujeito qualquer sem noções de humanidades. Doido embora, tenho alguns momentos lúcidos: e a lucidez intermitente veio-me da viagem que fiz com meu compadre Sanches.

Várias coincidências havia entre as nossas vidas.

Por muitos anos fora ele mascate, e eu por anos andei louco por uma filha de um mascate árabe.

Casei aos vinte e seis, e ele já tinha feito a mesma asneira na mesma idade; daí ao fim dos meses do costume, tive um rebento na árvore genealógica dos Carrilhos; com o meu compadre acontecera o mesmo.

- Tantos anos sou mais velho que o diabo, disse ele.

- Outros tantos sou eu também, murmurei.

- A minha sogra, se não falasse e gritasse tanto, seria o modelo das sogras, retrucou o compadre.

- O mesmo com a minha acontece, quase que sussurrei imperceptivelmente, com medo do meu sogro surgir.

Continuaram as coincidências. O meu compadre tinha medo também que o seu sogro surgisse, armado de charas e logogrifos.

Afinal chegamos. Era hora de pousar. Lestos saltamos das cavalgadas.

O hoteleiro nos recebeu com um grande e ganancioso sorriso nas bochechas prósperas.

Houve um sarau musical obrigado a violão e flauta: um professor público, cheio de melenas em confusão, recitou a *Judia*.

- Judiasse ele com outros e não conosco, pensei;

Lembrei-me então de mister Kirch, que me recitara, na hora de eu partir, o “Ouviu, Sinhá?”, produção romântica de um amor primeiro ou primevo.

Fomos dormir tranquilamente, depois de esvaziar algumas garrafas de Kremer, com queijo velho.

No dia seguinte encontrei o compadre cheio de ânsias...

- Matutinus vomitus potatorum, resmuguei... e logo após lançávamos cargas ao mar.

- Mais uma coincidência! Murmurou beatamente o Sanches.

JOÃO CARRILHO.



ANO 1 – NUM.11      Cidade da Conceição, 29 de Maio de 1904.      MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
**ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO**  
**REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS**

**CRÔNICA**

Pior que o soneto foi a emenda, pois que o sr. João Carrilho se exibiu nestas colunas circunspectas, que devem ser aureoladas sempre pela sisuda seriedade de um moralista profundo, com a mais escandalosa falta de senso, já não digo comum aos homens dignos desse nome ultra-anumico. Nós, como sabem, temos alma; alma vem de anima (latim); mas não somos animais; somos hominiais. No entanto, alma e animal de anima se formam. Sejamos todos, afinal, bestas de carga.

Carreguemos o suplício da vida, o que não é pouco, até que o dia da redenção no chegue, livrando-nos de tantas e tantas contrariedades e de tamanhos dissabores. A cada passo na vida só nos deparam tristezas, amarguras, pesarem sem fim. A humanidade, caquética hoje, cheia de reumatismo e de descrença, apenas se relembra que um tempo houve em que a formosura dos homens e das mulheres se rivalizava com a beleza dos anjos. Deidades pisavam o solo dos mortais, um contentamento hilariante afogueava os rostos, incendiava as faces. Hoje, nessa derrocada geral de falta de amor e amizade de ausência completa de caráter e de bom senso, retrogadamós até Diógenes: se este procurava um homem, pelas ruas de Atenas, de lanterna na mão, apoiando-se sobre o seu nodoso bordão, e não o encontrava, hoje o problema seria mais difícil ainda de ser resolvido...

A lanterna primitiva do sábio grego, enfumaçada e oscilante, bem podia ocultar em sombras o homem que era procurado; atualmente, na era da luz elétrica, do vapor, do gás e do balão, se aparecesse outro Diógenes, teria a mesma desilusão do filósofo cínico.

Perdoem-me estas digressões tristes. Estou completamente sem fé nos homens e nas coisas. Já não creio nem no bispo, e sou capaz de pôr argumentos contra a infabilidade do papa. Por um triz declaro-me confuciano vou ser faquir no Hindostão, bonzo na Cochinchina, sacerdote otomano na Turquia, muezzin na Arábia, o próprio Satanás no inferno...

E toda razão tenho.

O procedimento dos srs. Marques e Carrilho para comigo foi soberanamente incorreto. O primeiro começou a rezar numa cartilha feira para ateus, desenrolando uma fita interminável

de líquidos prejudiciais á saúde, aos calos, às algibeiras e até as almas. O segundo, pessoa em que sempre depositei toda a confiança, começa a enumerar as coincidências havidas e por haver entre a sua vida e a de um tal Sanches individuo barbado e sério, capaz de acabar com o resto de alegria que tenciono fazer brilhar aqui.

Não desejo que o Carrilho apareça mais, cintilando no cume destas colunas; espero que o sr. Marques sofra um eclipse total e intérmino.

Quando cansar-me de divertir meus mil e quinhentos leitores, irei pedir o auxílio do meu risonho compadre Catimbau, que é homem já maduro, e muito bisonho, que por certo deitará altíssima e saudável moral do alto desta esplendente seção.

GUY.

ANO 1 – NUM.12    Cidade da Conceição, 5 de Junho de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Por estas noites de luar, quando a lua, seguindo no meio de estrelas, parece o caixão branco de uma virgem que vai acompanhada por milhões de anjos que trazem círios nas mãos, - eu me lembro dos mortos.

Pobres e míseros mortos!

Transidos de frio, entre as tábuas da sepultura estreita, medonhos no horror que os cerca, ninguém poderá pensar neles sem sentir um rangido de dentes involuntário, um tremor de medo pelos nervos.

Passam-me então pelos olhos os féretros suntuosos das cidades grandes, o enfileiramento dos carros fúnebres, os enterros singelos das cidades pequenas, em que os corpos são levados à mão e às pressas, e os enterros de anjinhos em caixões abertos, de mãos postas e sorrindo às vezes, entre fanfarras de músicas alegres. E também os horríveis carroções que nos centros populosos levam para a vala comum pilhas de miseráveis amortalhados, apenas no trajeto, pelos cadaverosos lençóis dos hospitais, e atirados nus, em confusão, ao mesmo leito de pânico.

E penso nos meus pobres amigos, tantos que vi seguirem para o país das sombras, quando a aurora da vida lhes aparecia apenas.

E, no entanto, a vaidade humana cada vez mais cresce, cada vez mais se avoluma: e o maior número só pensa nas riquezas, nas extorsões, nos meios inconcebíveis de explorar os proletários e os tolos, os pobres e até os mendigos.

Relembro-me dos meus amigos defuntos.

Eurico! Eurico! Que é da tua bela cabeleira loira, que se enroscava pela tua cabeça em caracóis como uma coroa de ouro? Que é dos teus dentes brancos como jaspe, que brilhavam como estrelas? E os teus lábios rubros como romãs tropicais, que sorriam tão sarcasticamente, que é deles?

Fanaram-se depois de tantos beijos de amor, e sumiram-se no pó, e de ti, Eurico, meu querido amigo, só resta essa horrível caveira cansada de ranger os dentes na luta infanda contra os vermes...

Bem disse o grande clássico: a formosura é uma caveira bem vestida. Se a mocidade é isso, que diremos do que é feio, da velhice?

Rezai, pobres velhos, rezai, pobres velhas, míseras caveiras mal vestidas.

GUY.

ANO 1 – NUM.13    Cidade da Conceição, 12 de Junho de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

- Carrilho!

- Senhora!

Estendi-me preguiçosamente sobre a *chaise-longue*, preguei os olhares no teto da sala, e fiquei estático por alguns instantes, como um faquir falsificado.

Depois, vagorosamente, enfiei a mão até o fundo da minha profundíssima algibeira e de lá arranquei um quebra-queixo de tostão que acendi com todo o entusiasmo que me é peculiar quando faço algo ou julgo fazer um ato de certa importância na vida. E nada mais importante do que ter um indivíduo a indômita coragem de enfiar na boca um breva de cem réis, já um pouco furado pelos descortesos carunchos, mais seco do que a seca do norte e mais amargo que todas as desventuras da vida. Depois de certo exercício com os beiços consegui tirar algumas fumaças tenuíssimas, que se evolveram em espirais delgadas, o mais devagar possível. Que fazer?

Olhei para os meus chinelos, e vi que estavam mais precisados de aposentadoria do que um professor público depois de cinquenta anos de escola; contemplei o meu chapéu e tive saudades do tempo em que ele não se envergonhava de sair à rua.

Depois de muito parafusar resolvi passar o dia sem pensar em coisa alguma. O problema era difícil, mas sou mais teimoso do que o Pirro: no entanto, por mais que eu não quisesse pensar estava pensando sempre. Lembrei-me que de pensar morreu um burro, e pedi a Deus que me não desse morte semelhante...

- Carrilho!

- Senhora!

A dona da casa chamava-me pela segunda vez. Arrastei-me até onde ela se achava a coser. Vi então as roupinhas para as festas do Jubileu: tudo muito alegre, de cores variegadas, vestidinhos, calcinhas e calções, gorros e bonés, capas e capotes...

- Que alegria para a criançada! Murmurei.

- Todos os anos são assim, respondeu-me a avozinha. Tenho um exército de netos, e coso para todos.

É o costume da terra: pelo Jubileu todos renovam a roupa. Vai você ver.

Com certeza já tem ouvido muita moça dizer: Que chitas bonitas tem o Olympio! Pelo Jubileu hei de comprar um vestido... E assim somos nós todos, velhos, moços e crianças. É quando a cidade se anima: vem tanta gente de fora, que somos todos obrigados a deitar alguma elegância...

A avozinha ofereceu-me uma pitada de meio grosso; sorvi-a ligeiramente, passando depois o meu lenço de alcobaça pelas ventas. Puxei um tamborete, sentei-me o mais filosoficamente que me foi possível, e espantei-me de não ter até então pensando na festa que trazia sobressaltadas todas as mães de família, todas as moçoilas, todos os rapazes, todos os velhos...

O meu esquecimento era inexplicável. Como aparecer decente nesses dias alegres, se a minha roupa, de tanto ser escovada, já tinha horror às escovas?

Fiquei seriamente impressionado. Quando mal esperava, lembrei-me de repente, que o meu amigo José Marques tinha alguns paletós em bom uso, e se não me enganava, um fraque mais ou menos moderno.

Quando a calças, algumas possuíam ele; e como o que é dele é meu, e vice-versa, eu delas poderia fazer uso, menos de umas pardas, cor com que embirro solenemente para calças. Chapéu o Marques também tinha, ainda em bom estado, requerendo porém uma rápida esfregação de protóxido de amônio.

- Estou arranjado! Exclamei, ovante. Saio eu um dia, sai ele outro, e assim não perdemos as festas...

A avozinha continuou a coser: tomei mais uma pitada, assoei-me, expelindo com força majestosa tufões de ar pelas fossas nasais, e fui continuar a fazer o mesmo que estava fazendo ao começar esta mais que narcotizadora crônica.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.14    Cidade da Conceição, 19 de Junho de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Às cinco da madrugada, quando a primeira badalada ressoa metalicamente pelo ar tranquilo, salto lentamente do meu pobre leito com toda a possível ligeireza das minhas velhas pernas, naturalmente reumáticas por força dos meus avançados anos.

Espio sorrateiramente, ao espelho, a minha cara desconsolada, abro os olhos tristes, tão cansados de contemplarem a desventura de todos, carrego os sobrolhos fazendo questão de parecer o homem mais reconcentrado do mundo, e depois de passar o pente pela cabeça e alisar a minha longa barba de asceta, vou até a bica, a fim de praticar as abluções diárias. Escovo com toda a paciência dois ou três dentes que me restam, tomo uma boa tigela de café, e saio.

O frio é intenso, a manhã é toda enevoada; vou caminhando lentamente, com a pacatez habitual de um burguês que vive das suas rendas e das rendas de bilro que as filhas fazem por desfastio e alegre desenfado.

Cumprimento com ares de proteção a todos quantos encontro; são bons dias circunspectos e paternais, ditos em voz grossa, tocando levemente com a ponta dos dedos a aba do meu antiquíssimo Chile.

De vez em quando uma pitada me sensibiliza a mucosa nasal; dou espirros estentóricos, e sigo imperturbavelmente.

Quem me vê, pensa no mesmo instante: ali vai um poço de ciência, de consciência e de paciência.

Na verdade, a minha austeridade impõe-se.

Nenhum sorriso nos lábios, nenhuma alegria nos olhos: uma tristeza de cipreste a beira de um túmulo.

Chego à igreja sempre às mesmas horas; faço as orações costumeiras, e peço a Deus que por dilatados anos me conserve a mim como se conservam pimentas, ou tâmaras.

Do primeiro ao último dia do jubileu o meu passeio matutino é sempre o mesmo; não mudo de hábito, mesmo porque não sou frade, contentando-me apenas de mudar de camisa bi-semanalmente.

Findo o jubileu, época de abstinência e de preces sinceras, sou outro homem.

Sorrio-me algumas vezes, e sou capaz de beber de vez em quando uma boa dose de antártica ou de bock ale.

Esperando o futuro jubileu, em que farei penitência dos novos pecados com que vou sobrecarregar a minha alma já tão sobrecarregada de culpa, remoço-me bastante e até floreio alguns flertes inocentes, piscando os olhos não intencionalmente, mas simplesmente por ter-me cabido por hereditariedade este sestro gentilíssimo...

Tendo cumprido a obrigação de conversar semanalmente com as minhas belas leitoras, por aqui me quedo como o mais humilde criado de sua excelência.

JOÃO CARRILHO.



ANO 1 – NUM.15    Cidade da Conceição, 26 de Junho de 1904.    MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

### CRÔNICA

O jubileu, em vez de ser todo de júbilos, para mim foi só de tristezas. Não houve entre o povo a alegria comunicativa das expansões que entre os rostos afáveis brotam; sérios e carrancudos, de cataduras mais que solenes, foram, na sua maioria, os entes humanos que vieram espaiar as suas preocupações neste ramallete mineiro durante os dias festivos.

Ninguém ignora que a absoluta falta de dinheiro que nos assola, mais terrível que as pragas egípcias, concorre de modo grave para que todos nós em grande compostura ultra cerimoniosa nos conservássemos, porque em falta de notas de tesouro, uma fisionomia circunspecta e cheia de reflexões sobre a vida, que é tão passageira, e sobre a morte, que é tão certa, há de impor-se mais que fatalmente.

Se todos nós pudéssemos nadar em ouro, se nos fosse dado o favor sublime de andar sempre com as algibeiras atapetadas de notas, em vez de notícias, muito alegre e hilariante seria a nossa vida.

Mas o combate para que se ganhe o pão diário de tal maneira nos deixa desancados, que é ainda muito de admirar-se o haver gente capaz de fazer outra coisas que não seja a perpétua contemplação dos males próprios e alheios.

Que a vida é muito martírio, está mais que provado pelas experiências diárias que observamos nos outros e que em nós próprios fazemos; cada um de nós deseja o eterno sono.

Mas quantos remorsos em desejá-lo!

A tristeza humana é um fato natural: não serei eu quem vede a um racional ou não o direito que tem de gozar das delícias da criação. Assim como um filósofo eu posso escrever e ditar o que quiser e for do meu especial agrado; ninguém virá censurar-me porque me julgo nas culminantes alturas de dizer o que julgo pensar.

Parece-me que divago por um país novo, cheio dos mais belos horizontes que se têm visto surgirem em terras mineiras; e como é a primeira vez que rabisco nestas colunas algumas

elucubrações sobre o precário desconsolo da vida, não me julgo no direito de continuar a fazer tão amarguradas considerações.

Triste foi o jubileu, disse a princípio; triste estou eu, confesso.

Ter-se-á arrefecido a fé do povo, não haverá mais pastores que o guiem?

GUY D'ALVIM.

ANO 1 – NUM.16    Cidade da Conceição, 3 de Julho de 1904.    MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

### CRÔNICA

Como tu, formosa sertaneja, que por instantes alegraste a incurável tristeza dos meus olhos, como tu, flor risonha dos campos, foi-se também a lua...

A incomparável beleza das nossas noites de luar, a lactescência sublime das nuvens que se expandem em lírios e rosas brancas, os castelos de torreões coroados de estrelas, as figuras de monges em oração que surgiam e desapareciam no céu, tudo isto se afundou no insondável abismo do infinito, silentemente, desoladoramente.

Cerca-nos a escuridão das atras noites que de pavor nos gelam; dentre o negror absoluto da abóbada celeste nem um raio de estrela fugidio cintila por instantes; estendem-se pelo céu grandes panos mortuários, distendidos em dobras de profundo luto.

As noites continuam frias, como abraços de velhos, as fogueiras que crepitam aqui e ali não aquecem o ar cheio de impalpável neblina, tudo treme de frio, desde a invisível estrela que se escondeu na profundidade do céu, até a pobre criancinha que repousa no seu berço pequeno...

São João veio, sempre friento, e passou por nós, como sempre, a tiritar.

Vimos a dama que nessa noite atravessa descalça um braseiro enorme, como se pisasse por sobre um estendal de rosas rubras: nada nos maravilhou, porque de maravilhas sempre a nossa alma viveu...

Veio São Pedro, respeitável guardião da porta celeste, com as simbólicas chaves na mão, sério e circunspecto, de extensas barbas e luzidias e ancestral calva de asceta encanecido...

Sublime pescador, pedra angular em que pousa a arca da nossa fé e caridade, vieste também friorento, envolto na tua túnica humilde de plebeu, mas tu de outro modo não poderias vir, tão velhinho que és, tão encolhido que estás, doce pescador!

Vieste reviver os dias da minha infância longínqua, que por feliz e risonha tão depressa passou, como passa a felicidade sempre, e o riso, às vezes. Lembrei-me da minha velha cidade, lendária e imponente, cheia de montanhas que penetram o céu, toda cercada de templos

suntuosos, abençoada por tantos cruzeiros que no alto dos montes abrem, como que para ampará-la, os seus braços protetores, e hoje - pobre e mísera avozinha das cidades e vilas mineiras! Condenada, sem culpa e sem pecados, a morrer lentamente, como se vão os velhos e as lâmpadas abandonadas...

Lembrei-me dela, e depois olhando para a escuridão do céu, tive saudades da lua, que desapareceu como tu, formosa sertaneja, lírio risonho e suave, que me alegraste por instantes os olhos tristes, cheios de pesares e de lágrimas...

GUY D'ALVIM.

ANO 1 – NUM.18    Cidade da Conceição, 17 de Julho de 1904.    MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

### CRÔNICA

Para muitos a mola real da vida é o estômago, regular bolsa composta de membranas, sempre pronta e preparada para receber os líquidos e os sólidos com que a natureza animal tem por uso enchê-la.

Se são esses aqueles que compreendem a vida, ignoro eu, cronista sertanejo, muito propenso à contemplação das estrelas, da lua, e de outros corpos celestes visíveis.

Se um raio de luar perpetuamente desce sobre a dolorosa tristeza da minha alma, se vivo astralmente circundado de fulgores lunares, para que abaixar-me até a niilidade da condição humana? Seja o estômago, embora, o órgão principal da digestão dos seres vivos; comunique-se com o esôfago e esteja colocado por baixo do diafragma; forme-se de três membranas superpostas, ou de mil: que me importa tudo isto? O intestino delgado pouco me tem alterado o meu modo de viver, a minha eterna hipocondria.

O grosso intestino então aborrece-me de modo a ficar alheio à sua diária e consecutiva luta, como recipiente de inúteis resíduos da digestão.

O fígado, no entanto, que vive a secretar a bile que nos enche a boca de amarguras, tem particular predileção da minha parte.

De forma irregular, sem simetria alguma, convexo na parte superior, côncavo na inferior, cheio das granulações que se reúnem a fim de formar o canal hepático - gosto deste órgão e admiro-o sinceramente.

A minha admiração compassiva por ele vem do fato de ser esse pobre pedaço do nosso corpo o suposto criador do nosso mal humor; tédio, spleen, irascibilidade, tudo isto queremos que nos venha da bile que do fígado se origina, passando pelo duodeno para auxiliar a digestão...

Não se forma antes o nosso eterno e irritável desconsolo nas três membranas do cérebro, a dura e a pia mãe, e a aracnoide, sendo esta talvez quem nos faça viver sofrendo sempre da telha entre teias de aranha?

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.19    Cidade da Conceição, 24 de Julho de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Fui, já se lá vão 50 anos pelo menos, amanuense da Mesa das Rendas mineiras.

Nesse tempo, nessa época de grande conforto, não era Vila Rica o que é hoje. Um claro e cintilante sol de riqueza vinha circundá-la, osculando-a ternamente.

Todos nós nos lembramos dos tempos passados, e eu, tão isolado como vivo, de quando em vez volvo os olhos para a minha rápida vida que já se foi, esperando perpetuamente que esta se vá...

Ora, todos os dias, envolto na minha quinzena azul, seguia, com toda a seriedade exigida, para a repartição. Cumprimentava os amigos e até os inimigos gratuitos; muito na flor da idade, não me brotara ainda dentro da alma a tulipa do rancor e do desprezo.

Mais suave que uma juriti, em plumagem branca me enfaixava.

Seguia barlaventeando, meneava a cabeça com certo prumo, sempre perpendicular ao horizonte, que diante de mim fugia, como foge sempre de nós.

Quem me visse atravessa íngremes ladeiras e apertadas ruas da velha cidade, cauteloso como um cauteleiro que quer impingir a qualquer pobre descautelado o último, sempre último, bilhete da loteria, - pensaria que eu fosse a burocracia em pessoa.

Ia às dez e voltava às três; passava todo este intervalo de tempo a copiar ofícios, sempre redigidos no mesmo estilo rançoso que se emprega nas repartições públicas, burilado eviternamente por algum gênio que se elevara ao apogeu da chefia de secretaria, como ao hipogeu de copista achava-me reduzido.

Horrente huerfago hipicamente diminuía os passos dos animais com que me encontrava, a hipiátrica de vez em quando me surgia como sendo, não uma parte da arte veterinária de curar, mas o compêndio completo de tirar o fôlego aos seres criados...

Quando me lembro desses bons tempos vêm-me as lágrimas aos olhos; cheio de fúnebre apatia, recordo-me de tudo, e ao ver-me no sensaborão *status quo* a que cheguei, reduzido a espargir sovinadas, fico boquiaberto de espanto, e deixo cair da boca esta última linha como ponto final à minha obrigação hebdomadária de cronicar.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.20    Cidade da Conceição, 31 de Julho de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

A dança, desde que não seja a de S. Vito, porque nesta, quer a gente queira quer não, há de sempre fazer os mesmos fastidiosos movimentos e mórbidas cadências, nem a macabra, porque esta pertence, por absoluto privilégio, aos que a Morte leva para os seus domínios pavorosos, - a dança sempre foi um divertimento de bom tom, um passatempo alegre e festival como nenhum outro.

Ao flébil som de flautas e violinos, aos gemidos profundos dos violões, ao scherzo vivo e titilante dos bandolins, ou em ouvindo um violoncelo que clama docemente, e de repente, sem arco, obedecendo à voz dos pizzicati, prorrompe em rápidos suspiros plangentes, - não há quem não sinta a alma docemente berçada por misteriosas mãos de fadas.

Os momentos passam vertiginosamente, os instantes voam como pardais, uma grande luz nos ilumina o cérebro, dos olhos caem-nos estrelas, a respiração comprime-se, e afinal, finda a valsa, a quadrilha, a schottisch, a mazurka, vai o mortal descansar durante algum tempo para depois recomeçar, com o mesmo garbo, com a mesma sofreguidão.

De danças e dançarás está cheia a vida: dancemos pois, com toda a seriedade, como fazem os ingleses, corretos e frios, tesos como postes de luz elétrica, vermelhos como esplendorosas miniaturas de Febo, levando a existência com a necessária circunspecção, fazendo todos os atos diários com a imperturbável e austera cara de poucos amigos que Deus lhes deu, e Lutero, o monge apóstata, concertou...

A dança espanhola, - o salero, a habanera, - bole mais com a nossa natureza tropical, tão propensa aos cancãs, aos recortados e aos batuques, do que a dança inglesa, tão monótona e cadenciada, tão orgulhosa e senhoril; mas façamos o possível para nos tornarmos ingleses ao menos coreograficamente, abandonando os requebros lascivos que saltam da massa do nosso sangue tão cheio de mistura.

E no entanto, eu que tal aconselho, estou doido por um desses gostosos recortados que nos desancam e moem, que tão sensibilizadores são...



Ora! viva o  
Andorinha voou, sentou...  
Senta aqui, senta acolá!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.21    Cidade da Conceição, 7 de Agosto de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRONIQUETA**

Como já se sabe, estão isentos do serviço militar os srs. padres. A farda impõe-se, é também sabido; não poderão apresentar-se devidamente fardados e municidados os ministros da nossa religião.

Esta exceção da lei não tem explicação possível. É certo que o serviço militar não vai muito de acordo com os hábitos contemplativos dos sacerdotes; comodistas por índole e por obrigação, uma meia volta à direita, marche! Não lhes poderia ser de especial agrado.

Mas o fato é que os padres estão isentos de tudo: como afirma um colega, não há profissão mais rendosa que a deles, e, no entanto não pagam o devido imposto de industriais e profissões...

Os congressos estão em seção, o assú e o mirim...

Um imposto sobre os padres seria equitativo, pois que lei não deve privilegiar uma classe tão numerosa e próspera, criando tributos e mais tributos para as outras classes, muito menos protegidas pelo destino e por Deus...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.23    Cidade da Conceição, 21 de Agosto de 1904.    MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

### CRÔNICA

Cheio de alarmas anda o povo de uma nossa cidade pelo misterioso fato seguinte: um moço, que por diversas vezes se tem feito fotografar, aparece na chapa acompanhado sempre de um esqueleto, elegante e franzino como são todas as figuras ósseas que se despiram das nossas carnes e adiposidades. Como é natural, o fato extraordinário tem trazido em susto contínuo a população inteira da tal cidade mineira, não havendo quem olhe com bons olhos para o pobre rapaz, que, de resto, não tem culpa alguma de ter sido escolhido pelas forças ocultas para representar tão fúnebre papel. Uma loira mocinha, que por ele de amores vivia, espavorida retirou-se da sua imagem, pensando com certeza não lhe ser de bom agouro o ir completar a trindade de tão estranha dualidade; os amigos medrosos fogem dele, temerosos de verem surgir ao seu lado já não espectralmente no cartão fotográfico, mas unido ao seu corpo humano, o estupendo esqueleto.

Para o desgraçado rapaz deve ser bem triste mirar o seu retrato sempre seguido de tão incômoda companhia. Muita gente há que nem por sonhos quer saber da morte, que nem por pensamento quer fixar os olhos na quieta e consoladora Parca; a foice mitológica a cortar o simbólico fio da existência, não é do agrado de todos. Se ele a teme, com que horror não a verá, imponente e escarninha, ao seu lado!

Um companheiro destes, tão opacamente branco, numa eterna postura de volantim leve, de acrobata fantástico, a ensaiar sempre uma curvatura de elegância suprema, quase que inteiramente feito de fosfato de cal, deve entristecer-nos e magoar-nos exuberantemente.

O que somos, todos nós sabemos: mas mesmo por que os ossos são os corpos mais resistentes do nosso organismo, sustentando sempre verticalmente tão grande massa de carne, músculos, membranas, mucosas, intestinos, nervos, - é que não gostamos de pensar neles; ocultos como estão, é bom que os não vejamos, pobres repastos finais que são da morte...

Frontal, temporal, parietal; fêmur, tibia, tarso ou metatarso: os primeiros ou os últimos ossos são sempre a representação do que somos. Que enorme castigo para esse rapaz, que não merecia de certo ver surgir de parelha com a sua imagem a estrutura óssea que cambaleia sob a sua pele!

Mas, depois, quem sabe! será talvez alguma amante abandonada, algum amor primeiro, alguma viagem desprezada, que venha postar-se ao lado do rapaz, cansada talvez de esperar por ele...

Desdêmona mais branca do que os lírios, Ofélia toda feita de lua, Julieta que eras um jasmim de além-mar, qualquer de vós que o esqueleto seja - deixai em paz o pobre moço, e esperai, que ele irá ter convosco!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.24    Cidade da Conceição, 28 de Agosto de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Quando o regulador público, na noite de 23 de agosto, deixa cair, sonorizando o ar, as doze badaladas fatais, num triste lamento de agonia, eu fico triste e quieto como o histórico mocho que pia eternamente, graças ao talento de melancólico poeta lusitano, na marmórea cruz, e nos salões da pujante burguesia dos nossos tempos.

É que o dia terrível do apóstolo Bartolomeu se anuncia, cheio de vagos prenúncios de quedas e de coices, de pancadas e pancadarias, de corridas e de corredorias, antolhando-se nos tão iminente o seguir para o céu, que é a pátria futura de alguns de nós, como rodar para o inferno, que é a habitação fatídica da maioria dos homens. Nesse dia, eu, pobre cronista do mato, penso nas múltiplas calamidades a que estamos sujeitos. Pode bem ser, digo eu, que o telhado caia sobre o meu crânio, partindo-o em dois; pode bem ser que algum sinistro fantasma surja ante os meus olhos pávidos, e me arrebate para os antros soturnos, para as geenas aterroradoras da... falta de dinheiro.

Tudo é possível neste mundo sublunar e inabitável. Ouçam.

Para zombar da tradição, um amigo meu casou no dia de que falo. Não houve nada demais na primeira noite de núpcias, nem nas seguintes. Tudo na forma do louvável costume. Mas depois, qual foi o castigo? Tremendo. Todos os anos, no dia 24, tinha ele de festejar o aniversário do consórcio.

Sendo dia fatal ficava tão impressionado que nem coragem tinha de olhar para a sua sogra. Finalmente foi-se ele no dia 24 de agosto, muito chorado pelos filhos e por toda a família.

Do que expus, decorre a minha opinião sobre tal dia. Fico em casa, deitado no chão, com medo da cadeira perder as pernas e eu quebrar as minhas; não converso com ninguém, temendo dar uma dentada na língua; não olho para mulher alguma, receoso de apaixonar-me por ela, na avançada idade em que me acho.

E por aqui me fico; os leitores que agradeçam ao acaso a casualidade de não tomarem esta crônica mesmo no dia de S. Bartolomeu, bom cristão que segundo a história reza, andou pregando o evangelho na Índia, na Etiópia, na Licaonia, sendo martirizado na Armênia; há quem diga que ele é o mesmo Natanael, que foi um dos 72 discípulos de Cristo.

E mais longe iria se trouxesse para aqui todo o horror de *La Saint- Barthélemy*, do horrível dia em que por ordem de Carlos IX e Catharina de Medicis foram barbaramente massacrados os protestantes franceses...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.25    Cidade da Conceição, 4 de Setembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Tamalavez porei nestas colunas assunto semelhante ao que vão ler os meus pacientes ledores: a excelente *Guia de Casados* do grande escritor D. Francisco Manoel de Mello que, na frase de Camillo Castello Branco, tem duas celebridades, - a do talento e a da desgraça, - vai-me servir de meta a certas verídicas observações.

Diz o ilustre fidalgo, o qual por laços de sangue se ligava ainda à bastarda casa de Bragança, ex- senhora nossa:

“Guarda de contar graças, nem estremecer sobre os filhos. Tudo isto os faz malcriados, e aos pais é de pouca opinião. As mães querem que os maridos os tragam, e folguem com eles. Não é coisa pertencente a um homem ser ama, nem berço de seu filho. Fazer-lhes aqueles momos, falar-lhes naquela linguagem sua, tudo é indecente.”

E continua o fidalgo estampando um bofé arcaico, tão velho e carunchoso como o advérbio com que abri esta crônica.

Conta com grande espanto que de uma feita viu ele um general lusitano competentemente fardado e municiado, tendo vindo, colijo, de alguma campanha contra *los perros de Castilla*, sair do meio do seu estado maior, às pressas, esbarrando nas dragonas e durindanas portugalenses, e cair, à vista de todos, nos braços de um filho que para ele corria...

E admira que tão grave pessoa pudesse tão pouco consigo.

Não chegarei a este extremo, mas quanto a viver um pai a contar as graças e habilidades dos seus filhos, estou quase de acordo com o erudito escritor. Bem sei que sou incoerente comigo mesmo, pois que tenho contado várias proezas dos carrilhos que enchem meu lar...

Mas, voltando ao assunto, contarei uma historiazinha: conheci uma família em certa cidade paulista que em menos de um ano ficou completamente isolada, sem uma só visita. Era um casal com um filho, e competentes sogros e sogras. O menino, que por sinal se chamava Casusa, era o maior diabrete que tem posto até hoje os pés em brasileiras terras.

Fui um dia visitar o pai da criança, e sai de lá com o mais firme desejo de não mais entrar em tão delicioso paraíso.

Quando cheguei, o admirado Casusa estava rodeado pelos quatro avós e pelos pais. Reinava completo silêncio, embebidos que estavam todos na gentileza sem par do pimpolho.

- Muito interessante o Casusa! Murmurei para ser agradável à companhia.

Os quatro avós tomaram ao mesmo tempo quatro pitadas de ótimo areia-preta, e um deles deixou cair uma lágrima pela ponta do aquilino nariz: lágrima cor de café, comovida e triste, mas que em vez de sair pelo competente canal lagrimal, de uma das ventas caíra. Os pais sorriram, olhando-se com tal carinho que me pareceu ver as suas almas pousarem, reciprocamente, os olhos um do outro.

Depois de curto silêncio, começaram todos, quase ao mesmo tempo, a mostrar-me as habilidades do Casusa.

- Como é que o galo canta? – Kikiriki! – Como é que faz a galinha choca? – Crócró! – Como é que o galo arrasta a asa? – Córócó!

E passou pelos meus ouvidos toda a zoologia. Berraram carneiros e cabritos, uivaram cães e lobos, miaram gatos e onças, coaxaram sapos e rãs, piaram pintos, nambus e macucos...

Peguei no chapéu e despedi-me atordoado.

Anos depois passei pela mesma cidade. O Casusa crescera, estava um rapazinho bonito, de dentes claros e cabelos bastos. Indaguei no hotel pela família dele, gente muito boa, em suma.

- Estão todos vivos, disse-me o criado, enquanto me servia a sopa. O Casusa agora arremeda perfeitamente o apito da estrada de ferro...

- Cruz credo! Exclamei.

- E há um segundo filho que repete todas as habilidades do primeiro, tão agradáveis e convidativas...

Escusado é dizer que passei meia légua distante de tal casa.

JOÃO CARRILHO.



ANO 1 – NUM.26    Cidade da Conceição, 11 de Setembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Volto de novo à *Guia dos Casados*, do desventurado D. Francisco Manoel, de quem contarei a história e triste vida, um dia. Tam-a-la-vez traria o tal assunto à baila, disse eu: no entanto, eis-me de novo com ele às voltas. O arcaico *raramente* com que abri a crônica passada durou apenas oito dias; mas também atendam os leitores que isto aqui é outra seção, embora nascida do mesmo sangue: a senhora crônica deu à luz a senhorita crônica.

Trata o fidalgo, no capítulo XX da sua útil e moralíssima obra dos “cachorrinhos e outros bichos”. Diz ele:

“Não sou de cachorrinhos enfeitados, que sempre têm nomes misteriosos. Já me sucedeu em uma igreja vir-me perguntar um pajem esbaforido se vira eu por ali o cuidado da sra. d. fulana, que andava perdido; e perguntando qual era o cuidado daquela senhora, que pudera bem ter outros, achei que era um cachorrinho daquele nome.”

Proíbe absolutamente a entrada de irracionais em casa. “Papagaios, saguins, são praças mortas, muito escusadas, e que as mais vezes induzem ligeireza.”

Nada de negrinho ou negrinha a quem se digam requebros; nada de enfeitadinhos graciosos, vilões simples (que às vezes, diz o gentilhomen, não são simples), vestidos de cores...

Não ha dúvida de que o afamado escritor tem razão quase que absoluta: cães e macacos em casa só servem para perverter as crianças.

Entretanto; continuemos a ler a capítulo XX. O seguinte trecho, que se refere ao mais poético dos pássaros, surge-nos a princípio como uma heresia:

“Ruysenhol de todo o ano, que canta de noite, e dizem que faz saudades, de que serve?”

Então até os pássaros, essas flores de asas, esses lírios da mais pura inocência, deverão ser banidos dos lares?

Isto é rigor demais, elegante D. Francisco Manoel, doce fidalgo que por amor de D. Mariana de Alencastre, terceira condessa de Villa Nova de Portimão, cruzaste a espada com el-rei D. João IV, às escuras, sem conhecê-lo, na própria entrada do palácio da fidalga adúltera...

No entanto, concluamos o trecho:

“De que servem saudades estando o marido em casa?”

O fidalgo não é, como se vê, contra o rouxinol. A tristeza amorosa, o pesar pungitivo do seu canto poderá desviar a alma da esposa do alvo para que deve sempre convergir: a imagem do esposo.

Sendo o sabiá o nosso rouxinol, é bom que se o deixe suspirar nas selvas e não nas gaiolas...

Vê-se, pois, até que ponto é moral e puro o livro, já bem esquecido, que tenho o prazer de apresentar aos meus mil e quinhentos leitores, que o não conheciam, talvez.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.27    Cidade da Conceição, 18 de Setembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
**ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO**  
**REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS**

**CRÔNICA**

Em Tóquio, dizem os telegramas, indescritível foi o entusiasmo do povo amarelo quando à capital do Japão chegaram os troféus conquistados aos eslavos nas batalhas sanguinolentas travadas ao derredor de Liao-Yang.

Os súditos do Tzar, mais uma vez vencidos por uma raça que o orgulho europeu sempre julgou inferior à sua (não diremos à nossa, porque entre nós há de tudo – japoneses, latinos, saxônios, malaios, africânderes, e africanos...) estarão a esta hora com os súditos do Mikado atravessados à gorja.

E para menos não é. Ignoro qual a palavra moscovita correspondente ao nosso lusitano *viva*, ao nosso tantas vezes secular *hip, hip, urrah!*, Ao nosso latino *salve*: mas imaginemos por instantes que a língua dos russos é a nossa, que os valentes cossacos derrotados falam o mavioso idioma de Camões, de Gonçalves Dias, de Cruz e Souza.

- Banzai! Banzai! Gritam os niponeses.

Ao ouvir tais vozes, o russo (que aqui é considerado português ou brasileiro, não na bravura ou feliz coragem, mas linguisticamente), estremece de ódio, de cólera nunca sentida.

- Banzai! banzai!, isto é: viva! salve! hip, hip, urrah! em linguagem.

Deixando de parte o júbilo público vai o russo (o russo é português, conjecturo), ao dicionário. Bluteau, Moraes, Aulete... Valha-lhe este, que os outros rareiam.

O seu ódio cresce, a sua fúria transpõe montes e vales, pacíficos oceanos e mares atlânticos: de um pinote salta os Montes Urais, abraça a Sibéria, pobre irmã sua, até hoje algemada e pensa, com certo pesar, na vinha d'alhos que o espera à noite ou no seu copo de leite.

- Banzai!

Banza não passa de uma viola reles, adjetivo este chulo que designa o que é plebeu, embora venha de uma bela (para nós) palavra árabe, - rehhalin. A exclamação dos japoneses é, por conseguinte, ofensiva. Banzado é o mesmo que espantado ou desapontado. Ficaram com

certeza os moscovitas extremamente sem graça com a derrota, o que é natural; e foi por isso que os asiáticos gritaram: banzai! Banzai!

Banzear é balouçar preguiçosamente: a gôndola banzeia berçada pelas ondas do lago... Como este verbo não está de acordo com o brado alegre e altivo dos filhos heroicos do extremo oriente, não há ofensa.

Banzo é a saudade cheia de amargura que pousa na alma dos africanos, se cativos se tornam, ou quando longe estão do sol adusto que os beija. Nostalgia de morte.

Banzos, que só no plural aparece, é substantivo referente à carpintaria; paus de escadas de mão onde os degraus se encaixam...

Inofensivo é, portanto o vocábulo admirativo dos súditos invencíveis do Mikado.

Já o russo, que fala nestas insignes colunas a nossa língua, se torna morigerado na raiva que o assoberba: banzai não é insulto, nem exclamação de vitória, pensa ele.

Corre de novo os olhos pelo dicionário e fica pálido e trêmulo, cheio da mais pavorosa vendeta que possa assaltar peitos não italianos.

- Banzai! Ruge o habitante dos gelos. Suprema afronta, injúria inesquecível! Querem os tais amarelos dizer que o famigerado e último combate de Laio-Yang não passou de um banzé de todos os diabos...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.28    Cidade da Conceição, 25 de Setembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Noticiam as folhas brasileiras, em sucintas palavras, que a municipalidade de Kansas (United- States) é só formada de senhoras. Não sei bem se é Kansas ou Ganças: seja uma ou outra coisa.

Se não fossem os tempos bicudos que correm, iria eu dar um giro até lá. Muito apreciáveis devem ser as sessões da câmara daquele mais que feliz município.

Primeiramente reinará o silêncio... Todo mundo sabe que o prazer maior do sexo feminino é falar o menos possível.

Havendo cinco mulheres reunidas é o mesmo que chegarmos ao dia do juízo tal é a tranquilidade que gozamos...

Assim, como eu disse, iria, se pudesse, até lá.

Plena sessão. A presidenta, postada gentilmente na sua cadeira de honra, depois de mirar as suas companheiras uma por uma, declara que a sessão se acha aberta, em vista de haver número legal.

Começa logo em seguida a... tratar dos interesses do município: examina a cara de uma vereadora, que toda se pintou de pó d'arroz, fixa os olhos no nariz de uma outra, que lhe parece grande como o Himalaia, procura ver se alguma das colegas tem dentes postiços ou cabelos a cair, esmerilha as rugas da que lhe está á direita, investiga o modo por que se assenta a que lhe fica à esquerda, esquadrinha a maneira que qualquer delas tem quando sorri, pesquisa o piscar d'olhos da menos visinha...

Enquanto a presidenta se ocupa com estes magnos assuntos, as suas companheiras fazem o mesmo.

- Ora! Diz cosigo lady Bier, que modo de pentear-se tem miss Ale! Nem parece pessoa da alta sociedade.

- Que falta de elegância se nota no todo de lady Bier! Murmura por sua vez miss Ale.

Os mexericos continuam ininterruptamente. Cada uma concerta o mais possível o vestido, os punhos, as mangas.

Está na ordem do dia as saias em forma de sino.

- Vestimenta mais própria para os sacristães, sussurra maliciosamente lady Bass. Miss Bock prefere tratar dos decotes, dos amplos casacos cheios de fitas e rendas.

Variam as opiniões. Ninguém se entende.

Uma diz que não tem culpa alguma haver-lhe o tempo crestado as rosas, outrora florescentes, da face; outra que o fulgor dos seus olhos foi *in illo tempore* comparado ao brilho estelar dos mais belos astros; outra que pétalas de lírio e rosa formaram a sua mais que mimosa epiderme...

- Fui muitas vezes comparada a Vênus, surgindo das espumas...

- de um copo de cerveja, conclui a vereadora visinha.

- Os mais exigentes poetas vieram beber inspirações ultrarromânticas nos meus olhos...

- Antes fossem beber uísque numa taberna, murmura a colega que está mais perto.

Assim continuam, sempre dizendo umas das outras o que o diabo não diz de qualquer outro diabo que o carregue.

Com o calor das discussões incendeiam-se as faces, fuzilam os olhos em ira coruscante, as matronas estremecem farfalhantemente sobre as adiposidades em que se baseiam, o charivari é completo...

- Silêncio! grita a presidenta, tangendo os tímpanos.

- Olha o diabo da velha! gritam as camaristas, arrastado as cadeiras e encerrando a sessão.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.29    Cidade da Conceição, 2 de Outubro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Comido o meu motreco de pão, de conserva com algumas fatias de condensado queijo, passei a ponta da rósea unha que exorna o meu polegar, pela amplidão senegalesca da extensa calva que outrora me entristecia, mas que hoje, depois de velho, me é doce como um espelho em que deidades se mirem, - e pensei na irremediável tristeza da vida.

Que figura faz na terra um homem sem ilusões?

Vindo-me ao pensamento esta pergunta, todo o meu rosto se envolveu na mais escura melancolia que tem baixado a este mundo: para disfarçar, presentindo as lágrimas quase que a descer torrencialmente, tomei uma pitada, procurei o meu alcobaça e chamei pela meninada que toda me rodeou.

Fui à burra, de lá arranquei uns níqueis e fiz a devida divisão. Como um bando de pássaros, as crianças voaram, alegres, hílares; passado aquele instante de riso, de novo aprofundei-me em pensamentos tristes.

Ah! Sim. Que eterno desconsolo esta luta diária pela existência, esta enorme e universal miséria de viver entre enganos, este tedioso e ininterrupto (só a morte o interrompe, e com que demora!) perpassar de dias vagarosos, mornos, impossíveis, tão semelhantes uns aos outros, na infelicidade, no desânimo, no inevitável abandono em que vivemos.

A ventura é uma sombra mentirosa. Impalpável como todas as sombras, intangível como o éter, desfaz-se rápida ao primeiro desengano. Quem pensar que a possui um dia, e ilude-se. Ela é como o olhar que nos deita uma mulher bonita: vem célere esvai-se como fumo.

Todos somos desgraçados, porque, na verdade, a desgraça é a rainha onipotente que nos domina: afivelamos, é certo, uma máscara ao rosto para que os outros nos julguem felizes; mas quanto nos custa trazê-la! Somos como aquele rei indiano que, tendo o rosto envelhecido, mandou fazer uma máscara de ouro, que reproduzia suas antigas feições. No trono, brilhava o seu semblante mais que o sol; no leito, as suas amantes, entristecidas, banhavam-se em pranto.

Todos trazemos, presa ao nosso rosto, uma máscara semelhante.

Quantas vezes somos obrigados a rir, a parecer alegres, quando o horrível nó do desespero nos constringe a garganta desapidadamente; vem-nos tantas vezes o sorriso às faces ao mesmo tempo que as lágrimas nos brotam dos olhos, fonte castália de todos os pesares...

A terrível incerteza que nos cerca, a dúvida lancinante em que vivemos, desconfiados de tudo e de todos, é a única realidade da vida.

Estava eu engolfado nestes pensamentos lúgubres, verdadeiro bando de corvos a grasnar ao redor de mim, quando ouvi uma voz amiga.

Eras tu, doce criatura, lenitivo único da minha vida! Tinhas como sempre o rosto imaculadamente triste, mas de uma tristeza angélica, contrastando suavemente com a mágoa satânica do meu desconsolado semblante...

Conversaste sobre flores e sobre aves. Amavas o crisântemo de ouro, a tulipa cor do céu, o lótus ensanguentado do Eufrates; possuir um rouxinol, um ruiseñol, era o teu mais dourado sonho...

Alegrei-me de novo por instantes, e mirei-te, minha filha, como o suavíssimo S. Vicente de Paulo devia mirar as criancinhas.

E como se fizesse tarde, aproveitando a bem-aventurança que me viera da inconcebível inocência dos teus olhos, enfiei na cabeça, pois que temo os defluxos impertinentes, a carapuça de lã, até as orelhas, e caminhei vagarosamente para o leito, com o castiçal na mão e a alma tão tranquila que eu julgava levá-la dentro do bolso do meu amplo camisolão noturno...

JOÃO CARRILHO.



ANO 1 – NUM.30    Cidade da Conceição, 9 de Outubro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Confesso hoje ao público onipotente que estava totalmente na mais terrível e absoluta falta de assunto que haja martirizado um cronista. Fiquei seriamente mazorro e incomunicável, temi que a minha veia crônica se achasse exaurida, e que eu, em vez de fazer correr pela imaculabilidade das tiras do almaço os batalhões do meu cursivo de ex-amanuense, fosse obrigado a dedicar-me à indústrias mineiras: fazer queijos ou vender porcos pelo queixo...

Pensei em seguida, ao escrever a palavra queixo nas eternas queixas do povo, e lembrei-me de um tio já falecido que inventara para gaudio próprio este horrível jogo de palavras, quando se tratava da fome pública:

“Quem tem queixo, queixa...”

Depois de ter repetido tão assustador calembour, só me faltava subir a mais alta pirâmide do Egito, e lá esperar tranquilamente, de acordo com mestre Flammarion, o fim do mundo. Eram só dois mil anos de espera, coisa insignificante para quem, como eu, tem certeza de ouvir ainda vivo a tonitruante trombeta do vale de Josafat.

Outros horrores passaram pela minha alma vertiginosamente: a tomada de Tróia, o terremoto de Ulissipo, as erupções do Vesúvio, e... as próximas eleições.

De repente, passando os olhos pelos jornais que tinha sobre a mesa, alegrei-me com exorbitância, e fiquei mais ou menos reconcentrado como quem vai realizar o intento que o afligia.

Mais uma vez os estupendos Estados Unidos da Norte América vinham em meu auxílio: a notícia que acabara de ler no *Jornal do Comércio*, não deixava de ser assaz curiosa e dava campo largo para as más línguas se expandirem.

Todo o mundo sabe que nada que nos vem de lá nos põe admirados: tudo é o mais natural possível, e desde que tal coisa em terras de Tio Sam aconteça, ficamos nós um pouco boquiabertos, mas não de todo idiotizados...

É o caso que em Salem, no Estado de Wisconsin, houve um congresso de solteironas, a fim de protestar contra as propensões anti-matrimoniais dos moços de lá.

O salão estava repleto. Havia uma miss de setenta anos, a presidir a reunião. Era a mais enérgica e furiosa. Depois de ter colhido tantas violetas no prado da existência, via-se sem a menor esperança de achar casamento.

Odiava os celibatários, e tinha vontade de esganar um que orçava atualmente pelos oitenta: estava careca como uma bola de bilhar, feio como um chimpanzé, e vivia, no entanto a namorá-la, sem decidir coisa alguma...

Propôs e justificou uma indicação para que se reclamasse dos poderes públicos a decretação de uma taxa anual de 200 dólares (cerca de 800\$000 rs.) para todos os celibatários, que, além disso, perderiam os direitos civis e políticos até casarem.

Uma verdadeira revoada de palmas coroou as últimas palavras da jovem senhorita: foi abraçada por todas as donzelas presentes, tendo no ato perdido os óculos e uma ou duas pitadas de ótimo pó.

Finda a extraordinária manifestação de apreço congratulatório, reinou por dois ou três minutos silêncio absoluto: os celibatários que, na verdade, são os homens mais egoístas do mundo, passando pela vida na mais religiosa autolatéria, padeceram a valer.

Logo outra senhorita de idade menos venerável (65 anos apenas) pediu a palavra, e objetou: mas com estas tão rigorosas medidas os mocos todos se mudam para os outros Estados, e nós ficamos a ver navios...

A reflexão da preopinante foi mesmo um balde de água fria na fervura.

Uma não houve que não abaixasse o semblante, onde as rugas, tristes lírios da velhice, se encruzavam tortuosamente.

- Pois então, disse a presidenta, fazendo passar pela sua voz, tremulamente, todo o desconsolo dos seus setenta outonos, – esperemos!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.31    Cidade da Conceição, 16 de Outubro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

O martirologico está cheio das mais espantosas abnegações pela fé cristã. Os mártires, como que dominados pela anestesia do êxtase, recebiam, sorrindo, com os olhos candidamente fixos no miraculoso azul do céu, os mais espantosos suplícios.

Arrancavam-se-lhes os olhos, as unhas, os dentes; deslocavam-se-lhes os membros, e tenazes de ferro em brasa distendiam, até arreventá-los, os seus nervos doloridos: nada disso fazia com esses admiráveis cristãos dos ardentes séculos de fé e amor a Jesus, soltasse o menor gemido, desse o mínimo gemido demonstrativo do nunca sonhado martírio que os ciliciava desapiedadamente.

O suplício da roda, horrível, inumano, era um consolo para eles: tantas santas, estendidas, deitadas receberam a medonha morte que as aguardava como se estivessem em leitos de rosas e lírios, entre almofadas de tulipas e crisântemos. E a cruz, a Cruz que o Corpo d' Ele santificara, era a maior esperança dos mártires, era o desejo inominado da maior parte deles.

Mas entre todos os sacrificados, entre essas vítimas da fé supliciadas pelo paganismo (vem a pelo dizer que séculos depois a Igreja instituindo a Inquisição, procedeu da mesma forma com milhares de inocentes, - o que mais uma vez prova que todo o mundo gosta de seguir os maus exemplos), entre todos os sacrificados pelos imperadores romanos, quatro há dignos da mais fervorosa, da mais extraordinária admiração.

Abro aqui um parêntese para que os meus leitores não caiam das nuvens abruptamente, e deixem tombar os óculos com o choque por que vão passar; ou quebram os respeitáveis narizes... E também para que as minhas gentis leitoras (pois sei que toda moça gentil me lê com toda a cortesia e simpática atenção que aos cronistas são devidas), não passem por algum fla (...) Reinava o imperador Deocleciano, um dos mais ferozes e famigerados perseguidores do cristianismo. Mandou que à sua Imperial presença viessem Os Quatros Santos, que eram irmãos e se amavam de uma amizade que já entre irmãos não existe.

- Que abjurassem as heresias do rabi Jesus de Galileia, disse-lhes.

Como resposta os Santos volveram para o céu os olhos, pondo as mãos em cruz. Seguiu-se o pavoroso silêncio que precede aos grandes suplícios.

Deocleciano mandou então que trouxessem um ídolo para que os Santos o adorassem de joelhos, ali, diante de si e da sua corte, diante da fina flor do paganismo. Duas escravas gregas, esplendidamente vestidas... ao natural, quase, trouxeram a estátua exigida. Era a figura de Esculápio, o deus da medicina.

Contendo uma gargalhada homérica, os Quatro Santos entre olharam-se, e ao mesmo tempo viraram as costas para o divino Esculápio.

E como os Santos não quiseram adorá-lo, foram condenados a morrer açoitados. Cumriu-se a ordem. A Igreja festeja-os a 8 de novembro.

Como os tempos mudam!

Hoje qualquer Esculapio vulgar tem a adoração dos povos; o que mais me admira é que o ídolo antigamente era de bronze ou mármore, e que atualmente é... po(...)Ada.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.32    Cidade da Conceição, 23 de Outubro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Tath-ching-kouan, o celeste império amarelo dos chineses, ou simplesmente a China, como nós os bárbaros nos exprimimos, é talvez o país mais original do globo terráqueo.

Mais rotineiros que os nossos fabricantes de queijos, os chineses acham-se em estado de civilização relativamente atrasada: tendo esse povo descoberto, antes do europeu, a bússola, a pólvora, a imprensa, ainda agora não essas descobertas imperfeitas por lá.

Riquíssima, porém, é a literatura dos crentes de Koung-Fou-Tse, compondo-se de milhares de obras, escritas na mais difícil língua do universo: cem mil caracteres tem a escritura do povo de olhos talhados à feição de amêndoa, como disse o poeta. São espécies dos nossos algarismos, representando não os sons, mas as ideias.

Assim, raro é o chinês que conhece toda esta aluvião de sinais gráficos.

Entre todos os países do mundo, é lá onde se cultiva o *savoir-vivre*, a cortesia, o cavalheirismo, em mais alto grau.

Dois chineses que se encontram, desfazem-se nos mais cerimoniais rapapés que têm aparecido no mundo: faz o primeiro uma circunstanciada cortesia, que o outro reproduz com mais ênfase ainda. Segue-se outra cortesia, retribuída da mesma forma e são elas reproduzidas até o numero de cinco. Na quinta, os dois gentlemen se aproximam um de outro, e pegam com o index e o polegar nas pontas dos recíprocos narizes: é este aperto nasal o sinal de despedida.

Se acontece um deles olhar para traz, ao mesmo tempo que o outro olha, é de rigor uma grande cortesia mútua, em arco de pipa; do contrário passariam dois celestiais cavalheiros pelos mais malcriados filhos da terra.

Como vêm, é um costume excelente, principalmente para quem vai com pressa, ou tem de chegar à hora fixa em qualquer lugar: na repartição, por exemplo, no ameno prado de uma entrevista amorosa, ainda mais por exemplo.

Mas é incrível a que ponto chega a delicadeza dos chins. Ninguém pode concordar com um elogio que à queima roupa receba. - És um varão probo e sisudo, honesto e trabalhador, inteligente e sensato, diz-nos um filho do celeste império. É engano teu, prudentíssimo senhor; sou desonesto, alegre, sem senso, vagabundo e burro como uma coudelaria em peso, manda a boa educação que se responda.

Cá entre nós, quando muito, murmura-se um “são bondades do senhor”, muito manhoso e túbio, como quem está de pleno acordo com todo aquele pomposo elogio.

Da mesma forma, é de regra não se receber elogios feitos a qualquer pessoa da família sem que se responda ao reverso do que se ouve.

- Como vai a útil saúde de vossa celestial esposa, desse lírio perfumado pelas auras do céu, doce crisântemo que floresce e brilha como as estrelas do azul, estrela suavíssima que cintila como as flores douradas das vestes de um mandarim, primor e maravilha da criação?

- Qual! Responde o outro, o diabo da velha está feia como a necessidade, amarela como um cidrão, morrinhenta como um canteiro de alhos e cebolas; estou aflito que o estupor estique as canelas...

É este, segundo afirmam conspícuos jornais, o requinte da delicadeza na China.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.33    Cidade da Conceição, 30 de Outubro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Nímio e superabundante no entusiasmo patriótico de exercer as minhas funções cívicas, hei de levar o meu devotíssimo voto à boca da urna.

Completamente escovada se acha a minha ancestral sobrecasaca, de grandes abas farfalhantes, um pouco esverdeada pela ação calamitosa do tempo ingrato; as minhas calças pardas (parece que nesse dia é esta a cor de rigor) estão passadas a ferro, lustrosas e corretíssimas, sem uma ruga, sem o sinal de uma dobra.

Como um abade em plena florescência, na prosperidade dos bons tempos do abadágio, levarei na destra o báculo abacial que me livra de escorregadelas imprevistas e na esquerda a cédula independente.

Graças ao progresso e aos passos que na senda do mesmo não cansa a humanidade de dar, sempre avante, sempre em escala ascendente, já se não efetuam as eleições nos impróprios lugares dos tempos idos, quando a religião se achava de tal modo unida ao estado, que até o direito do voto era exercido nas matrizes, com grande desrespeito aos santos e santas.

Naqueles ominosos tempos, ultra excessiva era a fúria partidária: os partidos beligerantes eram verdadeiras alas guerreiras, mais ferozes que os russos e os nipões.

Os conservadores e os liberais, ou (como na gíria eram chamados) os cascudos e os chimangos, odiavam-se profundamente. Não havia amizade entre famílias de diferente credo político.

Rosita, por exemplo, era uma bela menina de olhos celestiais e de cabelos em canutilhos de ouro; sorrindo, espalhava pelo chão pérolas de Ophir e rosas de Itatia. O seu pai, ginja honrado e circunspecto negociante de secos e molhados, passava por um dos mais fortes baluartes do partido conservador, tinha o retrato do grande estadista Cotegipe na sala de honra e pusera na cozinha toda a gloriosa galeria liberal.

Indo, ilustra missa, fora insistentemente fixada por um impertinente par de lunetas: olhou para o portador das ditas e viu que era um mancebo romanticamente fatal, de esparsas melenas desgrenhadas e palidez trovadoresca.

Encetou-se o lírico namoro dos vinte anos, e uma tarde, de cartola e fraque, foi um amigo do namorado pedir oficialmente a mão de Rosita.

- Sr. Sinfães, estou encarregado por parte do meu amigo Macário Barbosa, que deseja casar-se com d. Rosita, de...

- A que credo político pertence o Macário? Rosna o sr. Sinfães, pitadeando estrondosamente.

- Ah! Como sabe, tão moço ainda, começa ele a representar brilhante papel nas fileiras liberais...

- Pois está dispensado. Raça de chimango não entra na minha família...

Assim acontecia quase sempre.

Para que reinasse paz, eram feitas as eleições nas matrizes: no entanto, de nada valia isto, pois que o charivari eleitoral não tinha consideração alguma pelas imponentes imagens.

Os santos, alheios às fraudes, pouco se importavam com o enxamear de capangas e meirinhos politicões: olhavam para o teto da igreja, muito sérios e compungidos, e não davam fé do que ao redor dos seus olhos se passava.

Tudo hoje está para melhor, dizem uns, para pior, murmuram outros; nem bem nem mal, é o certo, mas suportável, contudo.

Surgem mentiras e calúnias como espirais de névoa em tempo de frio, no alto dos montes; no fim, porém, dará certo, e não há de ser nada, espero.

- Às urnas! Clangorosamente berrarei aos eleitores; e como bem avisado andou o governo escolhendo o dia do todos os santos para as próximas eleições, que cada um vote no santo da sua devoção, que votarei no meu...

JOÃO CARRILHO.



ANO 1 – NUM.34    Cidade da Conceição, 6 de Novembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Este malfadado dia de todos os santos quase que foi para mim o dia de todos os diabos. Olhei, mirei e contemplei as carantonhas e caraças dos chefes da grei manhosa: todos estes, severos e mais que imponentes, fizeram com que as minhas pernas se agitassem tremulamente. Carões de poucos amigos, em suma.

Sou tímido por natureza, e quando fito certos semblantes, sinto-me extraordinariamente alvoroçado; poucas almas se correspondem com a minha, poucos olhos podem refletir-se nos meus.

Encostado a um canto, como que alheio a sussurrar incessante do avultado grupo de eleitores, pude observá-los comodamente.

Correra a noticia de rolos e mais rolos, grossa pancadaria, navalhas e facas a luzir no ar como se fossem raios de sol, grandes revoltas de energúmenos politicões estomagados.

Ao primeiro lance de vista vi que tudo correria na forma do louvável costume.

Variadíssima era a coleção eleitoral. Eleitores para todos os gostos. Um bazar. Uns tristes como a própria tristeza, uns jovens como a mocidade, outros mais velhos que a velhice...

Animava-os um forte entusiasmo patriótico, mas todos pareciam muito em desacordo com os boatos de sanguinárias lutas e porfiadas batalhas. Cifraram-se estas apenas em escamoteações inocentes. Uma maravilha.

Um após outro, ia o livre cidadão levar a sua célula à boca da urna, que a tragava e engolia naturalmente. Houve eleitores tão livres que receberam a chapa ali à vista de todos, levando mais de um mal quarto de hora a lançar no livro próprio as letras respeitáveis dos respectivos nomes.

Felizmente, para honra do partido dominante e que dominará até o fim deste ano da graça, ou chapeados eram recrutas das hostes contrárias.

Estava eu embebido nestas observações, quando ouvi a chamada do meu nome. Uma centena de outros me tinham antecedido; para dar-me certos ares de importância esperei que repetissem a chamada.

Segui enfaticamente, depois de sacudir as empoadas abas da minha sobrecasaca e de alisar os fios do meu antiquíssimo bigode. Convicto como ia da importância da minha função, senti que todos convergiam os olhares para mim.

Num rápido momento passou-me pela ideia um pensamento aterrador: rebentará a terrível desordem no instante preciso de cumprir este criado de vossas senhorias o seu dever incontestável?

Outro nome soou vagarosamente. Voltei para o meu canto e pus-me a observar de novo a monótona sequência de eleitores que iam pacificamente e que voltavam com a maior paz possível.

As minhas apreensões de luta sumiram-se totalmente; esqueci que o dia de amanhã era o trágico dia de finados, e vi que tudo corria bem para aqueles que tentavam senhorear-se das priscas rédeas do poder.

E afinal, depois de tantas bravatas, de tamanha ostentação de grupos que entravam na cidade como se fossem levas de trabalhadores que iam para a mata, tudo terminou pacatamente.

Entre os mortos e feridos, todos escaparam, inclusive quem assina mais uma vez esta crônica.

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.35    Cidade da Conceição, 13 de Novembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Extraordinariamente patriótica é a frase, segundo uns, ou a palavra, segundo outros, com que Cambrone respondeu à intimação inglesa na célebre batalha de Waterloo.

E ainda mesmo assim há duvida se foi o general Cambrone, ou o coronel Michel, quem a pronunciou, - frase ou palavra.

Era no final da sanguinolenta batalha. Últimos despojos da velha guarda francesa, restavam punhados esparsos de valentes, perdidos e misturados pelo vale. Um general brada, admirado por tanto valor: Rendei-vos, franceses! O general francês responde: A guarda morre, mas não se rende!

- É isto o que nos conta Thiers, o grande historiador do consulado e império napoleônicos. Mas Victor Hugo, na sublime epopeia dos *Miseráveis*, não põe em dúvida alguma que se trata apenas de uma palavra, enérgica o irrespondível, e não de uma frase.

E esta palavra foi que caiu no domínio público. A frase, por mais histórica que seja, ficou ignorada do vulgo.

Traduzamos para aqui o grande épico:

“Quando esta legião não foi mais que um punhado, quando a sua bandeira não foi mais que um trapo, quando as suas espingardas sem balas não foram mais que bastões, quando o monte de cadáveres foi maior que o grupo dos vivos, houve entre os vencedores uma espécie de terror sagrado ao redor desses moribundos sublimes, e a artilharia inglesa, tomando folego, fez silêncio. Foi uma espécie de moratória. Os combatentes tinham ao redor de si, como um formigamento de espectros, silhuetas de homens a cavalo, o perfil negro dos canhões, o céu branco entrevisto através das rodas e das carretas; a colossal caveira que os heróis veem sempre na fumaça dos canhoncios, no fundo das batalhas, avançava para eles e os olhava fixamente. Puderam perceber na sombra crepuscular que de novo se carregavam as peças de artilharia; as mechas incendiadas, iguais a olhos de tigre em meio da noite, fizeram um círculo ao redor das

suas cabeças; todos os artilheiros que brandiam as mechas das baterias inglesas aproximaram-se dos canhões, e então comovido, tendo o minuto supremo suspenso dos lábios sobre as cabeças desses homens, um general inglês, Colville, segundo uns, Maitland, segundo outros, exclamou-lhes: “Rendei-vos, bravos franceses!” Cambrone respondeu: “.....!”

Devendo o leitor francês ser respeitado, a mais bela palavra que tem talvez saído dos lábios de um francês, não lhe pode ser repetida.

Até aí o imortal Hugo.

À palavra de Cambrone, o general inglês bradou: “Fogo!” E o punhado de bravos foi varrido pela metralha inglesa.

Com o correr do tempo “a bela palavra”, que só bela se tornou pela ocasião sublime em que foi exclamada, continuou a ser repetida menos belamente...

Logo depois que se publicou o célebre livro de Hugo, houve um processo verbal, movido por Cuvillier-Fleury, redator dos *Debates*, para se averiguar a verdade histórica: Frase ou palavra? Quem era o autor da exclamação?

O conde Michel, filho do coronel companheiro de Cambrone, apareceu em público. Provou, com depoimento de um soldado escapo por milagre à mortandade, um tal Delean, que a frase tinha sido bradada durante o fogo, por três vezes, pelo seu pai.

Quanto à palavra, a glória de havê-la exclamado pertence à Cambrone, parece.

Mas com certeza o conde Michel deve ter vivido pesaroso por não ter podido gravar no seu escudo a palavra que o maior poeta moderno francês declarou ter sido “le plus beau mot peut-être qu’un Français nit jamais dit...”

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.36    Cidade da Conceição, 20 de Novembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

As feiticeiras foram, de conserva com os pastores e os carrascos (ótimos veterinários eram estes últimos e peritos em restabelecer em seus lugares os ossos deslocados), os únicos médicos durante a idade media.

Paracelso, o iluminado doutor da Renascença, aquele que primeiro escreveu (e genialmente) sobre as doenças das mulheres, confessa ter queimado todos os livros eruditos da antiga medicina, latinos, judaicos, árabes: tudo quanto ele aprendeu, tudo que ele sabia viera da medicina popular, da ciência observadora dos zagais, da inteligência superiora das bruxas, da prática horrível dos algozes nos suplícios infligidos às vítimas.

As feiticeiras, então, dominavam como rainhas absolutas os conhecimentos médicos daqueles priscos e nebulosos tempos: por toda a parte eram elas as parteiras respeitadas, as únicas pessoas capazes de levar auxílio às parturientes em perigo de vida.

Da sua medicina, diz Michelet, o que melhor sabemos é que elas empregavam, ou como estimulante, ou como calmante, uma grande família de plantas, equívocas, muito perigosas, que prestavam os maiores serviços. Eram as solâneas,-as consoladoras.

“Família de tal forma numerosa que um só dos seus gêneros contém oitocentas espécies...”.

E, no entanto, as mães da medicina começaram a ensaiar, ao acaso, audazmente, as terríveis plantas, onde há de tudo, desde o mais inofensivo calmante até o mais terrível veneno.

E no meio das caligens densas, das trevas impenetráveis que envolviam calamitosas eras, a bem fazeja feiticeira aparecia, não como o vulto benemérito de um anjo que espalhava às mancheias curas milagrosas, mas como a amante sinistra de Satã, a receber deste os segredos misteriosos dos filtros que dão força, dos encantamentos que transformam em lírios os seios cancerados e em rosas purpurinas os lábios abertos em chagas...

Surge a beladona, o veneno horrível que dá vida, nectário e misterioso; como o clorofórmio, tantos séculos depois empregado, ela adormecia as mães em dores de parto, e a criança nascia precipitadamente.

Às mãos das feiticeiras, as dores dormitavam: elas tinham o amor que nos suaviza, o esquecimento que nos embala preguiçosamente, a paixão que nos estimula em doces magnetismos sagrados...

E tudo vinha dos poderes mágicos, passavam bruxas apegadas ao braço dominador dos nigromantes, fadas que se vestiam de farrapos de céu, com os olhos muito claros e serenos, cansados de receberem a luz das estrelas presagas, feiticeiras velhas e trôpegas, encarquilhadas e estupendamente feias, com os curvos narizes a bicar a ponta dos ossudos queixos, duendes fatais que alucinavam as crenças e vampiros sanguisedentos que empalideciam as virgens...

E o diabo e a medicina andavam nisso tudo.

Assim, dada a correlação entre a feitiçaria e a medicina, sendo esta a filha daquela, não me admiro absolutamente das cenas que se deram por ocasião das eleições.

Veio um latagão sisudo e espalhou a *mandraca* na cidade: com quatro sinais benzeu-a, levando a mão aos quatro pontos cardeais... Os próprios santos não ficaram sossegados nos seus nichos: foram rogados, por eles suspiraram.

As promessas confundiram-se com as artes do tinhoso; e eu, com medo de ficar enfeitiçado, o que equivale a declarar-me diabolicamente danado, corri ao meu manual de bênçãos, e encontrei aquela que a página 299 S'. Quitéria aconselha a quem está ou temo chegar a tão horroroso estado.

E em voz grossa, psalmodiei:

“... a rabie diabólica, libera-me!”

JOÃO CARRILLO.

ANO 1 – NUM.37    Cidade da Conceição, 27 de Novembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

Teósofo, ocultistas, magos e cabalistas, almas que andais errantes e tristes pelos vergéis fantásticos do mistério, espíritos sedentos do ideal e de ciência, corpos astrais que translucidamente sonambulais pelo éter sublime, guiados por Éliphas Lévi, amparados por Fabre d'Olivet, podeis limpar as mãos às paredes, e cobrir os rostos pálidos com elas, pois que nunca vistos prodígios se deram no canto do mundo onde os segredos da bruxaria vieram envolver, entre véus de sigilo e evocações pagãs, a grande e estupenda farsa das tricas eleitorais.

Não estamos de certo diante das cenas da magia puríssima, não contemplamos os fenômenos astrológicos dos evocadores dos mortos, não nos cerca o fluido que do médium se desprende e se combina com nosso próprio fluido, os elementos de Allan Kardec, os seres intangíveis e imateriais do espiritismo não se erguem ante os nossos olhos medrosos, nem os terríveis espíritos caceteiros nos desancam com sovas magistras de marmeleiro de pau mulato...

Não! A coisa não se envolve em aparatos tão trágicos, as cenas não se sucedem tão misteriosamente aterradoras, mas, com o ter o sal ático de uma pilheria, não deixa tudo quanto se deu em certa localidade muito nossa conhecida de ser pavorosamente prenhe de sacrilégio e necromância...

A arte esquecida dos feiticeiros resurgiu brilhantemente, e os atos que se praticaram nos tempos medievos, com mais pujança apareceram, amaldiçoados por certo pelos manes de Bodin e do Del Rio...

Desde o dia em que St.<sup>a</sup> Helena, mãe de Constantino convertida como eu filho ao cristianismo pela aparição no céu da legenda sagrada « *In hoc signo vinces* », que desde então brilhou, como brilham as estrelas e as cruzes, no *labarum romane*, - desde o dia em que a Santa Patrícia fez a descoberta da Cruz do Redentor, tem sido ela incomodada por diversas vezes para fazer outras descobertas...

Colombo, depois de descobrir a America, sossegou: Santa Helena, depois de descobrir a Cruz, padece desassossegadamente...

Deu-se na tal localidade a representação do célebre responso, por outras intitulado o sonho de Santa Helena.

Um tipo já meio dos de barbas de lona e perua fina, com ares de teitieirol, contou-me que o fato era verídico: houve quem evocasse a Santa, à meia noite, envolto o corpo num sudário branco, dolentemente estendidas as formas femininas, numa grande abstração de espírito...

E Santa Helena apareceu e disse quem teria a vitória nas eleições... Pobre imperatriz! Repudiada pelo teu marido, longe do teu filho até o dia em que Jesus veio ao encontro dele e ao teu, só te faltava isto...

Mas sorte pior estava reservada ao doce e caridoso Sto Antônio de Pádua. Para que os eleitores não tivessem a tentação de virar à última hora as suas respectivas, casacas políticas lembrou-se alguém de infringir ao Sto um suplicio que comumente só aos leitões se infringe: para o almoço dos eleitores foi preparada uma panelada enorme, e na hora em que esta fervia, atiraram o Sto no meio dos legumes, com toda a sem-cerimônia.

O Santo remexeu e pulou, no meio do fervedouro, até que pode atirar do lado de fora da panela o Menino que carregava...

Estava feita a mandraca.

JOÃO CARRILHO.



ANO 1 – NUM.38    Cidade da Conceição, 4 de Dezembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO  
REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

**CRÔNICA**

O ritual católico obedece a regras imutáveis, a uma série ininterrupta de cerimônias consagradas que tornam o culto solenemente belo.

Daí a sua grandiosidade, amparada pela mais suntuosa liturgia que tem aparecido sobre a terra.

E a liturgia unida ao simbolismo, que é a essência mesma da religião romana, faz com que as almas humildes se realcem ao céu, obriga as almas orgulhosas a baixarem à terra.

Todas as cerimônias do culto, na admirável sequência de símbolos, enchem de luz os espíritos crentes.

No entanto, em meio de tanta magnificência, surgem dúvidas e perguntas que até aos profanos parecem inúteis...

É relativa à missa a última que lemos no órgão diocesano. Todos sabem o que é a missa, o ofício divino com que a igreja comemora o sacrifício de Jesus pelos homens. Nos manuais de piedade vêm estampadas, com a sua explicação simbólica, os mistérios desse ato.

O sacerdote é a figura de Cristo; a sua coroa é a coroa de espinhos; o amicto, o pano quadrado que ele põe sob a alva, é o véu com que vendaram os soldados os olhos do Senhor; a alva é a veste branca com que Herodes o envolveu, por escárnio: e o manipulo, que é o cordel com que foram atadas as suas mãos, e a estola, que é a corda que lançaram sobre o seu pescoço, e a casula que é a túnica de que o despiram, e tudo mais, - cruz, corporais, cálice, patena e hóstia,- significa um dos episódios da vida do Redentor.

A alma humana segue, ouvindo uma missa e prestando toda a atenção ao acólito que representa o povo, todos os passos dessa Vida que foi tão breve, mas que há de durar por toda a eternidade.

No entanto, como disse, vem de vez em vez uma pergunta que serve simplesmente para interromper o êxtase de um bom cristão.

«Havendo igrejas em que fica a sacristia por trás do altar, qual o lado por onde deve entrar o celebrante, e por qual deve sair, acabada a missa? »

Simples questão litúrgica que bem podia ser resolvida assim, à maneira dos contos da carochinha: que o padre entre por uma porta e saia por outra...

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.39    Cidade da Conceição, 11 de Dezembro de 1904.    MINAS-BRASIL

**CONCEIÇÃO DO SERRO**  
**ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO**  
**REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS**

**CRÔNICA**

Que o feiticeiro recebe do seu mestre o dom da fascinação, di-lo qualquer livro que trate do satanismo ou da magia.

O mestre do feiticeiro é aquele ser para muitos supremo que nos inspira e nos põe invictamente orgulhosos da nossa condição transitória. É ele quem nos insufla os maus pensamentos, as vinganças mesquinhas, as tristezas que julgamos alegrias, as lágrimas que queimam mas que nos suavizam, tudo que nos martiriza ocultamente, que nos oprime o peito mas que o reconforta, cingindo a nossa alma dentro de um círculo vicioso, cheio de horizontes que jamais a nossa vista alcança...

O mestre do feiticeiro é o diabo. Muitos rirão ao ler este nome aqui escrito com todas as suas 5 letras fatais. E mais letras teria, e mais fatal seria ainda, se em latim escrevêssemos a maravilhosa e aterradora palavra...

O diabo é a duvida, a revolta, o desespero: em nada crê, desde que se julgou rival do seu criador; a nada obedecerá, desde que arrojado à terra, tenta lutar ainda com aquele que o atirou por sobre o lodo do mundo; nada espera, porque a desesperança é o seu destino.

O feiticeiro, criado á imagem de Satã, tornou-se como ele inflexível e impassível: pelo mesmerismo dominará os fracos, trará as correntes magnéticas dos seus olhares às almas dos simples, dos bons, dos velhos, das mulheres.

Diziam os inquisidores que só três lágrimas podia ele deitar pelo olho direito: o dom das lágrimas, como diz a Igreja, desprezou-o. Vedou-lhe Deus o consolo suavíssimo de chorar.

Ele é (Jules Bois declara admiravelmente) o primeiro, o mais sincero, o único anarquista.

Como é natural, quando, surge pelas roças um desses adeptos inconscientes do satanismo, começa a catequizar os espíritos mais fracos: das mulheres lhe vem toda a força indomável, todo o poder que parece feito de poeira, mas que se cristaliza perduravelmente, inabalável como rochas.

Por um absurdo singular, sempre o feiticeiro tem a seu lado um ente da religião: o representante de Deus aperta nos braços aquele que personifica o anjo decaído, o luciferino arcanjo em eterna revolta.

O sagrado companheiro do feiticeiro é sempre um monge que atirou de lado todas as virtudes e todas as máximas do evangelho. Só a veste talar o distingue dos outros réprobos.

Essa dualidade forma uma personalidade terrível e única; poucos poderão vencê-la...

E em política então, herói será aquele que esmagar a dupla cabeça dessa hidra!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.40 Cidade da Conceição, 18 de Dezembro de 1904. MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

### CRÔNICA

Está o ano a expirar numa agonia lenta de moribundo que se vai desta horrível vida humana com o mais inconsolável pesar, com a mais aprofundada mágoa...

Ele, pobre ano! Há de mirar, como qualquer mísero mortal, no final da inevitável partida, os meses tão fugazes que viveu, uns coroados de esperanças outros envoltos em lutuoso véus de crepe.

Há de surgir-lhe diante dos olhos o chuvoso janeiro tão triste, cortado apenas pelo riso do veranico, maio com suas loas a Maria, junho com o seu frio que faz S. João tiritar, agosto avermelhado pelas queimadas, e setembro todo engrinaldo e perfumado pelas flores de laranjeiras, tão suaves como saudades de beijos mortos...

E o mísero velho, encanecido apenas com doze meses de idade, há de confiar as longas barbas de ermitão solitário, e há de cerrar os olhos trêmulos e pestanejantes, abertos num clarão passageiro, fechados na escuridão eterna...

Chegará então S. Silvestre, e levará nos braços o triste velhinho para o céu, depois de rezar-lhe por alma os responsos profundos da igreja, que dos abismos clamam, na sua monotonia de salmos sagrados.

Dirá S. Silvestre depois ao cadáver do aniquilado velhinho:

“Foste como os outros, miserando ano velho! Espalhaste a fome pelos casais, a peste pelas cidades, a guerra entre as nações, a desídia entre os homens, o ódio entre os amigos, a infidelidade entre as mulheres...

Foste mau, foste horrível, clamorosamente iníquo!

Mas a culpa tu não a tens: como teus irmãos, vieste ao mundo para espalhar o mal, para eternizar a demência, para a juntar mais uma conta de luto ao eterno rosário do desfilar dos séculos...

Mas assim mesmo ungi-te, como aos outros teus irmãos que se foram antes de ti: ungi-te os olhos, que tantos horrores viram, os ouvidos, que tantos trons de canhões ouviram, em guerras injustas, em hecatombes infernais; o nariz que sorveu os miasmas das putrefações de tantos corpos; a boca, que se prostituiu em beijos infíéis e em tantas mentiras satânicas; as mãos poluídas por tantos contatos asquerosos; e os rins, os teus extenuados rins, que luxuriosamente se finaram nos embates da carne...

Mas mesmo assim tu foste o mais bem aquinhado dos anos: para a redenção dos teus pecados basta-te o extraordinário jubileu que festejaste, a imaculada festa da concepção puríssima da Virgem...

As orações que se rezaram, purificaram-te para todo o sempre!

JOÃO CARRILHO.

ANO 1 – NUM.43    Cidade da Conceição, 15 de Janeiro de 1904.    MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS

### CRÔNICA

Sobre o teatro nacional, nem uma palavra: é entidade inexistente... Proclamam isto as publicações artísticas do Rio, e os jornais em suas seções de arte. Temos poetas e romancistas capazes de competir com os melhores do mundo, desde que se não trate de gênios, que são exceções: Schiller, Goethe, Shakespeare, Camões, Dante, Hugo, Balzac... Mas dramaturgos não temos; lá um ou outro autor de dramalhões sentimentais de vez em quando surge, e desaparece como surgiu. Nenhum drama brasileiro se immortalizou; as comédias, por serem de costumes locais, não vão além da sociedade que as reproduz.

No centro mais culto da nossa terra, na capital do país, o gosto do povo abaixou-se a um grau de depravação nunca visto; as revistas obscenas, preches de canções e balanceamentos de ancas, repetem-se invariavelmente, encenado com mais ou menos fidelidade as mesmas torpezas, as mesmas graças chulas e depravadas. Nada de moral. É a ostentação do vício, é a apoteose do desbrío.

E os nossos melhores talentos, que bem podiam reerguer o teatro nacional, dando-lhe alma e vida, deixam-se levar pelos aplausos da plebe falaciosa; coroados de bravos e palmas, recebem de conserva e parceria com as atrizes (que quase nuas se exibem) a passageira dignificação das noites velozes.

Nenhuma família que se preze poderá assistir, do princípio ao fim, as representações das revistas teatrais, este misto de ópera, opereta, drama, comédia e vaudeville. Apimentadas e lúbricas, essas peças de teatro são feitas a propósito: obrigam as meretrizes e os desocupados a passarem alguns instantes impressionados pela própria vida que levam.

Desde que não temos autores dramáticos, é muito natural a escassez dos nossos atores. João Caetano ficou único. E alguns, que bem podiam alcançar as alturas onde os talentos pairam, prostituem por necessidade as suas vocações artísticas: o tango infecto e caprico mede

o valor dos artistas pela destreza das pernas. A truanesca figura dos palhaços expulsou dos nossos palcos a máscara severa dos antigos gregos.

No entanto, é bem certo que não nos faltam vocações artísticas, criaturas fadadas para o proscênio.

Um dos exemplos é essa galante menina que anda a espancar o tédio absoluto das nossas intermináveis noites. Alzira Lessa, tão grácil e elançada, tão risonha e cativante, a promessa de uma atriz que fatalmente se imporia.

Rosa em botão, doce lírio convale que apenas desabrocha, expandir-se-ia fulgurantemente em outra terra que não a nossa. Os seus voos de beija-flor poético transformar-se-iam em quietos e ondeantes adejos de águia entre as nuvens.

Belo rosto, voz tão pura, graça elegante, eis os predicados da interessante menina; a sua vivaz inteligência há de por certo distingui-la um dia entre o enxame dourado das nossas atrizes, tão fúteis umas, outras tão dolorosamente atiradas aos paludes dos cafés – cantantes.

É esta doce criança a alma que anima a trupe artística que, a semelhança das improvisadas companhias dos tempos molièrescos, boemiamente vagueia por estas tristes cidades do norte, tão desanimadas e desertas, tão acabrunhadamente isoladas, cheias de mágoas e rugas como pobres avozinhas sem netos, andrajosas como mendigos, doloridas como irmãs de caridade.

Que a menina Alzira receba os salamaleques pelo conforto rápido embora, que o seu sorriso lhe trouxe à alma para sempre desamparada...

JOÃO CARRILHO.



ANO 1 – NUM.45    Cidade da Conceição, 12 de Fevereiro de 1904.    MINAS-BRASIL

## CONCEIÇÃO DO SERRO

### ÓRGÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO

**REDATOR: DR. ALPHONSO DE GUIMARAENS**

#### CRÔNICA

Que os leitores me desculpem se dou hoje para agriólogo. Não se assustem: não lhes surgirá diante dos olhos amedrontados nenhum flos-sanctorum carunchoso, mais cheio de milagres que o céu de estrelas.

Apenas algumas observações de filósofo barato, que tira ilações e consequências do fundo das suas vazias algibeiras; e bom é dizer que estas raras vezes abrigam carinhosamente outra coisa de maior valor intrínseco.

Cinco santos houve, e grandes todos à exceção do quinto, que trouxeram no mundo temporal o nome de Francisco: e este nome foi antes uma antonomásia que o povo deu ao primeiro por ser perito na língua francesa, sendo italiano da Úmbria.

Foi o primeiro aquele seráfico e suave Assis, que recebeu as chagas do Senhor. Tudo que se diga deste escurece diante do resplendor que o engrinalda para todo o sempre.

Riquíssimo, abandonou todos os seus bens e fez voto de pobreza, ao contrário dos santarrões de hoje em dia que fizeram, quase todos, votos de riqueza e de prosperidade... Fundou a ordem dos Menores. Os seus discípulos nada podiam possuir. Daí a lendária pobreza franciscana, que passou para todas as línguas como a mais forte expressão da falta daquilo com que se compram os melões.

Francisco de Paula foi o segundo santo desse nome gaulês. Italiano também, desde a infância se dedicara ao serafim de Assis, de quem lhe deram o nome. Em sinal de humildade para com o seu mestre, que fora o chefe dos Menores, fundou a ordem dos Mínimos, os últimos entre todos; continuou a honrar as tradições da ausência de numerário, que tanto celebrizavam os franciscanos.

Xavier foi o terceiro santo desse nome. Cognominado o apóstolo das Índias, pelas grandes conversões que praticou no oriente trazendo para o seio de Cristo milhares de infiéis, morreu quando, ao sair de Goa, seguia para a China.

Francisco de Sales foi o quarto santo que fez brilhar na terra um nome que já cintilava três vezes.

Fidalgo e erudito, tendo surgido nos tempos da Reforma, lutou contra o calvinismo com todas as forças de sua alma eleita. Criou a Ordem da Visitação, confiando a sua direção à piedosa Dama do Chantal, com quem espiritualmente se ligara, à semelhança de S. João da Cruz e Santa Tereza, a excelsa poetisa.

Francisco de Bórgia foi o quinto santo que se abrigou sob a túnica do grande nome.

Deste direi apenas que foi inquisidor geral e que pertencia à família de Bórgia.

E basta: Alexandre VI, Cesar Bórgia e Luerecia, o assassino e o incesto, são monstros que até hoje nos fazem arrepios de medo e asco...

- Mas ao que vem aqui os nomes destes santos? Dirá consigo a minha velha leitora, concertando os óculos e pitadeando com estrondo.

É que Francisco de Paula governa atualmente a federação brasileira, e Francisco de Sales é timoneiro nosso: a quebradeira franciscana que nos cerca bem pode prever da influência oculta dos nomes daqueles santos, através dos séculos...

Quem sabe?

(...)as, mesmo assim, con(... a ser mais salesiano (...eu foi o próprio Dom (...), e do que o atual(...) o meu respeitável e (...)cado amigo Bressane.

JOÃO CARRILHO.